



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING

SEVERINA BATISTA DE FARIAS KLIMSA

PROPOSTA DE DICCIONARIO INFANTIL BILINGUE LIBRAS/PORTUGUES

João Pessoa

2016

SEVERINA BATISTA DE FARIAS KLIMSA

PROPOSTA DE DICIONARIO INFANTIL BILINGUE LIBRAS/PORTUGUES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Doutor em Linguística, sob orientação da Profa. Dra. Evangelina Maria Brito Faria.

João Pessoa

2016

K65p Klimsa, Severina Batista de Farias.
Proposta de dicionário infantil bilíngue Libras/Portugues /
Severina Batista de Farias Klimsa. - João Pessoa, 2016.
229 f. : il. -

Orientadora: Evangelina Maria Brito Faria.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL

1. Linguística. 2. LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.
3. Lexicografia. 4. Dicionário Bilíngue. 5. Língua de Sinais –
Dicionário. I. Título.

UFPB/BC

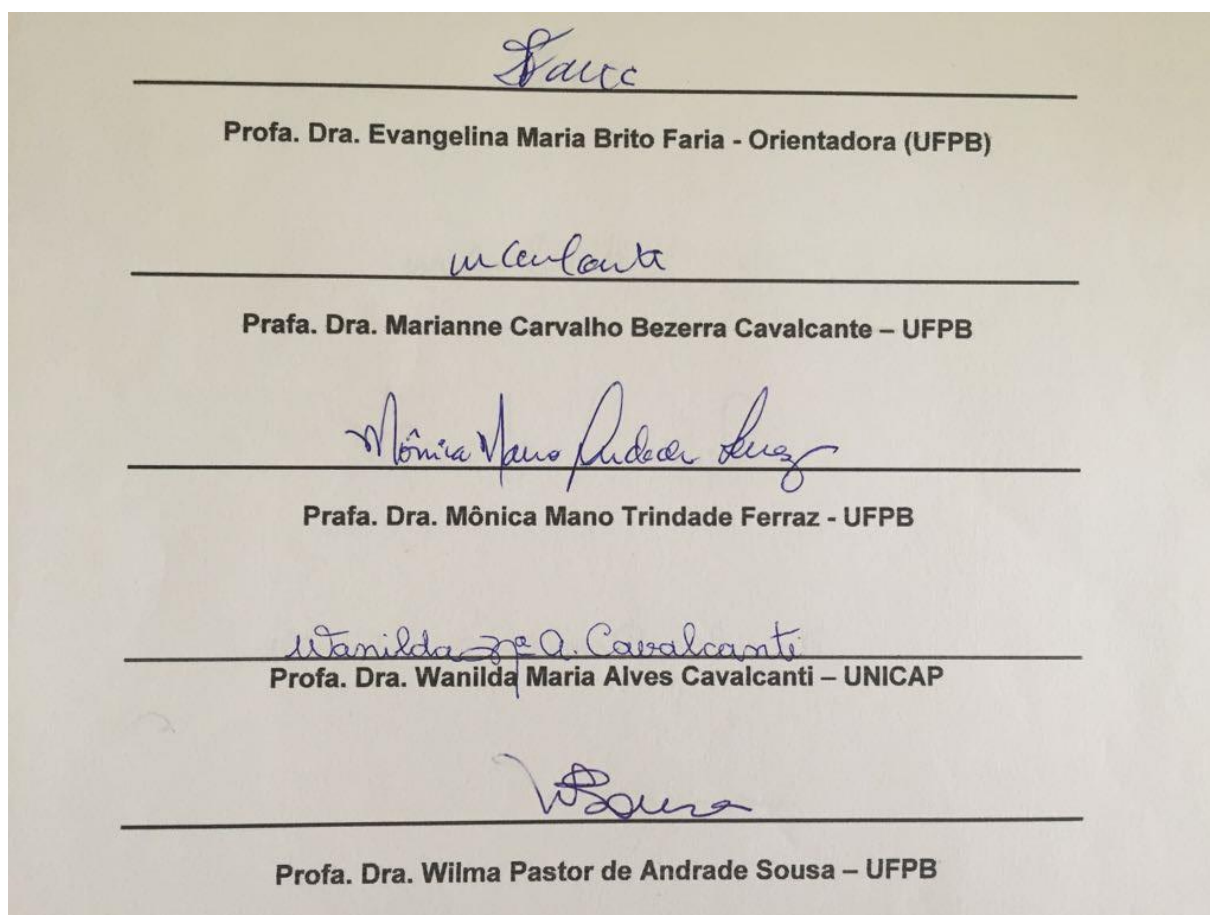
CDU: 801(043)

SEVERINA BATISTA DE FARIAS KLIMSA

PROPOSTA DE DICCIONARIO INFANTIL BILINGUE LIBRAS/PORTUGUES

Banca examinadora

Aprovada em: 23/08/2016



João Pessoa

2016

Para meus pais, *Antônio Farias* e *Lúcia Farias*, por terem me oportunizado, desde minha infância, todas as condições para a conclusão de meus estudos.

Para *Bernardo Klimsa*, o grande amor da
minha vida, por todo companheirismo, apoio e
cumplicidade em cada momento nos últimos 10
anos.



Este trabalho é dedicado a princesa *Fiorella*,
representando toda Comunidade Surda Brasileira.
Sem vocês esse sonho não teria sido realizado.
Muito obrigada!

Para *Vanda Pinheiro*, você sabe que
nunca vou desistir, minha eterna amiga!

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da minha vida, por permitir realizar esse sonho.

A professora Evangelina Farias, pela compreensão, paciência e orientação em todas as etapas de minha caminhada para a conclusão da tese.

A professora Marianne Cavalcante, por suas sugestões valiosas na banca de qualificação.

A professora Wanilda Cavalcanti, por sua contribuição na banca de qualificação, e especialmente por carinho e ensinamentos que levarei para o resto de minha vida.

A todos os professores do Departamento de Psicologia e Orientação Educacional (DPOE) da UFPE, pelo apoio e compreensão quando do meu afastamento do trabalho para conclusão de meus estudos.

Ao professor Antônio Cardoso, pelo incentivo e torcida na conclusão dessa etapa de minha vida.

Ao professor Francisco Lima, pelas conversas esclarecedoras quando mil dúvidas surgiam em minha cabeça.

A querida Roberta Soares, por se dispor tão gentilmente a posar para as fotos e fazer os vídeos para a tese.

A Roberta Alencar, por ter sido minha modelo de mão.

A Jimmy Leão, por ter feito, tão cuidadosa e pacientemente, a editoração gráfica da proposta do dicionário.

A Rafael Emil, pelo carinho com que aceitou fazer a edição dos vídeos.

A Ronny, pelo apoio na leitura dos textos da tese quando eu não mais conseguia ler.

A Tânia Nery, minha eterna professora, um exemplo de mulher a quem quero seguir sempre.

A minha amiga Norma Maciel, por seu carinho, amizade e incentivo que sempre foram e serão muito importantes para mim.

Aos meus queridos amigos Ewerton Ávila, Kátia França, Viviane Lins e Chirlene Cunha, pelas idas e vindas de Recife a João Pessoa, pelas palavras de incentivo nas horas de desânimo, por tantas informações da área de linguística e, especialmente, pelas risadas em todos os momentos durante os quatro anos do doutorado.

Aos professores do Doutorado da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pelos ensinamentos e exemplos de simplicidade.

A Ronil do Proling, por sua gentileza e presteza nos momentos em que precisei de informações, documentos e outros.

Aos professores surdos da UFPE, pela torcida.

A Jurandir Dias, por ter me apresentado os trabalhos lexicográficos de Biderman.

A todos meus ex-alunos da UFPE e UFRPE, pelos ensinamentos e incentivos.

A comunidade Surda Pernambucana, que sempre me acolheu em sua cultura e língua.

Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão desse sonho e em todas as etapas de minha vida.

RESUMO

Os dicionários são obras importantes para o registro do léxico de diferentes línguas, sejam estas orais ou visuais, e para o contexto escolar. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem uma tradição antiga na produção de dicionários. O objetivo de nossa tese é propor um modelo de dicionário infantil bilíngue Libras/Português destinado a crianças surdas em processo de alfabetização inicial do primeiro ano do ensino fundamental. Para a elaboração dessa proposta, seguimos as orientações estabelecidas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para os dicionários do Tipo 1, que corresponde ao 1º ano do ensino fundamental. Inicialmente, para compreendermos as escolhas lexicais adotadas pelos autores, realizamos uma pesquisa nos dicionários: Meu Primeiro Dicionário Caldas Aulete com a turma do Cocoricó, Meu Primeiro Dicionário Saraiva da Língua Portuguesa Ilustrado e Blucher infantil ilustrado, obras aprovadas e adequadas ao contexto escolar pelo respectivo programa. Nosso corpus é composto por 500 verbetes pertencentes ao universo infantil, selecionados do Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (2001) e dos três volumes do livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação (2009). A pesquisa se insere na área de estudos da lexicografia de acordo com os estudos de Biderman (1998), Carvalho (2001), Barros (2004), e da Libras com os trabalhos de Felipe (1989), Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (2010). Os resultados demonstram que é possível a criação desse tipo de obra em Libras, pois contribuirá para o desenvolvimento educacional das crianças surdas e, como recurso didático, apoiará o trabalho de professores em sala de aula.

Palavras-chave: Lexicografia, Libras, Dicionário Bilíngue.

ABSTRACT

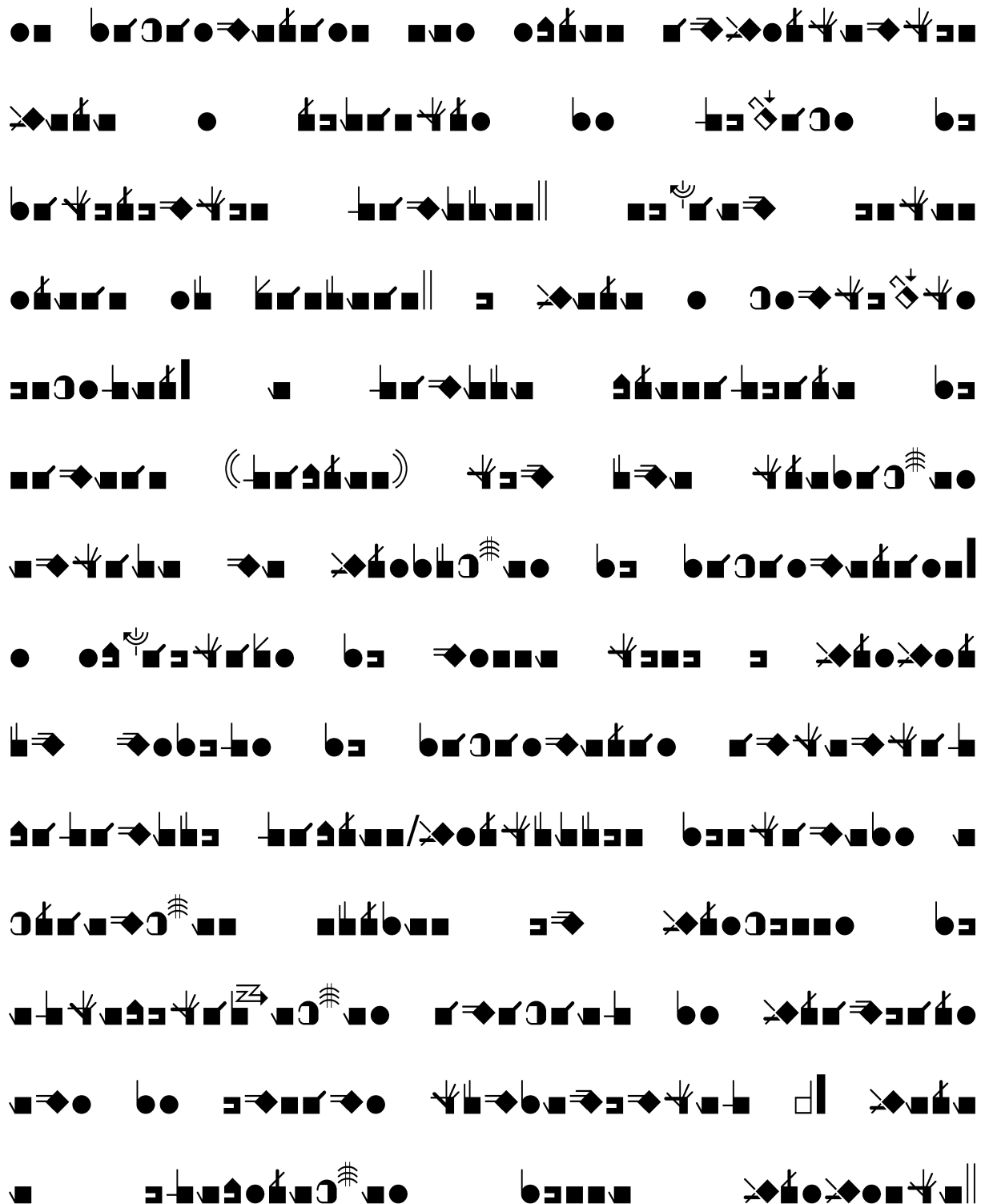
Dictionaries are important works for the lexicon registry of different languages, whether oral or visual, and the school context. The Brazilian Sign Language (Libras) has a long tradition in the production of dictionaries. The aim of our thesis is to propose a model of bilingual children's dictionary Libras / Portuguese for the deaf children in early literacy process of the first year of elementary school 1. For the development of this proposal, we follow the guidelines established by the National Textbook Program (PNLD) for dictionaries type 1. Initially, to understand the lexical choices adopted by the authors, conducted a survey in dictionaries: My First Dictionary Caldas Aulete with the class of Cocoricó, My First Dictionary Saraiva the Portuguese Language and Blucher Illustrated children's Illustrated, projects approved and appropriate to the school context by its program. Our corpus consists of 500 entries belonging to the infant universe, selected from Deit-Libras: Encyclopedic Dictionary Illustrated Trilingual the Brazilian Sign Language (2001) and the three volumes of the Illustrated Book of Brazilian Sign Language: unmasking communication (2009). The research is inserted in the lexicography of the fields according to the study Biderman (1998), Carvalho (2001), Barros (2004), and Libras with Felipe works (1989), Quadros and Karnopp (2004) and Ferreira- Brito (2010). The results demonstrate that the creation of this type of work in Libras is possible, because it will contribute to the educational development of deaf children and as a teaching resource to support the teachers working in the classroom.

Keywords: lexicography, Libras, Dictionary Bilingual.

RÉSUMÉ

Les dictionnaires sont des travaux importants pour le registre de lexique de différentes langues, qu'elles soient orales ou visuelles, et le contexte scolaire. Le Brésilien Sign Language (Libras) a une longue tradition dans la production de dictionnaires. Le but de notre thèse est de proposer un modèle de Libras dictionnaire des enfants bilingues / portugais pour les enfants sourds dans le processus d'alphabétisation précoce de la première année de l'école élémentaire 1. Pour l'élaboration de cette proposition, nous suivons les lignes directrices établies par le Programme Textbook national (PNLD) pour les dictionnaires de type 1. dans un premier temps, de comprendre les choix lexicaux adoptés par les auteurs, a mené une enquête dans les dictionnaires: Mon premier dictionnaire Caldas Aulete avec la classe de Cocorico, My First Dictionnaire Saraiva la langue portugaise et Illustrated Blucher Illustrated enfants, des projets approuvés et adaptés au contexte scolaire par son programme. Notre corpus comprend 500 entrées appartenant à l'univers du nourrisson, choisi parmi Deit-Libras: Dictionnaire encyclopédique illustré trilingues le Brésilien Sign Language (2001) et les trois volumes du Livre Illustré de Brazilian Sign Language: communication démasquage (2009). La recherche est inséré dans la lexicographie des champs selon l'étude Biderman (1998), Carvalho (2001), Barros (2004), et livres avec Felipe œuvres (1989), Quadros et Karnopp (2004) et Ferreira- Brito (2010). Les résultats démontrent que la création de ce type de travail en livres est possible, car il contribuera au développement de l'éducation des enfants sourds et comme une ressource pédagogique pour soutenir les enseignants qui travaillent dans la salle de classe.

Mots-clés: lexicographie, livres, Dictionnaire bilingue.



[illegible]

A row of 12 icons: a square with a notch, two circles, a tree, a square with a cross, a circle, a square with a cross, a diamond with a cross, a square with a cross, a circle, a square with a cross, a tree, and a circle.

[illegible]

● ■ ■ ○ ■ ■ ■ ■ ◆ ○ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ○ ■ ■ ◆ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Imagem de Bonet e seu alfabeto manual

Figura 02 - Imagem de Bulwer e de seu alfabeto manual

Figura 03 - Imagem de Holder e da capa do livro *Elements of Speech: na essay of inquiry into the natural production os letters: with na apêndix concernring persons deaf & dumb*

Figura 04 - Imagem com estampas de mãos de Austin

Figura 05 - Capa do Dictionnaire des sourds-muets

Figura 06 - Imagem de Sicard e da capa do livro: *Théorie des signes ou introduction à l'étude des langues, où le sens des mots au lieu d'éfiri, est mis em action*

Figura 07 - Imagem de Bébien e da capa do livro: *Langue de signes française: Mimographie*

Figura 08 - Capa do livro: *De l'éducation des sourdes-muets de naissance*

Figura 09 - Imagem das estampas do livro *Versinnlichte Denk und sprachlehre*

Figura 10 - Capa do *Dictionnaire usuel de Mimique et de dactylogologie*

Figura 11 - Capa do livro **Iconographie des signes**

Figura 12 - Estampa com sinais de Pélissier

Figura 13 - Capa: Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos

Figura 14 - Estampa com sinais de verbos de Flausino da Gama

Figura 15 - Capa do livro Linguagem das Mãos

Figura 16 - Sinal 226: PECAR

Figura 17 - Capa do manual Comunicação Total e exemplos das descrições dos sinais

Figura 18 - Capa do manual Comunicando com as mãos

Figura 19 - Sinal 428: Viver

Figura 20 - Capa do Manual de sinais bíblicos: o clamor do silêncio

Figura 21 - Sinal de Maná

Figura 22 - Capa do livro: Linguagem de Sinais

Figura 23 - Sinal de Convidar

Figura 24 - Capa do Manual Ilustrado de Sinais e Sistema de Comunicação em Rede para Surdos

Figura 25 - Sinal de Vinho

Figura 26 - Capa do Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira

Figura 27 - Sinal de Fraco

Figura 28 - Capa do Manual Libras: a imagem do pensamento

Figura 29 – Sinal de Evitar

Figura 30 - Capa do Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue de Língua de Sinais Brasileira

Figura 31 - Sinal de Água

Figura 32 - Capa dos três volumes do livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação

Figura 33 - Sinal de Claro

Figura 34 - Capa do dicionário ilustrado de Libras

Figura 35 - Sinal de Começar

Figura 36 - Capa do Dicionário e exemplo de verbetes do *The Gallaudet Children's Dictionary*

Figura 37 - Capa do Dicionário e exemplos de verbetes do *The Gallaudet Dictionary of American Sign Language*

Figura 38 - Dicionário da Língua Brasileira de Sinais online

Figura 39 - Sinais: Esquecer, Brincar e Ajudar

Figura 40 - Sinais: Falar, Preto e Telefone

Figura 41 - Quadro de configurações das mãos

Figura 42 - Espaço de sinalização

Figura 43 - Sinais: Ajudar e Brincar

Figura 44 - Sinais: Esquecer e Alemanha

Figura 45 - Sinais: Trabalhar e Maçã

Figura 46 - Sinais: Ajoelhar e De pé

Figura 47 - Sinais: Querer e Querer-não

Figura 48 - Sinal: Avisar

Figura 49 - Sinais: Feio e Triste

Figura 50 - Exemplos de Telefonar/Telefone – Sentar/Cadeira

Figura 51 - Capa da obra “Meu Primeiro Dicionário Saraiva da Língua Portuguesa Ilustrado”

Figura 52 - Página do verbete do dicionário Saraiva infantil

Figura 53 - Capa da obra Meu Primeiro Dicionário Caldas Aulete com a turma do Cocoricó

Figura 54 - Imagem do verbete do dicionário Caldas Aulete

Figura 55 - Capa do dicionário Blucher Infantil Ilustrado – Dicionário Visual da Língua Portuguesa

Figura 56 - Página do verbete do dicionário Blucher Infantil Ilustrado

Figura 57 - Modelo da capa do DIBLIP

Figura 58 - Modelo da folha de rosto do DIBLIP

Figura 59 - Exemplo do verbete Abelha

Figura 60 - Exemplo do verbete Bola

Figura 61 - Exemplo do verbete Conversar

Figura 62 - Exemplo da letra do alfabeto manual em Libras e das quatro formas de grafar no alfabeto em língua em portuguesa

Figura 63 - Exemplo do verbete Formiga com separação silábica

Figura 64 - Exemplos do verbete Igual

Figura 65 - Exemplo do verbete Ganhar

Figura 66 - Exemplo do verbete Irmão

Figura 67 - Sinal para o comparativo de igualdade

Figura 68 - Exemplo do verbete Azul

Figura 69 - Exemplo do verbete Cachorro

Figura 70 - Modelo do verbete Carro

Figura 71 - Exemplo do verbete Unha

Figura 72 - Exemplo do verbete Avisar

Figura 73 - Exemplo do verbete Sono

Figura 74 - Exemplo do verbete Tesoura

Figura 75 - Exemplo do verbete Zebra

Figura 76 - Exemplo do verbete Avisar

Figura 77 - Exemplo do verbete Árvore

Figura 78 - Exemplo do verbete Sol

Figura 79 - Exemplo do verbete Vaca

Figura 80 - Exemplo do Verbetes Pintar

Figura 81 - Exemplo do verbete Feliz

Figura 82 - Exemplo do verbete Bebê, Família e Gostar

Figura 83 – Exemplo da imagem dos verbetes Remédio, Quebrar e Olhar

Figura 84 – Exemplo do campo temático Animal

Figura 85 – Tela de abertura do DVD

Figura 86 – Tela com lista de verbetes

Figura 87 – Tela de tradução do sinal e do conceito do verbete

Figura 88 – Tela de tradução das frases

Figura 88 – Exemplo da imagem dos verbetes Remédio, Quebrar e Olhar

Figura 89 – Exemplo do campo temático Animal

Figura 90 – Tela de abertura do DVD

Figura 91 – Tela com lista de verbetes

Figura 92 – Tela de tradução do sinal e do conceito do verbete

Figura 93 – Tela de tradução das frases

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Classificação dos dicionários segundo PNLD

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Esquema do Léxico

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Exemplo de morfemas do português

Quadro 02 - Exemplo de morfemas da Libras

Quadro 03 - Exemplo de os morfemas Querer e Querer-Não

Quadro 04 - Modelo da ficha catalográfica dos sinais

Quadro 05 - Sinais selecionados de acordo com o campo temático

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Copavi	Cooperativa Padre Vicente de Paulo Penido Burnier
DIBLIP	Dicionário Infantil Bilíngue Libras/Português
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
INL	Instituto Nacional do Livro Didático
JMN	Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira
Lance	Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	29
CAPÍTULO 1 - PERSPECTIVAS TEÓRICAS	34
1.1 SOBRE DICIONÁRIOS	34
1.1.1 Algumas considerações iniciais	35
1.1.2 Tipos de dicionários existentes	38
1.1.3 A seleção de informações sobre a língua para o dicionário	40
1.1.4 A organização das informações nos dicionários	42
1.1.5 Palavras ou sinais que não se encontram nos dicionários	45
1.1.6 Palavras ou sinais que constam num dicionário	46
1.2 LEXICOGRAFIA E DICIONÁRIOS BILÍNGUES	47
1.2.1 Os dicionários bilíngues	49
1.2.2 Classificação dos dicionários bilíngues	50
1.2.3 Estrutura do dicionário bilíngue	51
1.3 O PNLD E OS DICIONÁRIOS INFANTIS	53
1.4 OS DICIONÁRIOS EM LÍNGUA DE SINAIS	58
1.4.1 Percurso histórico	59
1.4.2 Tipos de dicionários em Línguas de Sinais: função e destinatários	88
1.4.3 Formas de representação: dicionários impressos e digitais	91
1.4.4 Formas de compilação lexicográfica: principais desafios para a ordenação dos sinais	95
1.5 ASPECTOS LEXICAIS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)	97
1.5.1 O léxico da Libras	98
1.5.2 O sinal como aspecto lexical	103
1.5.3 A ampliação lexical nos processos de formação de sinais da Libras	109
1.5.4 A ampliação lexical por empréstimos	117
CAPÍTULO 2 - PERCURSO METODOLÓGICO	120
2.1 O corpus	120
2.2 Caracterização e análise dos dicionários	122
2.3 Seleção dos sinais	130

2.4	Seleção dos campos temáticos.....	133
2.5	Critérios para construção do DIBLIP.....	134
CAPÍTULO 3 - PROPOSTA DO DICIONÁRIO INFANTIL BILINGUE		137
LIBRAS/PORTUGUES (DIBLIP).....		
3.1	Versão impressa.....	137
3.1.1	Textos externos.....	137
3.1.1.1	Capa.....	137
3.1.1.2	Folha de Rosto.....	139
3.1.1.3	Sumário.....	139
3.1.1.4	Apresentação ao aluno.....	140
3.1.1.5	Guia do educador.....	140
3.1.1.6	Como usar este dicionário.....	140
3.1.1.7	Apêndice dos campos temáticos.....	142
3.1.1.8	Índice remissivo.....	142
3.1.2	Aportes estruturais.....	142
3.1.2.1	Ordem alfabética.....	143
3.1.2.2	Forma das entradas lexicais.....	145
3.1.2.3	Fontes.....	147
3.1.2.4	Divisão Silábica.....	148
3.1.2.5	Definições dos verbetes.....	149
3.1.2.6	Exemplos.....	166
3.1.2.7	Imagens.....	170
3.1.2.8	Campos temáticos.....	172
3.2	Versão DVD.....	173
3.2.1	Tela de Abertura.....	173
3.2.2	Tela com a lista dos verbetes.....	174
3.2.3	Tela de tradução do sinal e do conceito do verbete.....	175
3.2.4	Tela de tradução das frases.....	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		178
REFERÊNCIAS.....		181
APÊNDICE.....		186
ANEXOS.....		201

INTRODUÇÃO

“Os dicionários são criadores, tanto de ilusões quanto de
desilusões, transformando-se, de alguma maneira, em
objetos míticos: aquilo que está neles está bem dito, o
que não está, não! ”

M. Alvar Esquerria

Consultar dicionários é uma prática bastante comum, especialmente quando se trata de algum assunto específico que se queira saber e/ou conhecer. As pessoas usam os dicionários de diferentes tipos para fins diversos, desde saber o significado de uma palavra desconhecida até conhecer um novo verbete numa língua diferente. Segundo Sofiato e Reyle (2014), os dicionários de línguas, têm se constituído na cultura ocidental, de acordo com Bagno (2011, p. 119), como “um dos principais instrumentos de descrição, prescrição, codificação e legitimação do modelo idealizado de uma língua correta”.

As línguas de sinais, como as línguas orais em diferentes países sempre demandaram registros ao longo da história, quer para o ensino, quer para difusão do léxico da língua entre surdos e ouvintes interessados. No Brasil, tal fato ocorreu com a Língua Brasileira de Sinais – Libras, principalmente após a homologação da Lei nº 10.436 em 2002, que a reconhece como língua oficial da comunidade surda brasileira. Desde então, a publicação de dicionários nesta língua tem sido promovida no país e o sentido atribuído por Bagno (2011) pode ser observado também nos dicionários de línguas de sinais, apesar das peculiaridades estruturais que apresentam.

No Brasil, o ano de 2000 representou um marco, pois foi nessa ocasião que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação e Cultura (MEC) passou a incluir dicionários em sua avaliação. Essa inclusão provocou muitas mudanças, entre elas, a proliferação desse tipo de obra, mudanças no potencial de informações que os dicionários comportam, além de passarem a ser distribuídos aos

alunos do ensino Fundamental juntamente com os livros didáticos analisados pelo programa.

Essas obras foram, dessa forma, caracterizadas pelo Programa Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação e Cultura PNLD/MEC em 2006, passaram pelo crivo de especialistas, foram analisadas sobre diversos critérios e consideradas aprovadas, portanto, adequadas ao público-alvo a que se destinam.

Os estudos lexicográficos das línguas de sinais, se comparado ao das línguas orais, especialmente pelo reconhecimento de seus status linguístico são bem recentes. O primeiro dicionário de Libras que surgiu no Brasil foi a *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, de autoria de Flausino da Gama, em 1875. A partir do século XX, raros são os registros existentes. No século XXI, com a democratização das tecnologias digitais, vários dicionários começaram a surgir de forma impressa e também, *online*.

Elaborar um dicionário em línguas de sinais não é uma tarefa fácil e tem sido um desafio histórico desde as primeiras formas de representação dessa língua. Isso é observado quando os aprendizes tentam de forma autônoma executar algum sinal e não conseguem pela dinâmica e dimensionalidade visual da língua. Sendo assim, de acordo com Sofiato e Reyle (2014), sem a presença de um mediador, a leitura da imagem e a produção dos sinais podem ficar muitas vezes comprometidas.

A partir da utilização em sala de aula do Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingue de Língua Brasileira de Sinais – Libras, Capovilla (2001) quando atuávamos como docente no Ensino Fundamental dos anos iniciais com estudantes surdos no período de 1997 até 2004, na educação superior privada entre 2006 e 2012 e, atualmente ministrando a disciplina de Libras na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, com os estudos de Biderman (1998), Carvalho (2001), Quadros e Karnopp (2004) no doutorado em linguística surgiu nosso interesse em pesquisar sobre dicionários, especialmente os direcionados ao público infantil, por se tratar de uma área pouco investigada. A constatação de que no Brasil não há obras lexicográficas destinadas a crianças surdas em processo de alfabetização suscitou a escolha do tema, o que nos fez direcionar nosso olhar para alguns questionamentos condutores desse estudo.

Assim, o problema de nossa pesquisa pode ser explicitado nas seguintes questões: (1) por que não são elaboradas obras lexicográficas, tendo a Libras como primeira língua (L1) e a língua portuguesa como segunda língua (L2) como material de apoio didático adequado ao processo de alfabetização de crianças surdas no Ensino Fundamental dos anos iniciais? Que tipo de obra lexicográfica seria a mais interessante para dá suporte ao trabalho de alfabetização inicial realizado pelos professores para crianças surdas no primeiro ano do ensino Fundamental? Com base nesses questionamentos, consideramos que os estudos da lexicografia nas línguas de sinais, bem como da Libras ainda são recentes e necessitam de pesquisas que enfoquem diferentes áreas do conhecimento, especificamente aquelas direcionadas ao público infantil e que sejam adequadas as demandas iniciais do processo de alfabetização. Um dicionário infantil bilíngue Libras/Português, obra com características destinadas ao aprendiz surdo brasileiro, que tem a Libras como L1 e o português como L2, é um material de apoio didático que sendo utilizado em sala de aula pelo aluno, com suporte do professor, pode promover um maior contato da criança com as línguas (Libras e Português) e facilitar a realização de atividades que estejam relacionadas aos processos iniciais de alfabetização, ou seja, a criança surda poderá consultar verbetes no dicionário para conhecer o significados dos sinais e palavras, tirar dúvidas sobre a produção espacial do sinal ou grafia da palavra, na escola ou em sua casa.

Objetivamos, neste trabalho, propor a elaboração de um dicionário infantil bilíngue Libras/Português (DIBLIP) destinado a crianças surdas em processo de alfabetização inicial do primeiro ano do Ensino Fundamental, por acreditarmos que essa obra atua como um suporte essencial para o desenvolvimento da competência lexical de seus consulentes, o que contribui para uma sociedade letrada e uma comunidade linguística que se revela eficiente usuária da língua. Para isso, seguimos as orientações do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) para os dicionários do Tipo 1, e selecionamos 500 verbetes (quantitativo mínimo exigido pelo PNLD para os dicionários do tipo 1) que privilegiam o universo infantil de dicionários oficiais de Libras.

Optamos por um respaldo teórico integrado que desse conta do objeto que nos propomos: O dicionário infantil bilíngue Libras/Português. Ancoramos nosso estudo

nos pressupostos teóricos da Lexicografia e Lexicografia Bilíngue, com base nas concepções de Biderman (1998), Carvalho (2001), Barros (2004), e nos estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais de Felipe (1989), Quadros e Karnoóp (2004), Ferreira-Brito (1995).

Estruturamos o trabalho em três capítulos: No capítulo 1 – Perspectivas Teóricas, nosso objetivo é apresentar uma discussão acerca dos dicionários, da lexicografia e dicionários bilíngue, do PNLD e os dicionários infantis, uma retrospectiva histórica dos primeiros dicionários de línguas de sinais existentes e, finalizando o capítulo, apresentamos uma breve revisão sobre os aspectos lexicais da língua brasileira de sinais. No capítulo 2 – Percurso Metodológico, traçamos em detalhes toda a Proposta de Dicionário Infantil Bilíngue Libras/Português. No capítulo 3 – Modelo do Dicionário, apresentamos o modelo do dicionário.

Acreditamos que esse estudo possa contribuir para o processo de alfabetização de crianças surdas no atual modelo de educação bilíngue, que possa servir de apoio ao trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula e impulse novas pesquisas para elaboração de dicionários de Libras, sejam estes: monolíngues, bilíngues, trlíngues ou temáticos, pois o mais importante é que isso se reverta em benefícios para a sociedade, especialmente a comunidade surda e para quem desejar ensinar e aprender a língua.

Assim, concebemos a Educação Bilíngue conforme os princípios apresentados por Skliar (1997), Lacerda e Lodi (2009), “este tipo de educação visa oferecer ao alunado surdo as condições necessárias de aprendizagem, por meio da língua de sinais – língua esta que deve ser oferecida desde a mais tenra idade por meio do contato com interlocutores surdos usuários de Libras” e, como material de apoio didático, nossa proposta de dicionário irá oferecer a criança surda acesso ao conhecimento e autonomia na hora de estudar.

O DIBLIP contempla o direito linguístico da pessoa surda e possibilita o acesso ao conhecimento, à cultura e às relações sociais através de sua língua de domínio, respeitando ainda suas condições diferenciadas de aprendizado, ou seja, metodológicas, e os aspectos culturais e sociais inerentes à surdez.

Além disso, defendemos com nosso trabalho o ensino da língua portuguesa como segunda língua (L2), para que se aprofunde o conhecimento de ambas as línguas e mundos. Por esse motivo, não poderíamos deixar de incluir a palavra bilíngue na nomenclatura da proposta. “Bilíngue” aqui significa uma metodologia de ensino e não apenas uma tradução de uma língua fonte para uma língua alvo.

CAPÍTULO 1 – PERSPECTIVAS TEÓRICAS

1.1 SOBRE DICIONÁRIOS

Os dicionários de tipos e formatos variados sempre estiveram presentes em nossas vidas, especialmente no ambiente escolar. São nosso objeto de recorrência quando temos dúvidas sobre o significado, sinônimo ou a grafia de determinada palavra desconhecida. Funcionam como uma obra que, também, auxilia à tarefa de leitura. “É um gênero textual que requer muito mais do que decodificação: requer aprendizado, experiência, intimidade e destreza”. (CARVALHO 2011, p. 142).

Segundo Tarp, 2008

qualquer tipo de dicionário constitui uma ferramenta de uso que, como outro artefato de mesma natureza, deve ser concebido e elaborado para satisfazer certo tipo de necessidade humana (TARP, 2008, p. 47).

Estas obras são importantes, pois, além de proporcionar aquisição lexical quando se busca o significado de um verbete, guardam as memórias escritas ou sinalizadas das línguas, estejam estas em extinção, ou mesmo constituem um meio privilegiado para disseminar uma língua, normatizar ou padronizar, fixando-a, com intuítos sociais, culturais e políticos.

Neste capítulo, objetivamos refletir sobre os dicionários, ponto central em nosso trabalho. Para isso, abordaremos sucintas considerações históricas sobre as primeiras formas de registrar palavras no mundo. Os diferentes tipos de dicionários existentes, as formas de organização estrutural, e a seleção das informações para constituição de sua base de dados, que não são um produto exclusivo das línguas orais, mas possíveis de existir nas línguas sinalizadas.

1.1.1 Algumas considerações iniciais

O surgimento das primeiras formas de registros, na realidade, listas de palavras, de que se tem conhecimento ocorreu entre 2200 e 2600 a.C. Embora não se possa classificar como dicionários, nos moldes atuais, sua origem, acredita-se ser da Mesopotâmia, mas alguns também foram encontrados nas escavações de Ebla, atual Síria e traduziam palavras sumérias em *Eblaita*. Nessa época eram feitos em tábuas com escritas cuneiformes e continham um repertório de nomes, profissões, divindades e alguns objetos que eram usuais.

No século I, os gregos criaram os *lexicons*¹ para catalogar palavras gregas. Tanto gregos quanto romanos utilizavam repertórios para esclarecimentos de dúvidas, termos e conceitos, porém os *lexicons* não eram organizados em ordem alfabética e limitavam-se às definições de termos linguísticos e literários. Só no final da Idade Média é que surgiram dicionários e glossários organizados alfabeticamente, devido à ascensão dos vernáculos e o investimento no latim como língua de cultura. (NUNES, 2006, p. 46)

A partir do século XI, um conjunto de dicionários medievais do latim circulavam pelos centros escolarizados da Europa. Eram organizados em ordem alfabética e direcionados a mestres e estudiosos. (NUNES, 2006, p. 47).

No século XV, com o advento da imprensa, os dicionários foram excessivamente difundidos e prezados em todo o mundo. No Brasil, os primeiros dicionários, literalmente nacionais, são bilíngues, português-Tupi e foram elaborados pelos jesuítas entre os séculos XVI e XVII.

O tipo de dicionário que é mais utilizado atualmente vem do renascimento e sua finalidade era a de traduzir as línguas clássicas para as línguas modernas. Mas, o que realmente é um dicionário?

¹ Palavra de origem grega “Lexicon” que significa Léxico. De acordo com CARVALHO (2001, p. 19) no sentido lato, é sinônimo de vocabulário.

Os dicionários de línguas são uma compilação de palavras ou sinais gerais ou especializados (termos), geralmente organizados em ordem alfabética e escritos em negrito. Cada palavra, sinal ou termo – ou seja, cada entrada – normalmente vem acompanhada de categoria gramatical, definição, termos relacionados e exemplos de uso cotidiano.

Os dicionários de forma geral reúnem dados sobre a classe gramatical das palavras, a regência e a divisão silábica, trazem orientações sobre a pronúncia, os sinônimos, os antônimos e os termos derivados ou relacionados. É possível encontrar as formas feminina, plural, aumentativa e superlativa indicado com abreviações previamente explicadas nas páginas iniciais. Nos dicionários, também constam explicações sobre formas das conjugações verbais, prefixos, sufixos, regras de acentuação gráfica, formas de tratamento, símbolos matemáticos e até tabelas de numerais. Alguns deles oferecem como conteúdo extra um resumo gramatical que permite tirar dúvidas sobre o emprego da crase e também do hífen.

Biderman (1998a), assim define o dicionário:

Um dicionário é constituído de entradas lexicais, ou lemas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um referente do universo extralinguístico. A lista total desses lemas constitui a nomenclatura do dicionário, a sua macroestrutura. Quanto ao verbete, essa microestrutura tem como eixos básicos a definição da palavra em epígrafe e a ilustração contextual desse mesmo vocábulo, que através de abonações por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de exemplos. Quanto à ilustração contextual (e/ou abonação), ela é essencial para explicitar claramente o significado e/ou uso registrado da definição. Claro está que os significados e usos referidos são aqueles já registrados e documentados em contextos realizados e não valores semânticos possíveis, eventualmente atribuíveis aos lexemas da língua. O verbete deve ser completado com informações sobre os registros sociolinguísticos do uso da palavra e remissões a outras unidades do léxico associadas a este por meio de redes semântico-lexicais. (BIDERMAN 1998a, p.18).

Biderman (1998b, p.131) aponta que “Os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. De acordo com a autora, os dicionários podem ser classificados com base na sua destinação e o público alvo.

Segundo Silva (2003), a organização de um dicionário pode ser de caráter formal (dicionário alfabético) ou semântico (dicionário conceitual). Ele é um objeto cultural com uma finalidade didática e apresenta o léxico de uma, duas ou mais línguas. Contém vários tipos de informações culturais sobre as palavras e tem um campo semântico muito vasto.

O dicionário é sempre organizado em torno de uma macroestrutura e de uma microestrutura.

Segundo Haensch (1982, p. 452), o elemento mais importante da macroestrutura de um dicionário é a ordenação dos materiais lexicais em conjunto, podendo ser por ordem alfabética, por ordem alfabética inversa, por famílias de palavras ou segundo um sistema conceitual.

De acordo com Santiago (2012), a macroestrutura de um dicionário é organizada em três partes principais: (1) as páginas iniciais da obra, (2) o corpo do dicionário e (3) as páginas finais do dicionário. As páginas iniciais, frequentemente incluem apresentação, prólogo, introdução, instruções de uso do dicionário, listas e abreviaturas. O corpo do dicionário é constituído pela nomenclatura em si, isto é, o dicionário propriamente dito.

Dentro macroestrutura estão as microestruturas, ou seja, os verbetes. Nas páginas finais da obra, estão os anexos, informações enciclopédicas, tabelas, bibliografia entre outros. Porém a organização dos elementos pode variar, sendo o autor o responsável pelos critérios de seleção das informações que serão importantes para os consulentes. (SANTIAGO, 2012)

A microestrutura é composta por uma série de informações ordenadas dentro de cada verbete, constando dados dispostos de forma horizontal.

Sobre o verbete, importa frisar que ele é a menor unidade autônoma do dicionário, sendo formado pelo lema, que é a palavra-entrada, e por informações acerca dela. Desse modo, o verbete pode ser caracterizado como o conjunto das acepções e outras informações relacionadas à entrada do dicionário.

Um verbete pode ser classificado como monossêmico ao contemplar apenas uma acepção, ou polissêmico, quando contempla duas ou mais. Acepção é definida como cada um dos sentidos da palavra-entrada, aceito e reconhecido pelo uso, que no dicionário aparece verbalizado por uma definição lexicográfica. (SANTIAGO, 2012)

Segundo Santiago (2012) os estudos de Pontes (2009) mostram que o verbete do dicionário escolar é constituído por palavra-entrada, categoria gramatical e definição. Porém outros elementos como informações etimológicas, marcas lexicográficas, informações fônicas, exemplos e abonações de uso, fraseologias, subentradas, sinônimos e remissivas também podem aparecer dependendo do tipo de dicionário, da feição da microestrutura e para quem a obra seja destinada.

Krieger (2003, p. 71), afirma que “o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua”.

Concluimos, baseados nas discussões feitas até o momento que o dicionário é um repertório lexicográfico que armazena as informações sobre o funcionamento da língua. Esse repertório descreve as coisas do mundo com base nos atributos da cultura da sociedade e em respeito aos direitos humanos dos cidadãos.

A partir do próximo item, trataremos sobre os tipos de dicionários existentes, a seleção das informações sobre a língua que comporá a obra, a forma como as informações são organizadas e quais palavras e sinais que constam no dicionário.

1.1.2 Tipos de dicionários existentes

Os dicionários distinguem-se de acordo com suas finalidades e podem apresentar-se como: monolíngues, bilíngues, plurilíngues entre outros. Os monolíngues apresentam apenas uma língua; os bilíngues, duas línguas, uma de entrada, sendo a definição e o equivalente fornecidos em outra língua; já os plurilíngues, a informação é dada numa língua e os equivalentes fornecidos em outras línguas-alvo.

De forma geral, os dicionários apresentam informações linguísticas sobre as unidades lexicais das línguas, apresentando em suas nomenclaturas vocabulários fundamentais (palavras ou sinais de usos frequentes) das línguas.

Nos estudos de Biderman (1998b, p.131 *apud* Silva, 2013, p.106) a autora mostra que os dicionários podem ser monolíngues, analógicos ou ideológicos, temáticos ou especializados, etimológicos, históricos e terminológicos, estes últimos em diferentes áreas do conhecimento, como a astronomia, biologia, comunicações, direito, ecologia, eletricidade, física, geologia e geomorfologia, informática, medicina, metalurgia, psicologia, química, etc.

Segundo Biderman (1998b, p.132) apenas o dicionário geral da língua pode aproximar-se do ideal de descrever o léxico de uma língua. Mesmo assim, tendo em vista a constante renovação lexical, a descrição do léxico de uma língua é, segundo a autora, intangível, pois, “a rigor, nenhum dicionário por mais volumoso que seja, dará conta integral de uma língua de uma civilização” (IDEM, p. 132).

Os dicionários servem ainda a determinadas funções, mas geralmente é visto como um instrumento de consulta, que apresenta os significados das palavras definidas pelo saber de um especialista e com a legitimidade de autores reconhecidos que abonam as definições. Ele se mostra como uma obra de referência, à disposição dos leitores nos momentos de dúvidas e desejos de saber.

Os dicionários podem apresentar-se de forma impressa, uma forma mais tradicional, ou digital, fazendo uso das tecnologias existentes. Nesta última categoria, existem dois tipos de produtos: (1) Dicionários digitais usados por máquinas que servem de base a sistemas de processamento da linguagem humana. São escritos em linguagem artificial para serem decodificado pelo computador e são usados diariamente em dispositivos de buscas, verificadores de textos, traduções automáticas etc. (2) Dicionários digitais para uso por humanos.

Os dicionários digitais possuem as mesmas informações daqueles impressos, dependendo da norma lexicográfica utilizada. Sua principal vantagem é a rapidez no acesso às informações e no cruzamento da informação dentro do dicionário, facilitando o uso por parte de seu usuário final.

Os digitais abrigam grande parte dos dicionários em línguas de sinais, visto o fato dessas línguas se desenvolverem no espaço, tendo movimento, configuração e localização como parâmetros fonológicos sincrônicos e na forma impressa tais informações ficam difíceis de compreender.

A concepção deste tipo de dicionário, com suporte digital, possibilita a visualização em tempo real dos sinais, pois são filmados, organizados e descritos de forma como a língua de fato acontece.

As possibilidades de elaboração de dicionários são inúmeras, mas não se deve esquecer prioritariamente o público a que se destina para que possa alcançar seus objetivos, visto a gama de possibilidades de usos dessas obras. Com isso, veremos como a seleção das informações sobre a língua é feita para compor o dicionário.

1.1.3 A seleção de informações sobre a língua para o dicionário

Os dicionários contêm informações importantes sobre as unidades lexicais das línguas, que devem estar de acordo com a proposta do dicionário.

Pontes (2000a, p. 54), acrescenta:

Nos dicionários constam informações de natureza gramatical, semântica e pragmática relacionadas a cada palavra, como o gênero gramatical, a classe a que pertence a palavra, a regência, a formação gráfica e fônica, a etimologia, o significado, o emprego correto, entre outras. (PONTES, 2000a, p. 54)

Um dicionário é um tipo de gênero textual que contém informações linguísticas sobre o significado das palavras. Segundo Marcushi (2008, p. 155) gênero textual é o “texto materializado em situações comunicativas recorrentes”. Sendo assim, os consulentes de dicionários recorrem ao seu uso em situações específicas para sanar suas necessidades de compreensão das palavras de uma língua em especial. Por

isso, podemos esclarecer que as funções desse tipo de obra são muitas vezes motivadas por práticas sociais, a exemplo de grafia das palavras, informações sobre gramática, divisão silábica, pronúncia, significado, sentido, formação de frases, sinônimos entre outras.

Concordamos com Vilarinho (2013, *apud* Vilarinho, 2013, p. 37) quando a autora explica que o dicionário deve atender às demandas das práticas sociais dos consulentes, oferecendo os usos do léxico da língua-alvo num contexto sociocultural. O mesmo acontece quando Rey-Debove (1998, p.118) afirma que “*le dictionnaire est notre mémoire lexicale*”², pois podemos perceber consenso na afirmativa do autor, ainda mais porque um dicionário apresenta um conjunto de palavras de uma determinada língua que é usada pela sociedade. Por isso, o lexicógrafo registra os lexemas que podem ser recuperados da memória lexical da sociedade que emprega a língua.

Em meio ao quantitativo de informações que o dicionário deve conter, “os lexicógrafos devem conhecer muito bem a língua materna e ter uma ampla leitura do seu patrimônio literário e cultural de todas as épocas no caso de idioma de longa tradição cultural, como é português. Devem conhecer igualmente variantes faladas na língua” (BIDERMAN, 1984, p. 29). Para a produção de uma obra lexicográfica representativa, é necessária a inclusão de conhecimentos linguístico e cultural da sociedade. (VILARINHO, 2013, p. 37)

Uma obra lexicográfica, ou seja, um dicionário também deve apresentar informações relacionadas à cultura, por isso as palavras selecionadas para compor a obra servem como exemplo da relação entre dicionário e cultura. As definições descrevem o modo como a sociedade entende os objetos e seres do mundo em certo período sincrônico, visto que são utilizadas nas práticas sociais em determinado espaço de tempo. (VILARINHO, 2013, p. 44). Segundo Lara (1992, p. 20), “o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas”.

² Dicionário é a nossa memória lexical. (Tradução nossa)

Percebemos o quanto as informações selecionadas são importantes na elaboração de um dicionário, pois garantirão sua objetividade e eficácia com relação à língua. Porém estas informações devem ser organizadas de acordo uma norma lexicográfica, o que veremos a seguir.

1.1.4 A organização das informações nos dicionários

As informações são organizadas nos dicionários de acordo com uma norma lexicográfica estabelecida pelo lexicógrafo, o que determina o caráter do próprio dicionário e a forma como as informações se encontram dentro dele.

Normalmente, as nomenclaturas dos dicionários impressos são organizadas por ordem alfabética. No caso das línguas de sinais, podem também ser organizados por configuração de mãos, um dos parâmetros fonológicos desta modalidade.

Encontramos nos dicionários a reunião de dois elementos centrais do repertório do signo linguístico: o significante (entrada ou verbete) e o significado, que são as informações contidas no verbete. Suas informações são de natureza linguística e, encontramos no verbete as acepções da unidade lexical, definida em seus sentidos denotativos, conotativos, idiomáticos e especializado (CAMPELLO, CALDEIRA, 2008, p. 23).

Desse modo, Barros (2004, p.134) elenca como traços fundamentais de um dicionário: os enunciados lexicográficos são dispostos separadamente, no plano formal e gráfico; trata-se de uma obra de consulta, na qual as informações são constantes e organizadas em uma dada ordem; possui entrada, obrigatoriamente, de âmbito linguístico; possui caráter didático; o enunciado lexicográfico transmite informações sobre o signo-entrada; há um preceito na disposição das entradas, que formam um conjunto definido de elementos enumerado na macroestrutura; as mensagens estão organizadas tanto na macro quanto na microestrutura; as entradas seguem uma ordem formal; verbetes: organizados sistematicamente ou alfabeticamente, mas as classificações seguem um índice alfabético.

A autora pondera que tais traços dizem respeito a uma obra pura. E que a heterogeneidade se apresenta na confecção de novos repertórios, sendo comum a mistura de gêneros.

Um dicionário de língua procura apresentar, de forma exaustiva, todos os sentidos de uma unidade lexical dentro de um sistema linguístico, já uma obra terminográfica se atém exclusivamente ao conteúdo específico de um termo em um dado domínio, considerando elementos objetivos e subjetivos de uma língua de especialidade.

Alguns fatores devem ser considerados na confecção de uma obra e na definição de seu domínio: **Adequação ao domínio:** a unidade terminológica deverá fazer parte do contexto próprio ao qual o conceito descrito pertence; **Estrutura formal e organização conceitual do enunciado definicional:** o papel da definição é descrever e explicar um termo e é partícipe de uma predicação definicional composta de um sujeito, representado pela entrada, e de um predicado, representado pela definição. A primeira palavra da definição é o descritor e pode ser de natureza metalinguística ou funcionar como elemento de inclusão lógico-semântica (BARROS, 2004, p. 163).

Nos estudos de Gava (2012) “a organização do dicionário é caracterizada pela metalinguagem e pela organização semântica conceitual dos enunciados definitórios implicando a homogeneidade da obra”. Para Barros (2004, p. 164) alguns princípios devem ser considerados como: “não se devem utilizar cópulas do tipo *diz-se de*, *significa*, *(tal termo) é*, *é quando*, *trata-se de*, *indica*, *(essa palavra) quer dizer*, *esse termo designa*, etc.; a definição não deve conter em seu enunciado o termo definido; deve ser completa, sem, no entanto, veicular dados supérfluos e inúteis; a definição deve se adaptar ao público-alvo, ou seja, a metalinguagem empregada deve estar de acordo com a capacidade de compreensão do leitor (especialistas da área, leigos no assunto etc.); quando houver possibilidade de se redigir a definição na forma afirmativa, não utilizar a forma negativa; palavras de sentido vago, ambíguo ou figurado não devem ser empregadas”. (p. 111)

Segundo Barros (2004, p. 159) “a definição é entendida como uma paráfrase sinonímica que exprime o conceito designado pela unidade lexical ou terminológica por meio de outras unidades linguísticas”.

A definição terminológica, de acordo com Barros (2004, p. 159) “é um conjunto de informações dadas sobre a entrada, sem que, no entanto, o conjunto de informações acerca da entrada seja característica exclusiva da definição terminológica, sendo comum aos dicionários da língua geral”.

E a relação entre elas é de “significa” e não de “é”, isto é, a unidade léxica no uso comum da língua refere-se a um universo que não está propriamente relacionado ao valor da unidade terminológica. Portanto é necessária a adequação aos objetivos, usuários e funções do dicionário que se elabora. (GAVA, 2012, p.111)

O tipo de definição para cada dicionário dependerá dos usuários aos quais se propõe atender. Todavia, é preciso considerar os princípios mínimos apresentados (BARROS, 2004, p. 166). Os mais recorrentes são os repertórios semasiológicos e onomasiológicos. (GAVA, 2012, p. 111)

Nos trabalhos de Farias (2009a, p.4) “os dicionários semasiológicos têm como principal característica apresentar paráfrases definidoras, enquanto os dicionários onomasiológicos caracterizam-se pelo estabelecimento de relações conceituais entre as palavras, a exemplo do *thesaurus*, dos dicionários de sinônimo-antônimos, dos dicionários pela imagem, ou mesmo dos dicionários bilíngues”.

Como percebemos, as normas de entrada lexical escolhidas pelo lexicólogo são importantes para organização das informações nos dicionários e definem sua elaboração. Baseado nisto, no próximo item, trataremos das razões pelas quais algumas palavras ou sinais não se encontram nos dicionários.

1.1.5 Palavras ou sinais que não se encontram nos dicionários

Muitas vezes tentamos encontrar uma palavra/sinal no dicionário, mas, quando não achamos, nos sentimos frustrados ou desconfiamos do produto lexicográfico ou acreditamos que a palavra não existe. Mas estas atitudes podem ser injustas, pois o fato de não encontrarmos uma palavra/sinal no dicionário não implica necessariamente a sua inexistência, mas pode justificar-se por: não estamos procurando sua forma correta ou no lugar certo. Por isso, para achar uma palavra ou sinal num dicionário devemos conhecer sua forma ortográfica.

Por definição, o léxico de qualquer língua natural viva é infinito, vive em expansão permanente. Na hora de determinar uma nomenclatura, é impossível incluir todas as unidades lexicais, todas as acepções e todos os seus registros de uso.

Por outro lado, quando uma palavra/sinal tem vários significados, por vezes é difícil determinar que acepções de uma palavra/sinal devem ter uma entrada própria e que acepções devem estar sobre a mesma entrada. Por exemplo, a palavra “manga” pode significar, entre outras, uma fruta, uma parte de um vestuário ou um xingamento.

Para encontrarmos uma palavra no dicionário, temos que intuitivamente lematizá-la. A entrada é apresentada na forma lematizada, ou seja, se é um substantivo ou adjetivo, no singular e no masculino, se é um verbo, no infinitivo.

Parte do trabalho de definição da norma lexicográfica que o lexicólogo tem passa por determinar que palavras devam ser incluídas no dicionário e em que condições deve ser criada uma entrada separada.

Mas, se as razões anteriores, por si só, justificam que por vezes não encontramos uma palavra, existe uma razão mais poderosa que todas para que tal aconteça e que se prende com a natureza do léxico e do saber lexical dos falantes, ou seja, os usos da língua na sociedade.

Portanto, em razão da grande importância das escolhas lexicais que são feitas na elaboração de um dicionário, partiremos agora para compressão de como são selecionadas as palavras e sinais que devem conter um dicionário de línguas.

1.1.6 Palavras ou sinais que constam num dicionário

A nomenclatura que é definida na norma lexicográfica deve levar em conta o tipo de dicionário de que se trata, assim como o público-alvo a que se destina. Dessa forma, poderá se construir uma lista de entradas sólidas.

As entradas são as palavras destacadas no dicionário, organizadas alfabeticamente (modo de organização mais empregado nos dicionários de língua) e geralmente escritas em negrito, com um leve recuo e alinhamento à esquerda. Elas podem vir com divisão silábica ou não, dependendo da obra de referência em questão. Mas nem sempre a ordem alfabética das entradas foi o critério de organização mais utilizado. Genouvrier e Peytard (1974) explicam que as entradas podem ser organizadas pela classificação etimológica, em que existe o agrupamento de todas as palavras de uma mesma família em torno da palavra primitiva.

Se falarmos de um dicionário de língua, as palavras ou sinais a incluir deverão ser frequentes e de uso corrente, o que não impede que se englobem unidades lexicais de caráter mais específico ou caídas em desuso.

No caso dos dicionários terminológicos, as palavras devem constar de termos do domínio de especialidades em questão, incluindo a variação e a sinonímia dos mesmos, assim como informação acerca dos termos mais frequentes e dos menos frequentes.

Face ao exposto, percebemos que a elaboração de um dicionário não é um trabalho simples. A partir da seção seguinte, nosso objetivo é discutir sobre a lexicografia e dicionários bilíngues onde trataremos das definições, classificações e estrutura destas obras.

1.2 LEXICOGRAFIA E DICIONÁRIOS BILINGUES

Para Krieger (2003, p. 71 *apud* Santiago, 2012, p. 01), “a Lexicografia é definida como sendo a ciência responsável por estudar aspectos relativos ao modo como se organizam e se elaboram os dicionários. No plano aplicado, a Lexicografia é, segundo a concepção clássica, a arte e a técnica de elaborar dicionários. O termo lexicografia pode se referir ainda ao conjunto dos dicionários de um determinado idioma: a lexicografia portuguesa, a lexicografia inglesa, a lexicografia espanhola, a lexicografia das línguas de sinais etc”.

Nunes (2006, p. 150) descreve a lexicografia como “um saber linguístico de natureza prática, tendo em vista a aquisição de um domínio de língua, de um domínio de escrita e de um domínio de enunciação e de discurso”. Alcançar domínio nesse campo não é tarefa apenas da lexicografia, mas do dicionário como produto da mesma, no qual se esmiúçam as normas da palavra - sua grafia, significados, sinônimos, usos etc.

Assim, a lexicografia desponta como ciência essencial na contribuição do desenvolvimento da competência lexical. Sobre esta questão Krieger (2006) esclarece.

Em relação à sua antiguidade, a lexicografia é o domínio de maior tradição dentre as ciências do léxico. Tal tradição está diretamente relacionada à sua vertente aplicada, viés que justifica sua clássica concepção de ser arte, tomada no sentido grego, de técnica de fazer dicionários. Essa prática de ordenar alfabeticamente o conjunto de itens lexicais de um idioma e de agregar informações sobre seu conteúdo e uso, compondo obras de referência linguística, é uma atividade que vem de muitos séculos. Já existia nas culturas mais antigas do oriente, embora as primeiras obras tivessem particularidades organizacionais distintas dos dicionários atuais. (KRIEGER, 2006, p.164)

Citado por Silva (2013, p. 109 *apud* Welker, 2005), “a literatura relativa à lexicografia bilíngue, embora menos volumosa do que aquela sobre dicionários monolíngues é bastante vasta”. Porém, a autor aponta que o trabalho de Carvalho

(2001) “é o primeiro trabalho brasileiro a oferecer uma visão geral da lexicografia bilíngue”.

De acordo Carvalho (2001, p. 09 *apud* Silva, 2013, p. 109) “a lexicografia bilíngue, mesmo possuindo uma vasta tradição, apresenta vários problemas que necessitam ser discutidos”. Ou seja, a autora explica que numa obra onde as informações não são bem selecionadas e nem sistematizadas na organização do que foi selecionado não cumpre seu principal objetivo que é o de sistematizar o contraste entre duas línguas.

Carvalho (2001, p. 9) aponta dois princípios básicos que devem ser considerados para a elaboração de um dicionário bilíngue: “(1) a posição da língua materna (LM) e as (2) diferentes situações de uso. A língua materna pode ser a língua fonte (LF) ou a língua alvo (LA), o que, segundo a autora, leva à possibilidade de termos quatro obras lexicográfica ao invés de duas. A posição da LM está diretamente ligada ao segundo princípio, uma vez que, em um dicionário com a direção língua materna – língua estrangeira (LE), a situação de uso será a produção de um texto na LE ou a versão de um texto para a língua estrangeira. Já na direção língua estrangeira - língua materna, a situação de uso será a compreensão de um texto na LM ou a tradução de um texto para a língua materna. Na primeira direção, teremos um dicionário de versão (ou ativo) e, na segunda, um dicionário de tradução (ou passivo)” (SILVA, 2013, p. 109).

Segundo Carvalho (2001, p. 50) a estrutura do dicionário monolíngue servirá de base para o bilíngue de versão, mas a função do bilíngue “não é o de descrever a semântica do lema, mas sim o de estabelecer relações entre o lema e as equivalências, e o que vai determinar o número de subdivisões dos bilíngues [...] é a relação que existe entre o lema e suas equivalências”. De acordo com a autora, as subdivisões do monolíngue não podem ser adotadas pelos dicionários bilíngues, uma vez que “a realidade cotidiana do usuário será traduzida em termos estrangeiros, devendo-se prover equivalências para todos os significados da palavra em questão” (SILVA, 2013, p. 110).

O dicionário é uma obra complexa, com identidade própria, que encerra uma multidimensionalidade de aspectos. No entanto, o dicionário não é isento de

subjetividades, como se costuma pensar. É importante salientar que visões redutoras implicam também reduzir a concepção de lexicografia a uma atividade puramente pragmática, o que está longe de ser verdade. Em suma, uma visão diminuta descartaria as várias proposições de investigações linguísticas e textuais que fomentam e justificam os estudos lexicográficos.

Por conseguinte, na seção posterior faremos uma breve explanação sobre os dicionários bilíngues, a fim de compreendermos seu conceito, classificação e estrutura.

1.2.1 Os dicionários bilíngues

O dicionário bilíngue é aquele que apresenta a palavra traduzida de uma determinada língua ou trata da equivalência das unidades léxicas de duas línguas, não se tratando apenas de uma obra que objetiva definir palavras. Silva (2009), destaca que a ideia de equivalência é tão fundamental em dicionários bilíngues que a “presença de duas línguas em um dicionário não o caracteriza como bilíngue se não apresentar relação de equivalência entre elas”.

Normalmente esta obra é dividida em duas partes: língua estrangeira (LE) - língua materna (LM); língua materna - língua estrangeira. Algumas palavras apresentam mais de um significado e quando isso acontece, normalmente olhar-se o contexto que está em volta da palavra para escolher o significado adequado.

O dicionário bilíngue é uma obra imprescindível para o estudo de uma língua estrangeira porque oferece a possibilidade de buscar um termo desconhecido a partir do outro que já se conhece, além de fornecer informações através de sinonímia ou equivalentes na língua estrangeira que possa substituir a entrada lexical da língua fonte. É mais útil nos estágios iniciais do estudo de língua estrangeira do que em níveis mais avançados, uma vez que os estudantes ao avançarem vão conhecendo o significado das palavras.

Segundo Zacarias (1997), os dicionários bilíngues dão maior segurança ao aluno, principalmente no estágio inicial de aprendizado da língua. As informações existentes nos dicionários bilíngues satisfazem o aprendiz porque geralmente não são muito exigentes em sua busca, ou seja, a principal objetividade é procurar a tradução de uma palavra.

Os estudos relacionados ao uso do dicionário bilíngue em sala de aula têm sido apontados por vários autores BARROS (2004); BIDERMAN (1998); CARVALHO (2001); BAGNO (2011); TARD (2008); XATARA, et al (2011), como uma excelente área de investigação. Apesar do dicionário ser utilizado como material paradidático e desempenhar um papel importante na aprendizagem de línguas, muitas questões relacionadas ao seu uso permanecem ainda sem respostas.

Sendo assim, o uso do dicionário bilíngue, como material didático, deverá ser o mais completo possível, pois uma definição basicamente sintética não auxiliará o aluno, além de tornar o papel deste dicionário como coadjuvante do ensino.

1.2.2 Classificação dos dicionários bilíngues

Carvalho (2001, p.47 *apud* Silva 2013, p. 110) argumenta que existem alguns critérios que combinados entre si influenciam a classificação dos dicionários bilíngues e que os mesmos não atuam sozinhos. São eles: dimensão - dicionário de bolso, médio, grande; número de línguas - monolíngues, bilíngues, multilíngues; grau de especialização - geral vs. especializado; direção - a língua do usuário como língua-fonte ou língua-alvo; abrangência - unidirecional ou bidirecional; função - situações em que o usuário utiliza o dicionário.

Para Carvalho (2001, p.48), esses critérios influenciam a macro e microestrutura do dicionário de forma direta. A dimensão e o grau de especialização influenciam a seleção dos lexemas que serão lematizados. Num dicionário geral, aparecem poucos termos técnicos, já num dicionário especializado serão lematizados apenas lexemas referentes à área em questão; o dicionário de bolso terá uma seleção

mais rigorosa, uma vez que a dimensão do dicionário leva o lexicógrafo a delimitar o número de informações sobre o lema. (SILVA, 2013, p. 111)

1.2.3 Estrutura do dicionário bilíngue

Tudo o que compõe um dicionário bilíngue está subdividido em macro e microestrutura. A macroestrutura é o lema, um conjunto de informações gerais, ou seja, fará parte de um aparato de ordenação do texto; a microestrutura é constituída essencialmente pela parte interna do verbete e, juntas, formam o texto lexicográfico.

De acordo com Carvalho (2001, p. 65 *apud* Silva 2013, p. 111) “a estrutura interna do bilíngue é a parte em que são organizadas todas as informações a serem mencionadas acerca do lema, o qual, por sua vez, funciona como a entrada principal”. A equivalência é um elemento obrigatório da estrutura interna do dicionário bilíngue, ainda mais por ser essencial para o usuário que utiliza esse tipo de obra. Ainda de acordo com a autora, “pode-se dizer que os outros componentes giram em torno da relação lema-equivalência(s), que constitui a base do bilíngue”(Idem, p.65).

O lema ou palavra-entrada é uma parte importante que caracteriza os dicionários bilíngues. Carvalho (2001, p. 67) aponta que “a extensão da macroestrutura irá depender do tipo de dicionário que se esteja elaborando; um dicionário de bolso, por exemplo, deve tentar cobrir ao máximo a linguagem do cotidiano”. (SILVA, 2013, p. 111)

Ainda em Silva (2013, p. 111) citando Carvalho (2001, p. 89), “a dicotomia tradução e versão está diretamente ligada às questões organizacionais dos lemas”. A quantidade de entradas vai depender do tipo de obra que se deseja publicar, da mesma forma que é importante a definição de quais critérios serão adotados para o tratamento polissêmico e homonímico.

Os dicionários, sejam monolíngues, bilíngues, trlíngues, terminológicos entre outros utilizam na maioria deles o alfabeto da língua para ordenar as entradas. Esse

processo de ordenação das entradas seguindo o alfabeto é denominado por Wiegand (1989, p.380 *apud* Carvalho, 2001 p. 90) de “método mecânico-exaustivo de ordenação alfabética”. Assim, o método considera as letras do alfabeto de forma individual, partindo da primeira letra e considerando as que a seguem. (SILVA, 2013, p. 112)

Carvalho (2001), ressalta a importância do critério formal para a criação do dicionário bilíngue. Segundo a autora,

A aplicação deste critério leva-nos a um tratamento predominantemente polissêmico, o que não vai de encontro à natureza do dicionário bilíngue, por ser este um dicionário de caráter polissêmico por excelência. O fato de aparecerem as mais diversas equivalências para um lema em um único verbete não é nenhuma novidade para o usuário, pois sabemos que as estruturas lexicais de duas línguas não são isomorfas e que o nível da linguagem em questão é o do discurso e podemos ter equivalências, cuja relação semântica com o lema não é tão próxima. (CARVALHO, 2001, p. 95)

Ainda sobre os estudos da autora, no dicionário monolíngue é priorizado o critério semântico, pois as definições são o reflexo da semântica do lema, já no dicionário bilíngue se tem o compromisso com o uso das duas línguas. (CARVALHO, 2001, p. 96). O consulente acostuma-se a encontrar palavras de classes gramaticais diferentes no mesmo verbete.

No próximo item faremos referência ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e os dicionários infantis onde discutiremos sobre os critérios que o programa elenca para a elaboração de dicionários e quais objetivos levaram o MEC a distribuir essas obras nas escolas brasileiras.

1.3 O PNLD E OS DICIONÁRIOS INFANTIS

O Governo Federal sempre elaborou programas voltados à distribuição de material didático aos estudantes da rede pública brasileira. Dentre eles, destacamos um dos mais antigos, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Foi em 1929 quando o Instituto Nacional do Livro Didático (INL) tornou-se o órgão responsável por legislar diretrizes sobre o livro didático nacional que o programa começou a se fortalecer para alcançar seu principal objetivo, “subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica” (BRASIL, 2016).

Em 2000 o PNLD foi ampliado para atender a demanda de estudantes nas escolas públicas brasileiras. A distribuição de dicionários da língua portuguesa para uso dos alunos matriculados de primeira a quarta séries do Ensino Fundamental só começou em 2001, sendo sucessivamente ampliada, para os da quinta e sexta séries em 2002 e para os da sétima e oitava séries em 2003, fazendo com que os estudantes tivessem acesso ao dicionário como parte de seu material didático. Em 2004, quase 40 milhões de dicionários de língua portuguesa foram entregues aos estudantes para uso pessoal.

No ano de 2005, o programa foi mais uma vez reformulado, mas agora no sentido de distribuir os dicionários para que fossem utilizados de fato em sala de aula.

Em 2006, um dos objetivos mais importantes do PNLD foi equipar as escolas com um número significativo de dicionários com diferentes tipos e títulos. Desta forma, os professores dispuseram de mais uma ferramenta pedagógica para o ensino, que servia tanto para o enriquecimento cultural quanto para um diálogo em sala de aula entre as diferentes áreas do conhecimento.

Em 2006, as escolas públicas do Ensino Fundamental que trabalhavam com alunos surdos matriculados de primeira a quarta séries passaram a receber o Dicionário Enciclopédico Trilíngue-Libras/Português/Inglês de autoria de Capovilla e Raphael. A obra foi vista como um material didático importante para o trabalho do professor em sala de aula e para os próprios alunos, muito embora o atendimento a

estudantes surdos já acontecesse anteriormente ao recebimento do dicionário. No ano de 2007 a distribuição foi ampliada e o Dicionário de Libras também foi recebido pelos alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) através do PNLD recomenda as seguintes caracterização dos dicionários de acordo com a etapa de ensino e objetivos traçados.

Tabela 01 – Classificação dos dicionários segundo o PNLD

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	§ Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; § Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionários de Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	§ Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; § Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	§ Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; § Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Dicionário de Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	§ Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; § Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula / [elaboração Egon Rangel]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

No quadro acima, notamos que os dicionários diferem não só pela quantidade e pelo tipo de palavra que registram, mas pelo tratamento que dão às explicações de sentidos, à estrutura do verbete e à organização geral do volume. E estas diferenças de porte e organização justificam-se pelas particularidades dos estudantes.

De acordo com Brasil, (2012)³, os dicionários do TIPO 1 e TIPO 2 devem atender às demandas do letramento e alfabetização iniciais nos três primeiros anos do ensino fundamental (ou primeiro ciclo) e à consolidação desse processo nos dois últimos anos (ou segundo ciclo). Estas obras têm um porte limitado, o que os distancia bastante da seleção vocabular — representativa de todo o léxico — própria do dicionário padrão da língua. Neste sentido, os dois primeiros tipos não se constituem, a rigor, como dicionários; são, antes, repertórios de palavras organizados como tais, com o objetivo de introduzir (Tipo 1) e familiarizar (Tipo 2) o aluno do primeiro segmento com este *gênero* e com o tipo de livro que, em sua versão impressa, o caracteriza. Limitam as classes de palavras a substantivos, adjetivos e verbos (Tipo 1), raramente ampliando esse repertório (Tipo 2). (BRASIL, 2012, p. 21).

Para elaboração do dicionário infantil bilíngue Libras/Português, tomamos como referência a proposta do dicionário do Tipo I do PNLD, por acreditamos que este tipo de dicionário atua como um suporte essencial na contribuição para o desenvolvimento da competência lexical de seus consulentes, sejam crianças surdas ou ouvintes. Consideramos satisfatória a adesão desta proposta, pois fomentará uma sociedade letrada e uma comunidade linguística que se revela eficiente usuária da língua.

O dicionário que propomos será um importante material didático a ser utilizado em sala de aula, levando o aprendiz surdo a desenvolver sua competência linguística e lexical em todos os aspectos. Assim, o ensino do léxico de maneira organizada, fará

³ Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula / [elaboração Egon Rangel]. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

com que o aprendiz se aproprie tanto da Libras quanto da língua portuguesa, por ser uma obra bilíngue adequada as necessidades da criança surda.

Os dicionários do tipo 3 e 4 são destinados a alunos dos anos finais do ensino fundamental (tipo 3) e do ensino médio (tipo 4). Sua estrutura de verbetes é mais complexa do que a dos tipos 1 e 2. São mais representativos do léxico da língua portuguesa e incluem palavras de todos os tipos e classes. Também trazem maior número de informações linguísticas e detalhamentos nos verbetes registrados. Sua linguagem é impessoal e, em alguns casos, de característica técnica-científica.

De acordo com BRASIL (2012), é importante analisar essas características porque:

Considerando-se o nível de ensino a que se destinam, todos esses títulos demandam a mediação do professor. Para consultá-los, o aluno deverá vencer a relativa distância que se estabelece entre esse novo patamar lexicográfico e aquele dos dicionários de Tipo 1 e 2. Além disso, cada um deles apresenta suas informações de uma forma diferente da dos demais, tanto no que diz respeito aos itens contemplados, quanto à linguagem empregada nas definições. (BRASIL, 2012, p. 32)

A função básica do dicionário escolar é a de colaborar significativamente com os processos de ensino e aprendizado que se desenvolvem, favorecendo, ainda, a conquista da autonomia do aluno no uso apropriado e bem-sucedido dos dicionários de referência de sua língua.

É importante lembrar a função do professor como mediador na relação aluno/dicionário, pois é preciso despertar o interesse do aluno na utilização da ferramenta lexicográfica, compreendendo que o estudante não é autodidata nessa função. O professor é um intermediário no sentido de tomar à frente e providenciar esclarecimentos sobre os objetivos dos dicionários, sua estrutura e organização, o que inclui definir e dimensionar a macroestrutura e a microestrutura dessas obras para os alunos.

Diante dos fatos apontados, é importante que professor disponha na sala de aula de dicionários para apoio didático, pois irá auxiliar os alunos com a exposição de

diferentes gêneros textuais próprios do mundo da escrita. A sugestão é que os dicionários de tipo 1 sejam auxiliares dos alunos ainda em processo de compreensão e aquisição da leitura e escrita, e os dicionários de tipo 2 para aqueles alunos que já têm certa autonomia na decodificação da escrita e na leitura. (BRASIL, 2012, p. 32)

O MEC lista as características dessas obras em questão, destacados em BRASIL (2012, p. 22):

- ☞ recolhe, em sua nomenclatura, um número limitado de verbetes, incapaz de refletir a variedade dos tipos de palavras e expressões que o léxico de uma língua como o português brasileiro abriga;
- ☞ têm como foco o vocabulário que seus autores consideram básico;
- ☞ propiciam ao trabalho de sala de aula um primeiro acesso ao universo das palavras e dos dicionários;
- ☞ recorrem a ilustrações como estratégia tanto de motivação da leitura (ilustrações ficcionais) quanto de explicitação de sentidos das palavras (funcionais);
- ☞ trazem verbetes de estrutura simples, com um pequeno número de acepções e informações linguístico-gramaticais reduzidas ao indispensável — quase sempre em linguagem informal e acessível, acompanhada de exemplos de uso.

As características acima, distinguem-se não apenas pelo porte de suas respectivas nomenclaturas, mas ainda pela forma como se organizam para atingir seu principal objetivo, de familiarizar o aluno com o gênero e oferecer ao trabalho de sala de aula subsídios para as primeiras explorações do vocabulário e do léxico. BRASIL (2012, p. 22)

Esses dicionários servirão como uma apresentação da língua aos alunos no ambiente escolar. A escolha de uma obra bem elaborada, aproximará o indivíduo e sua língua e com a apresentação do professor, o aprendiz terá autonomia em seu uso.

Ao alcançar esses objetivos, o aluno terá muitos benefícios que lhe servirão por muitos anos, já que sua relação com o léxico não se limita aos anos em sala de aula; antes, se estende por todos os ambientes que passar e por todo o seu período de vida.

Quando o aluno é apresentado a um dicionário que atende às suas necessidades iniciais de aprendizado da língua passará desde muito cedo a utilizá-lo de maneira adequada, aprenderá palavras novas, além de alcançar gradativamente competência lexical.

Finalizando essa etapa de nosso trabalho, trataremos a seguir dos dicionários de línguas de sinais e traremos uma retrospectiva histórica das primeiras formas de representar a língua.

1.4 OS DICIONÁRIOS EM LÍNGUAS DE SINAIS

Encontrar documentos sobre as primeiras tentativas de registro das línguas de sinais, não é uma tarefa fácil para um pesquisador. Além da necessidade de identificar as obras e seus respectivos autores, é preciso obter informações suficientes sobre o contexto histórico em que foram produzidos. Dessa forma, presumir sobre a veracidade dos fatos.

O objetivo desta seção é fazer uma retrospectiva histórica das primeiras formas de registros da língua de sinais, inicialmente em forma de estampas, perpassando pelos manuais e, posteriormente, pelos dicionários em formato impresso ou digital como vemos na atualidade.

Levando-se em consideração todos esses aspectos foi possível identificar os diferentes tipos de dicionários em línguas de sinais (infantis ou acadêmicos) e as formas de representação dos sinais nos dicionários impressos (ilustrações ou desenhos) e digitais (vídeo ou em avatar – em informática é um cibercorpo totalmente digital, uma espécie de boneco que pode ser programado). Elucidaremos toda esta trajetória a partir das temáticas a seguir.

1.4.1 Percurso histórico

Nos estudos de Martins et al (2012), os primeiros registros escritos, utilizados na comunicação com os surdos, datam de 1620. O espanhol Juan Pablo Bonet (1579/1636) retrata, pela primeira vez, um alfabeto manual em seu livro intitulado “*Reduction de las Letras y Arte para enseñar ablar los mudos*”⁴, uma coleção de quatro ensaios sobre o ensino de surdos contendo gráficos do alfabeto de sua autoria. Sua obra foi um trabalho de valor inestimável para a educação de surdos na época e serviu de base para outros estudos posteriores. Especula-se que o alfabeto criado pelo espanhol foi baseado no de Frei Melchior de Yebra (1526/1586), também espanhol que aparece em “*Refugium Infirmorum*”⁵, que era um guia para a última confissão sobre o voto do silêncio.

Figura 01 – Imagem de Bonet e seu alfabeto manual



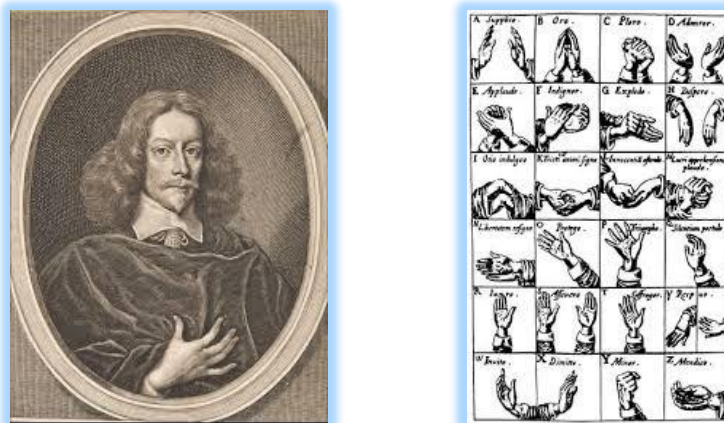
Fonte: Disponível em: <www.cervantesvirtual.com/obra> Acesso em: 17/07/2016.

⁴ Redução da Letras e arte para ensinar os mudos a falar.

⁵ O refúgio dos fracos

O inglês John Bulwer (1614/1684) introduz alguns gestos em 1644 no livro “*Chirologia or the Natural Language of Hand*”⁶ e “*Philocophus or the deaf and dumb man’s friend*”⁷. (MARTINS et al, 2012)

Figura 02 – Imagem de Bulwer e de seu alfabeto manual



Fonte: Disponível em <<http://www.uncwil.edu/people/rohler/rohler/miller.htm>>. Acessado em: 17/07/2016

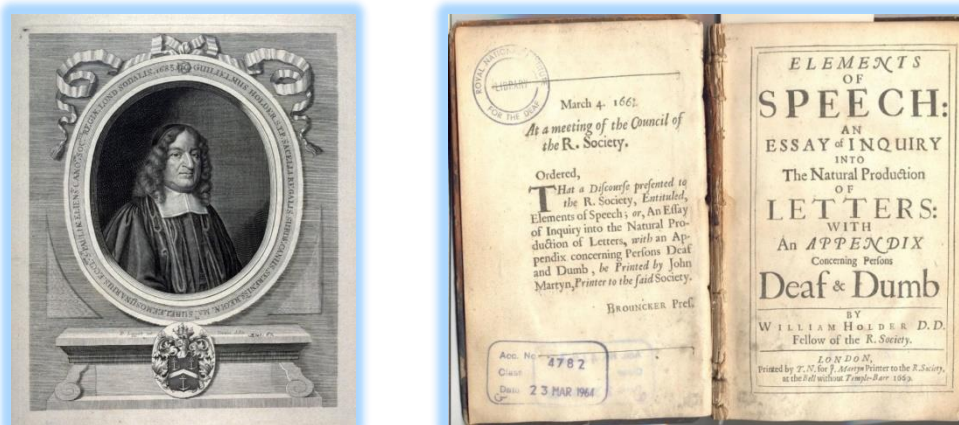
De acordo com Martins et al (2012), William Holder, de origem inglesa (1615/1697) em seu livro “*Elements of Speech: na essay of inquiry into the natural production os letters: with na apêndix concernring persons deaf & dumb*”⁸ em 1669, também começa estudos com gestos a partir da exploração do espaço.

⁶ Quirologia ou a imagem natural da mão.

⁷ O amigo do homem surdo e mudo.

⁸ Elementos da fala: um trabalho de pesquisa sobre a produção natural das letras: com um apêndice sobre as pessoas suras e mudas.

Figura 03 – Imagem de Holder e da capa do livro *Elements of Speech: na essay of inquiry into the natural production os letters: with na apêndix concernring persons deaf & dumb*



Fonte: Disponível em <<http://blogs.ucl.ac.uk/library-rnid/2013/01/18/william-holder-17th-century-teacher-of-the-deaf/>>. Acessado em: 17/07/2016

Nesse contexto inicial, não podemos esquecer os trabalhos do Abade católico Charles Michel de L'Epée (1712/1789), no século XVIII. Fundador do Instituto Real para Surdos Mudos, em 1755 na cidade de Paris, L'Epée interessou-se por ensinar surdos quando viu duas irmãs surdas carentes que viviam perambulando pelas ruas de Paris e se comunicavam por gestos (Strobel, 2011). A partir desse fato ocorrido, começou a ensinar alguns surdos em sua própria casa utilizando uma combinação entre os sinais usados pelas crianças e a gramática sinalizada do L'Epée e, com isso, criou os sinais metódicos utilizados na educação para ensinar os surdos a língua francesa escrita. (MARTINS et al, 2012)

Em 1806, Gilbert Austin (1753/1837) continuou o trabalho de Bulwer no livro "*Chironomia or a treatise on rhetorical delivery*"⁹. Os estudos do inglês constam de ilustrações, em forma de desenhos, de mãos representando os gestos da época. (MARTINS et al, 2012)

⁹ Quironomia ou um tratado sobre o discurso retórico

Figura 04 – Imagem com estampas de mãos de Austin

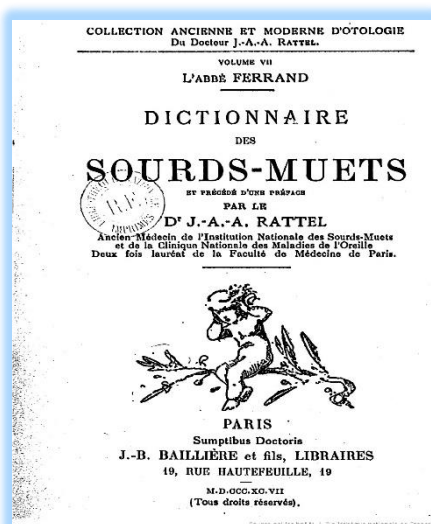


Fonte: Disponível em: <<http://100gestos.blogspot.com.br/2011/05/wikipedia-tb-e-cultura.html>>.

Acessado em: 17/07/2016

Foi o abade Jean Ferrand (1731/1815) que criou o primeiro **dicionário** “*Dictionnaire des sourds-muets*”¹⁰. Esta obra foi a primeira a trazer na sua capa a indicação de tratar-se de um dicionário. Nas páginas internas da obra, os gestos descritos e não desenhados. O autor elaborou o dicionário de forma anônima e não há uma data definida da produção, embora na capa conste o ano de 1897 em algarismo romano. (MARTINS et al, 2012)

Figura 05 – Capa do *Dictionnaire des sourds-muets*

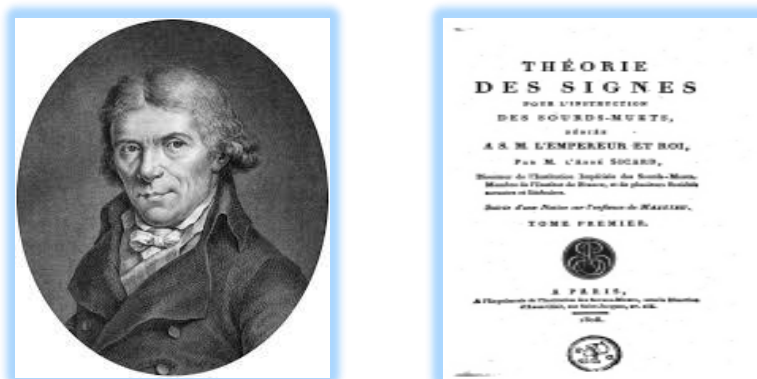


Fonte: Disponível em: <http://data.bnf.fr/12526404/jean_ferrand/>. Acessado em: 17/07/2016

¹⁰ Dicionário de surdos-mudos

No período de 1742/1822, seguindo o mesmo caminho Jean Ferrand, o abade Roch-Ambroise Sicard, mesmo tendo pouco conhecimento sobre a língua de sinais e, sendo seus gestos bastantes diferentes dos que seriam na atualidade, publica o livro *“Théorie des signes ou introduction à l’étude des langues, où le sens des mots au lieu d’éfini, est mis en action”*.¹¹ (MARTINS, et al, 2012)

Figura 06 – Imagem de Sicard e da capa do livro: *Théorie des signes ou introduction à l’étude des langues, où le sens des mots au lieu d’éfini, est mis en action*



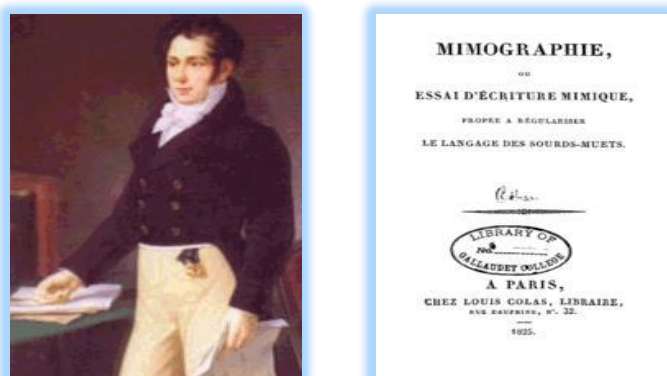
Fonte: Disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Roch-Ambroise_Cucurron_Sicard>. Acessado em: 17/07/2016

Em 1825, Roch-Ambroise Bébien (1789/1839) publicou *“Langue de signes française: Mimographie”*¹², e trouxe de forma pioneira um método de escrita em que criou símbolos para diferentes formas das mãos. Segundo Sofiato (2011), o trabalho de Bébien ficou perdido por quase 20 anos. Seu objetivo era a criação de um dicionário descritivo da língua de sinais, mas foi Remi Valade (apesar de suas ideias oralistas) quem assumiu o projeto de Bébien. O livro de Valade trazia uma lista de palavras em francês e ao lado a descrição dos gestos, com desenhos de traços estilizados que representava os movimentos dos sinais com figuras sobrepostas, porém só eram utilizadas quando ele convinha ser necessário. (MARTINS et al, 2012)

¹¹ Teoria dos gestos ou introdução ao estudo das línguas, onde o sentido das palavras em vez de ser definido, é posto em ação.

¹² Dicionário de língua de sinais francesa: mimografia

Figura 07 – Imagem de Bébien e da capa do livro: *Langue de signes française: Mimographie*

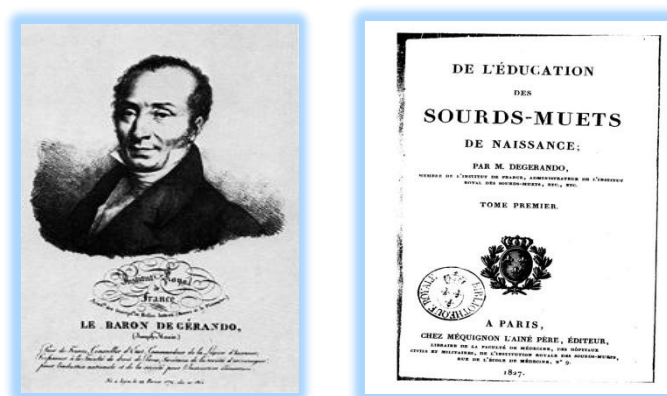


Fonte: Disponível em: <<https://archive.org/details/BebianBallyMimographieLangageSourdsMuets1826>>.

Acessado em: 17/07/2016

Em 1827, Joseph-Marie Degérando (1772/1842) defende a importância da visualidade da língua de sinais no livro “*De l’éducation des sourdes-muets de naissance*”¹³, no qual descreve cerca de 300 gestos. (MARTINS et al, 2012)

Figura 08 – Capa do livro: *De l’éducation des sourdes-muets de naissance*



Fonte: Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k83317w.pdf>>. Acessado em: 17/07/2016

¹³ Sobre a educação dos surdos-mudos de nascença.

Em seu livro, “*Versinnlichte Denk und sprachlehre*”¹⁴, 1844, o austríaco Franz Herrmann Czech (1788/1847) incluiu imagens dos objetos como complemento dos gestos para o ensino aos surdos. (MARTINS et al, 2012)

Figura 09 – Imagem das estampas do livro *Versinnlichte Denk und sprachlehre*



Fonte:

Disponível em:

<<http://www.ebay.com/itm/Antique-Print-PORTRAIT-DR-FRANZ-HERMANN-CZECH-1844-/231670431181>>. Acessado em: 17/07/2016

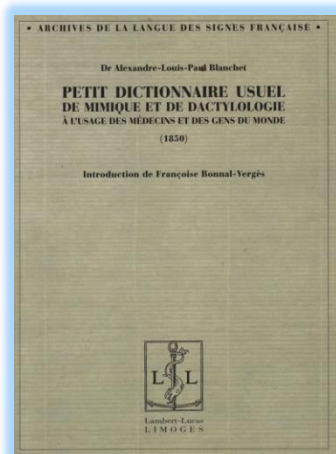
Outros autores também seguiram o mesmo método descritivo de Sicard, como foi o caso de Louis-Pierre Paulmier (1775/1847) em 1844.

Em 1850 o “*Dictionnaire usuel de Mimique et de dactylogogie*”¹⁵, do francês Alexandre Blanchet, fez a descrição verbal de cerca de 700 gestos. (MARTINS et al, 2012). Esta obra é a segunda indicação de ter em sua capa a palavra **dicionário**, a exemplo da obra do abade Jean Ferrand “*Dictionnaire des sourds-muets*”.

¹⁴ Exercícios de visualização mental e oral

¹⁵ Dicionário usual de mimica e datilologia

Figura 10 – Capa do *Dictionnaire usuel de Mimique et de dactylogogie*



Fonte: Disponível em: <http://www.pmb.steum.com/opac_css/index.php?lvl=notice_display&id=196>.

Acessado em: 17/07/2016

No trajeto histórico das primeiras formas de registro das línguas de sinais, encontramos; em 1850, o livro “*Études sur la lexicologie et la grammaire du langage naturel des signes*”¹⁶ de Yves-Léonard-Remi Valdade, que faz a opção por representar as palavras usadas pelos surdos através de desenhos, mesmo numa abordagem teórica; em 1851, Jérôme Antoine Jarisch faz a representação dos movimentos por meio de setas nas ilustrações do livro “*Méthode d’instruction des sourds-muets à la parole, aux mathématiques et à la religion*”¹⁷; ainda em 1851, Joséphine Brouland (1851) utiliza um método parecido ao de Jérôme Antoine Jarisch no seu “*Tableau specimen d’un dictionnaire des signes*”¹⁸; Entre 1800 a 1884, os trabalhos de Bébien foram seguidos por Joseph Piroux. Era um método para representar a escrita por meio de símbolos. Seu livro “*Méthode de dactylogogie, de lecture et d’écriture à usage des sourds-muets*”¹⁹ foi publicado em 1856. (MARTINS et al, 2012)

Na França, em 1856, Pierre Pélissier (1814/1863), aluno surdo do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, publicou o livro “*L’Enseignement primaire dès*

¹⁶ Estudos sobre a lexicologia e gramática da linguagem natural dos gestos

¹⁷ Método de instrução dos surdos-mudos à fala, à matemática e à religião

¹⁸ Quadro exemplificativo de um dicionário de gestos

¹⁹ Método de datilografia, leitura e escrita para a utilização dos surdos-mudos.

*sourds muets a la portée de tout le monde avec une iconographie des signes*²⁰. Em sua obra, ele representa os gestos por meio de desenhos com o apoio de setas para compreensão do movimento. Sofiato (2011, p. 21).

Sobre Pierre Pélissier, Renard e Delaporte (2002, *apud* Sofiato, 2011),

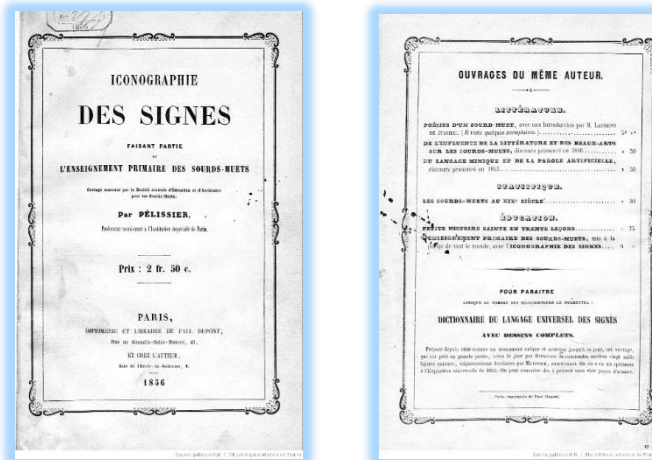
Pélissier (1814/1863) foi educado em língua de sinais numa instituição em Toulouse pelo abade Chazottes. Foi professor do colégio Saint-Jacques durante 20 anos, de 1843 até sua morte em 1863, e também do Instituto de Surdos-Mudos de Paris. Em 1844, publicou *Les poésies d'un sourd-muet*²¹. Marcado por uma influência romântica, foi admirado por Lamartine, que em seus versos o qualificou como “poeta silencioso”. Pierre Pélissier é considerado um dos primeiros ilustradores da França entre os períodos de 1855 a 1865. Contemporâneos de Pélissier, Joséphine Brouland e Louis-Marie Lambert, também desenvolveram trabalhos relativos à língua de sinais francesa no período. Brouland e Lambert igualmente trabalharam no Instituto de Surdos-Mudos de Paris, assim como outros ilustradores que publicaram descrições de sinais. Os autores citados mencionam que Pélissier, por meio de sua obra, era o único a representar a categoria pensamento surdo por ser surdo. (Sofiato, 2011, p. 64 e 65).

Na época, por ser surdo e educado em língua de sinais, era natural que Pélissier tivesse interesse em produzir trabalhos na área, ainda mais devido a sua aptidão para o desenho e por ser o único, de acordo com Sofiato (2011), a representar o pensamento surdo, devido a sua condição. Seu trabalho foi fundamental para a educação dos surdos franceses da época.

²⁰ Educação primária dos surdos, o silêncio ao alcance de todos: uma iconografia dos sinais.

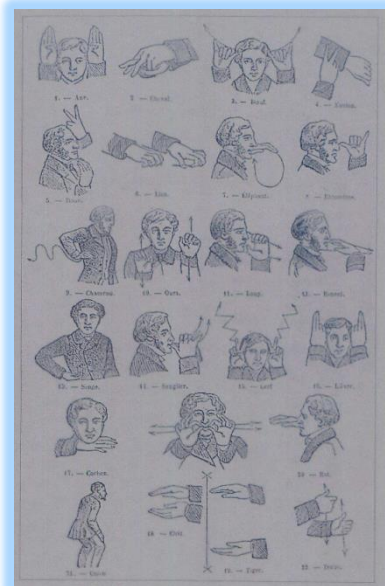
²¹ Poesias de um surdo-mudo.

Figura 11 – Capa do livro *Iconographie des signes*



Fonte: Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k131991f>>. Acessado em: 17/07/2016

Figura 12 – Estampa com sinais de Pélissier



Fonte: Sofiato (2011)

No Brasil, os primeiros registros lexicográficos da Língua Brasileira de Sinais, de que se tem conhecimento, datam dos séculos XIX, XX e XXI. As obras produzidas nestes períodos passaram por diversas nomenclaturas, ou seja, inicialmente foram denominadas de **manuals** com estampas de desenhos, **apostilas**, **livros** e **dicionários**, estes últimos já nos moldes atuais - século XXI.

O trabalho de L'Epée influenciou a fundação da primeira escola de surdos no Brasil, "O Imperial Instituto de Surdos Mudos", em 1857, no Rio de Janeiro, por Edouard Huet, um surdo francês, aluno e professor do Instituto de Surdos Mudos de Paris. A convite do imperador Dom Pedro II fundou a escola, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2005, p.32).

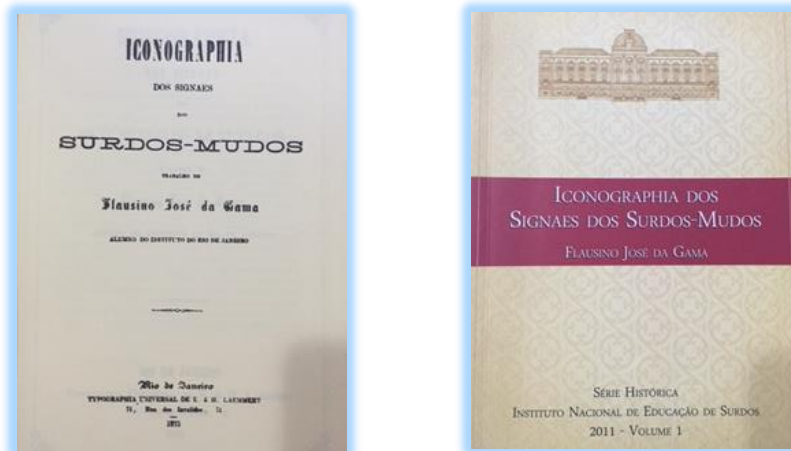
Vinte anos após a fundação do INES, a primeira obra em Libras é produzida por um aluno surdo do instituto, Flausino José da Costa Gama. Sua Obra, "A Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos" era na verdade, um **manual** ilustrado.

De acordo com Sofiato & Reily (2005 *apud* Sofiato, 2011, p. 25), a inspiração para o trabalho de Flausino foram as estampas de Pélissier, entendidas por ele como uma forma dos "falantes" conversarem com os surdos. Segundo a autora, Flausino era um desenhista bastante hábil conseguindo desenvolver o projeto depois que aprendeu a técnica da litogravura. A autora ainda enfatiza que

"(...) é importante destacar que a obra de Flausino constitui-se basicamente de estampas, compostas por imagens referentes aos sinais que foram escolhidos para compor o léxico e, também pelos verbetes em Língua Portuguesa correspondentes ao significado desses mesmos sinais". Sofiato (2011, p. 81).

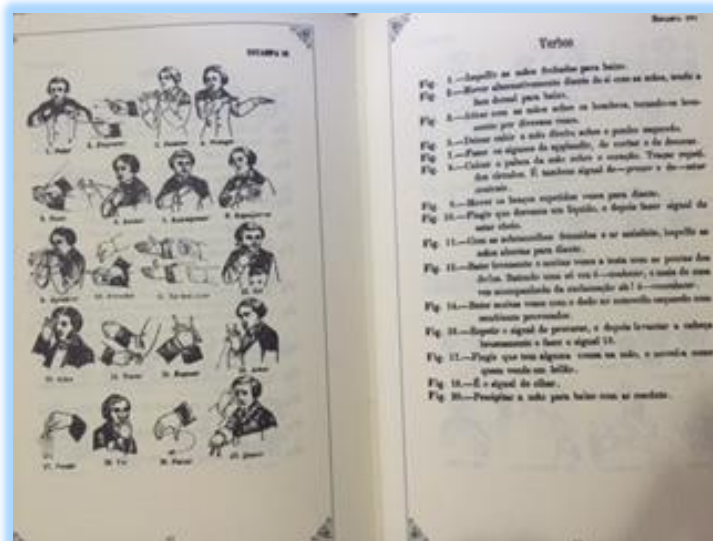
O manual de Flausino contém 20 estampas e para cada uma delas existe uma lista com explicações de como o sinal é feito.

Figura 13 – Capa: Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos



Fonte: Gama, Flausino José da. Iconographia dos signaes dos surdos-mudos. Rio de Janeiro: INES, 2011 (série histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos)

Figura 14 – Estampa com sinais de verbos de Flausino da Gama



Fonte: Gama, Flausino José da. Iconographia dos signaes dos surdos-mudos. Rio de Janeiro: INES, 2011 (série histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos)

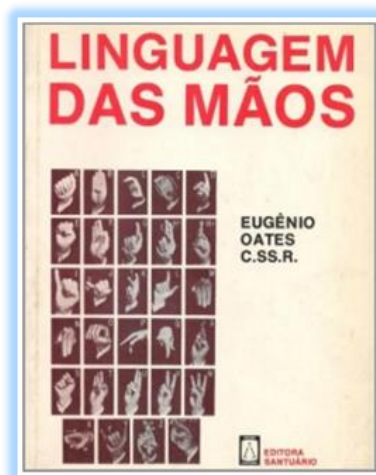
Conforme Capovilla, Raphael e Macedo (1998), encontramos três outros **manuals** na língua brasileira de sinais: Oates (1969), Hoeman, Oates e Hoeman (1981), Peterson e Ensminger (1987).

Segundo Felipe, (2000),

Esses livros foram, durante décadas, o material didático utilizado pelos instrutores surdos para ensinarem sua língua e, talvez por essas obras trazerem uma seleção de fotografias ou desenhos de sinais da LIBRAS com explicações, a metodologia que vem sendo utilizada para ensinar esta língua tem sido somente a apresentação de sinais e tradução dos mesmos. (FELIPE, 2000, p. 01)

Destas obras, a mais conhecida é o **manual**, “Linguagem das Mãos” de Padre Eugênio Oates (1969). Seu trabalho encontra-se dividido em 15 capítulos, incluindo numerais. Possui 1.258 sinais organizados em categorias gramaticais: (verbos, substantivos, adjetivos e advérbios, preposições, pronomes e conjunções, cores, homem e família, alimentos e bebidas, animais, o mundo e a natureza, religião, tempo, regiões do mundo e alguns países, estados brasileiros, territórios federais e capitais, vestuários e números cardinais). (TEMOTEO, 2012, p. 34)

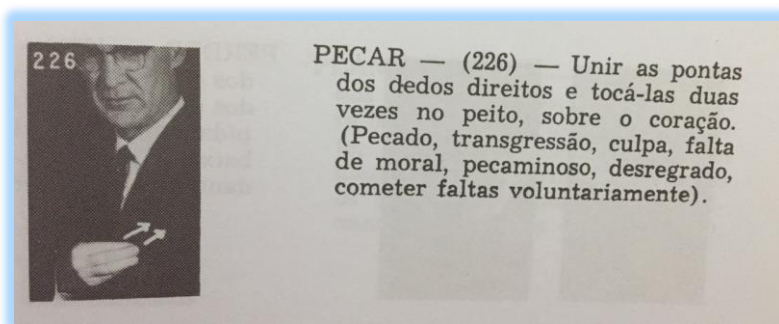
Figura 15 – Capa do livro Linguagem das Mãos



Fonte: Linguagem das Mãos, Eugênio Oates. 1969

Todas as imagens utilizadas foram feitas pelo próprio Oates. As fotos são em preto e branco e em alguns casos foi utilizada mais de uma imagem para compor o sinal. A compreensão do movimento é feita por meio de setas. Ao lado de cada sinal há um verbete com sua descrição. No final do livro há um índice com numeração e nome dos temas de cada capítulo e, também, uma lista com todas as palavras utilizadas no manual em ordem alfabética. Na imagem abaixo, no sinal PECAR, foi utilizada uma seta para indicar a noção do movimento (figura xx). Os números entre parênteses indicam o número do sinal, numerados no início do livro, de 1 até 1.258.

Figura 16 – Sinal 226: PECAR



Fonte: (Oates E., 1969, p.189)

O objetivo da obra é descrito no prefácio por Oates (1969, p. 12),

“é, simplesmente, o de ajudar os surdos-mudos brasileiros a terem um melhor entrosamento na sociedade e que haja um melhoramento contínuo na sua vida social, educacional, recreativa, econômica e religiosa. É, também, minha esperança que o livro seja útil a todos aqueles que têm contato com os surdos”. OATES (1969, p. 12)

As palavras do autor no prefácio do manual já enfatizam uma preocupação com a inclusão da pessoa surda na sociedade brasileira, um avanço para a época que não dispunha dos recursos educacionais e tecnológicos atuais.

Doze anos após a publicação do manual de Oates (1969), ainda no século XX, surgiu um novo **manual** de Libras no Brasil, intitulado “Comunicação Total”. A obra fora produzida por missionários americanos que vieram trabalhar com surdos no país. De autoria de Everett Peterson e sua esposa Iva Jean Peterson (1981), contribuiu para ampliação e estudos lexicográficos da língua de sinais brasileira que era chamada, na época, de mímica.

No manual de 21 páginas, constava apenas a descrição de como o sinal era feito sem nenhuma ilustração. Dividido em sete lições, cada uma continha uma lista enumerada com a descrição do sinal, mas sem nenhum título identificando de que assunto tratava.

Figura 17 - Capa do manual Comunicação Total e exemplos das descrições dos sinais



4ª lição, Sinal 31: DIFERENTE (Peterson, 1981, p. 12).

31. diferente - as duas mãos em "R". De repente muda para "V".

6ª lição, Sinal 52: PADRE (Peterson, 1981, p. 19).

52. padre - faça o sinal da cruz com a mão direita em "U".

6ª lição, Sinal 56: TRISTE (Peterson, 1981, p. 19).

56. triste - abaixar as duas mãos curvadas, do queixo até a cintura palmas para cima.

6ª lição, Sinal 28: FERIADO (Peterson, 1981, p. 18).

28. feriado - os polegares das mãos abertas estão colocados em baixo dos braços, abanando os dedos.

6ª lição, Sinal 34: CHEFE, DIRETOR, PATRÃO (Peterson, 1981, p. 18).

34. chefe, diretor, patrão - a mão direita em "R" está colocada no lado direito da testa. Mover a mão para a frente um pouco.

Fonte: (Peterson, 1981)

Conforme Silva, Malta e Silva, (2008b), o casal Peterson criou, inicialmente a **apostila**, “Vocabulário de mímica para surdos” que era destinada ao ensino de Libras. Pouco tempo depois, chegava ao Brasil Judy Ensminger, que desenhava os sinais para o livro “Aprendendo a Comunicar: um livro par” e, posteriormente, sob a coordenação de Peterson desenhava os sinais para o manual “Comunicado com as Mãos”, que só recebe essa nomenclatura a partir da segunda edição, em 1987,

quando seu léxico foi expandido em 84 sinais, do total de 490 sinais que o compunha na primeira edição, passa para 574 na segunda edição.

Figura 18: Capa do manual Comunicando com as mãos



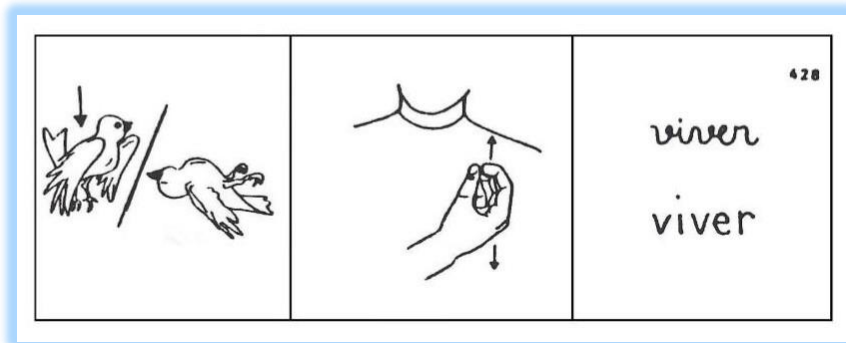
Fonte: Peterson & Ensminger, 1987.

Rodrigues (2009), explica o porquê e o objetivo do manual.

Esse livro foi escrito visando a integração do surdo na sociedade, visto que sua comunicação é diferente, era necessário investir nessa área. Por conta dessa necessidade, o Dr. John Peterson passou a trabalhar nessa área de literatura para surdos. Este título do primeiro livro se deu por conta da filosofia da comunicação total que estava se expandindo naquela mesma época, 1981. (RODRIGUES, 2009, p. 14).

A obra foi feita de forma artesanal e simples, pois não havia nenhuma editora a frente do trabalho. As cópias eram fotocopiadas e encadernadas com espiral. Sua distribuição para os surdos era gratuita; parte do auxílio financeiro era vindo de instituições americanas, visando oferecer ao surdo a possibilidade de conhecer “mímica”, sobretudo para aqueles surdos que nunca haviam tido a oportunidade de frequentar uma escola ou comunidade surda.

Figura 19 – Sinal 428: Viver



Fonte: (Peterson & Ensminger, 1987, p.113)

Na parte interna do manual, sua organização era feita por três colunas. A primeira com desenho que ilustra o significado do sinal, conforme exemplo acima, a imagem de dois pássaros, com a indicação por meio de seta para o significado da palavra vivo, visto que a outra ave se encontra morta. Na coluna do meio aparece uma ilustração com o sinal em Libras para viver com setas indicativas do movimento das mãos (para cima e para baixo). Segundo seu autor, as ilustrações auxiliam a compreensão dos surdos, especialmente os que não tinham acesso à leitura e escrita na época. (TEMOTEO, 2012, p. 42)

Em outubro de 1991, foi lançado o **manual** de sinais bíblicos, “O Clamor do Silêncio” pela Junta de Missões nacionais da Convenção Batista Brasileira. As ilustrações são de Salomão Dutra Lins, surdo e pastor evangélico. Os sinais foram escolhidos a partir de uma pesquisa sobre seu significado bíblico e seus usos nas igrejas batistas com a finalidade de apresentar os sinais bíblicos para serem utilizados no Ministério com surdo das igrejas facilitando a comunicação. (TEMOTEO, 2012, p. 19)

Figura 20 – Capa do Manual de sinais bíblicos: o clamor do silêncio



Fonte: Manual de sinais bíblicos: O clamor do silêncio, JMN, 1991

A referida obra é subdividida em cinco partes, permitindo que o leitor localize os sinais de acordo com os temas que compõem cada uma dessas ações. São compostos de 272 sinais bíblicos organizados da seguinte forma: (1) livros da Bíblia - 59 sinais; (2) personagens bíblicos - 93 sinais; (3) funções - 15 sinais; (4) lugares - 24 sinais; (5) outros sinais - 81 sinais.

Figura 21 – Sinal de Maná

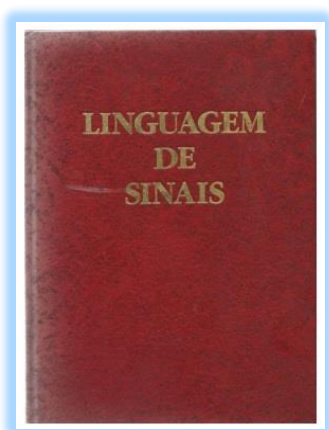


Fonte: Manual de sinais bíblicos: O clamor do silêncio, JMN, 1991, p.128. (TEMOTEO, 2012, p. 51)

Os sinais são apresentados numa caixa e sua representação é feita por uma ilustração (desenho) do sinal. Abaixo da caixa, encontra-se o verbete em português com uma explicação detalhada sobre o modo como deve ser feito sinal, como no exemplo acima, a palavra MANÁ, cujo significado é “o alimento que desceu no céu”.

A Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados publicou, em 1992, um **compêndio**²² destinado às pessoas surdas. Trata-se do **livro** “Linguagem de Sinais”, que posteriormente em 2008 recebeu um novo título: Língua de Sinais.

Figura 22 - Capa do livro: Linguagem de Sinais



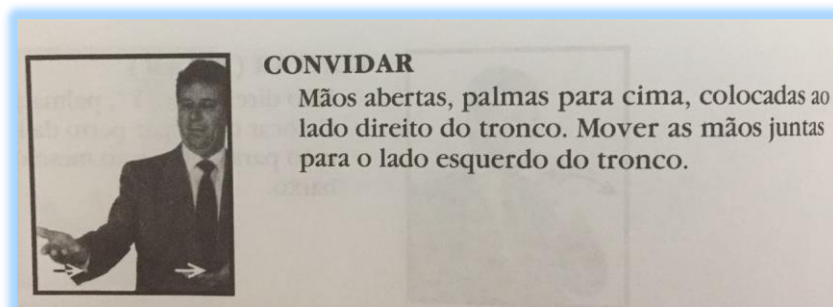
Fonte: Linguagem dos Sinais. Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992

O livro é organizado em 14 categorias: Alfabetização, verbos, substantivos, adjetivos, pronomes, assuntos bíblicos, alimentos e bebidas, animais, família, tempo, estados do Brasil, regiões do mundo, cores, natureza, vestimenta e acessórios, números (cardinais e ordinais.). No final contém um índice por assunto e alfabético. (TEMOTEO, 2012, p. 54)

²² Encontramos na página posterior a folha de rosto da obra, a seguinte indicação: “os desejos dos editores é que este compêndio ajude os deficientes auditivos a aprender a louvar o nosso Gradioso Criador Jeová por meio da linguagem dos sinais”. Por não haver prefácio e nem introdução formal, apenas uma mensagem com indicações de passagens da bíblia, não encontramos em nenhuma parte da obra que esta, seja um manual, livro ou dicionário. De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, a palavra compêndio significa: é o nome que se dá a uma súmula dos conhecimentos relativos a uma dada área do saber, em forma de livro. Devido a essa definição, optamos por nomear a obra em pauta de Livro.

Todas as imagens são fotografias reais em preto e branco. Para compreensão do movimento, utilizam-se setas, como mostra o sinal CONVIDAR no recorte abaixo.

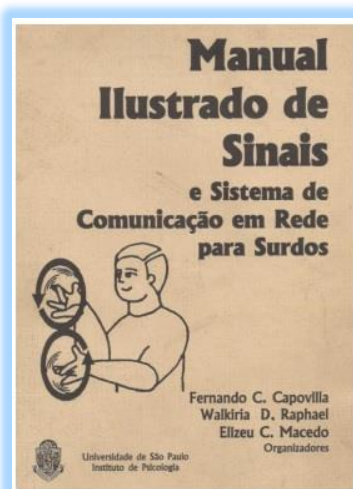
Figura 23 – Sinal de Convidar



Fonte: (Linguagem dos Sinais. Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992, p. 34)

A publicação de autoria de Capovilla, Raphaell & Macedo (1998) intitulada **Manual Ilustrado de Sinais e o sistema de comunicação em rede para surdos**, foi idealizada no laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental (Lance) da Universidade de São Paulo (USP), para suprir uma lacuna na área de surdez. Seus organizadores contaram com o apoio de uma equipe de colaboradores principalmente alunos de mestrado e doutorado do laboratório. (TEMOTEO, 2012, p. 56)

Figura 24 – Capa do Manual Ilustrado de Sinais e Sistema de Comunicação em Rede para Surdos



Fonte: CAPOVILLA, RAPHAEL e MACEDO, USP. 1998.

O manual ilustrado foi organizado em três partes: (1) a primeira, denominada o lugar dos sistemas de sinais na Educação do surdo; (2) a segunda, trata do sistema de comunicação em rede para surdos e (3) a terceira, o manual ilustrado de sinais.

Nas considerações iniciais do manual, seus autores esclarecem sobre os objetivos que os levaram a sua idealização.

Sobre o espírito deste manual: em memória de alguém, a quem ele muito admirava e que acabara de falecer, Adlai Stevenson escreveu certa vez: “Ela preferia acender uma vela a amaldiçoar a escuridão. E o seu brilho aquecia o mundo”. (New York Times, 8 nov., 1962). Ao alcançar este modesto manual, também nos sentimentos acendendo uma vela pequenina. Nada que se compare os poderosos holofotes que eu estimado leitor tem guardado no armário. Fazemos isto como um ato de fé e esperança: de que a luz, tremeluzente e frágil, desta vela possa ajudar o leitor a encontrar a sua chave de luz e acioná-la, trazendo, desta forma, maior consciência, comunhão e liberdade a todos (CAPOVILLA, RAPHAEL e MACEDO, 1998, p. 8).

O manual foi organizado com base na literatura existente em Libras no Brasil e em Língua de Sinais Americana - ASL nos Estados Unidos da América no século XX. O objetivo dos autores era elaborar um sistema de comunicação em redes que codificasse os sinais de Libras para ASL e vice-versa, de modo a permitir a comunicação entre surdos norte-americanos, canadenses e surdos brasileiros. (TEMOTEO, 2012, p. 57)

A coletânea dos sinais está organizada contendo 1515 sinais acompanhados de descrições morfológicas, e arranjados em categorias semântico-gramaticais. A seleção desse quantitativo de sinais da Língua de Sinais Brasileira (LSB) foi feita com base na mesma quantidade correspondente na ASL. Para Capovilla, Raphael & Macedo (1998, p. 12) “a compilação representa a interseção de todos os sinais em comum encontrados em todos os manuais que a equipe do laboratório da Universidade de São Paulo (USP) foi capaz de encontrar na bibliografia”.

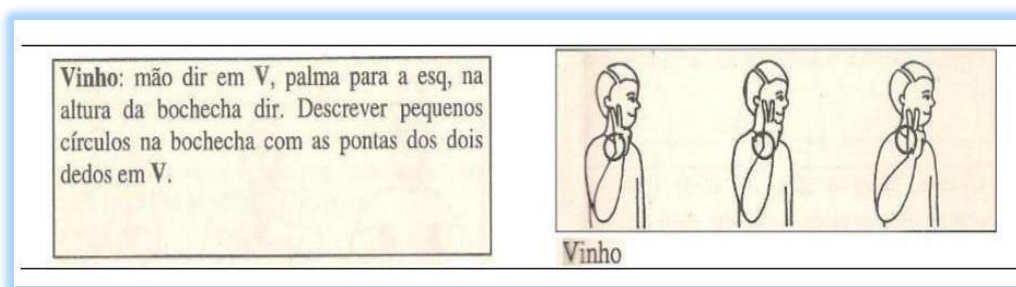
O manual está organizado nas seguintes categorias gramaticais: pronomes; pessoas; parentes; profissões; verbos I; verbos II; verbos III; verbos IV; sentimentos; alfabeto; adjetivos I; adjetivos II; advérbios e conectivos; expressões; cores; numerais;

quantidades; datas e tempo; eventos; lugares; transportes; casas e utensílios; objetos pessoais; vestuário; higiene e saúde; corpo humano; comidas; bebidas; natureza; laser; religião; animais e obrigações. (TEMOTEO, 2012, p. 58)

De acordo com Temoteo (2012, p. 58) citando Capovilla, Raphael e Macedi (1998, p. 13) os autores descrevem, “o presente manual contém sinais referentes a LSB, ou seja, 100 páginas de ilustrações intercaladas com as respectivas 100 páginas de descrições morfológica dos sinais”.

As ilustrações mostram, por meio de setas e de sequência de estágios, a disposição espacial e a ordenação temporal dos diversos parâmetros de cada sinal, como na figura 25.

Figura 25 – Sinal de Vinho



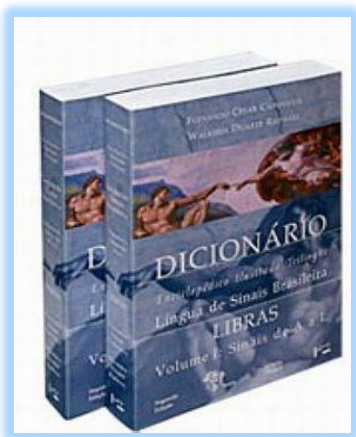
Fonte: (Capovilla, Raphael e Macedo, 1998, p. 256)

As ilustrações foram criadas de forma estilizada num mesmo padrão para que ficasse mais compreensível a posição e orientação das mãos na demonstração dos sinais. Da mesma forma, as imagens dos personagens trazem formas simples, opção feita por seus autores para não haver incompreensão do sinal, devido o seu detalhamento. O objetivo, segundo Capovilla, Raphael & Macedo (1998, p. 47) “é de eliminar aspectos irrelevantes no sinal e adentar aspectos mais finos naqueles sinais em que o movimento é relativamente discreto”.

A partir de 2001, com a publicação do Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira, passamos a ter no país, o primeiro **dicionário** de Libras de autoria de Fernando Capovilla e Walkíria Raphael. O trabalho,

segundo seus autores, “foi fruto de cinco anos de pesquisas intensas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo”. (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001, p. 50).

Figura 26 – Capa do Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira



Fonte: Capovilla & Raphael, USP. 2001

O dicionário é composto por 4.327 sinais que estão divididos em dois volumes (volume I de A a L e volume II de M a Z). Contempla três línguas: o português e o inglês (organizados de forma escrita em ordem alfabética); e a Libras escrita de maneira visual (*SignWriting*), por isso é considerado trilingue.

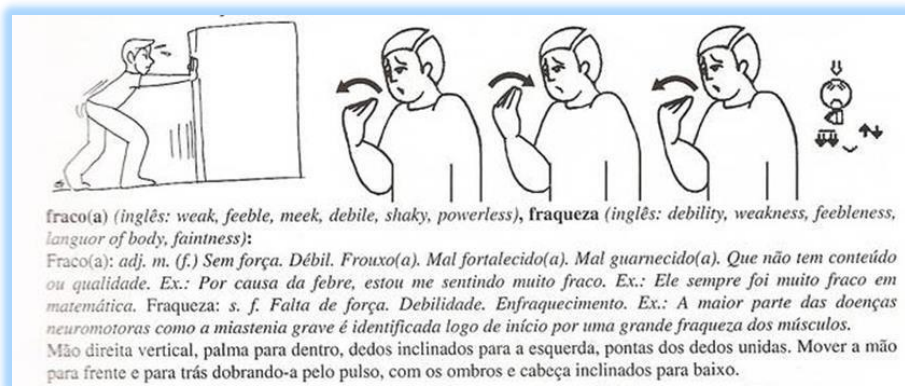
Para elaboração da obra, os autores contaram com a participação de surdos colaboradores e de uma equipe de pesquisadores ouvintes. Os surdos pertenciam à Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) e à Cooperativa Padre Vicente de Paulo Penido Burnier (Copavi). Todos pertenciam a São Paulo, por isso a maioria dos sinais coletados são variações linguísticas do Estado.

A estrutura do dicionário é composta por três capítulos: introdução, corpo principal do dicionário; um dicionário inglês-português; índice semântico; conteúdo semântico; três capítulos sobre tecnologias e surdez e a bibliografia.

Para cada sinal há uma ilustração explicativa, e uma outra explicação detalhando o sinal em estágios e sua representação escrita em *SignWriting*. Os verbetes estão escritos em português e inglês; a classificação gramatical dos verbetes em português; a definição do significado apresentado pelo sinal e pelos verbetes em português e em inglês; os exemplos de frases que ilustram o uso linguístico apropriado

do sinal; a descrição detalhada e sistemática da forma como o sinal é feito, além da ilustração do significado do sinal. (TEMOTEO, 2012, p. 62).

Figura 27 – Sinal de Fraco



Fonte: (Capovilla, Raphael, 2001, p. 687)

Em 2008, voltamos ao estilo **manual** com a publicação Manual de Libras: a imagem do pensamento, de Catarina Kojima e Sueli Sengala. O formato da publicação sai em forma de revistas, num total de cinco exemplares. Suas autoras desenvolveram o material partindo do pressuposto de que, comunicar-se, significa emitir e receber mensagens por meio de códigos, convencionais ou não.

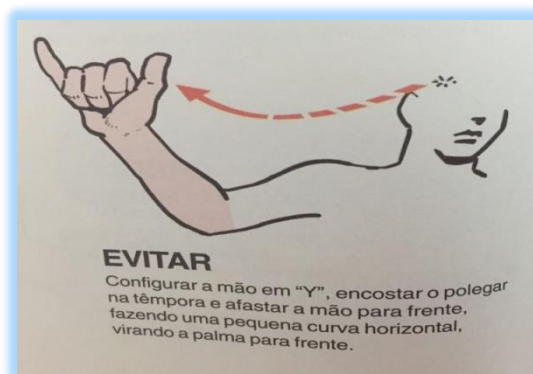
Figura 28 – Capa do Manual Libras: a imagem do pensamento.



Fonte: Kojima C.K e Segala S.R, Escala. 2008.

Esta publicação trata a Libras como língua natural da comunidade surda, especialmente por possibilitar ao aprendiz acesso aos conceitos e conhecimentos existentes na sociedade através do ensino da língua. O material traz uma parte introdutória que abrange os processos linguísticos da Libras com temáticas sobre parâmetros da língua, legislação, e aspectos específicos da comunidade surda.

Figura 29 – Sinal de Evitar



Fonte: (Kojima C.K e Segala S.R, 2008, p. 68)

As imagens são todas ilustrações dos sinais, mostrando apenas as partes mais relevantes dos sinais no personagem, como as mãos, expressões faciais ou o ponto de articulação onde o sinal é realizado. As setas de cor diferente da imagem fazem a marcação dos movimentos da língua. Algumas frases também são utilizadas para contextualizar o sinal.

A 1ª edição do novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua de Sinais Brasileira, foi lançado em 2009 dando continuidade aos trabalhos realizados no Lance/USP pela equipe de Capovilla.

Figura 30 – Capa do Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua de Sinais Brasileira

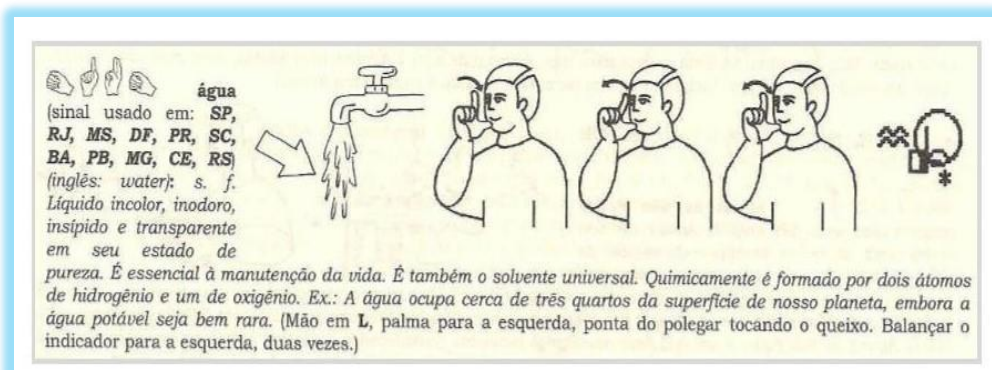


Fonte: Capovilla, Raphael & Maurício, USP. 2009

Nesta nova edição foi realizada uma pesquisa lexicográfica de sinais de 12 Estados brasileiros, objetivando que a variação linguística e sinais típicos de cada Estado fossem contemplados. Foram concebidos verbetes que contabilizam 9.828 sinais, organizados em dois volumes: volume I (A a H) e volume II (I a Z).

O novo dicionário desta vez inclui a soletração digital. O número de ilustrações também foi repensado e, em alguns casos, aparece até cinco ilustrações por verbetes. A etimologia se subdivide em iconicidade e morfologia. (TEMOTEO, 2012, p. 64).

Figura 31 – Sinal de Água



Fonte: (Capovilla, Raphael & Maurício, 2009, p. 270)

Os verbetes, nesta edição, são compostos pela soletração digital; as ilustrações aparecem de duas maneiras diferentes, enfatizando a forma e o significado do sinal. Da mesma forma que a edição anterior, a Libras escrita em forma de *SignWriting* ainda permanece. Aparecem, ainda, glosas em português/inglês, validação geográfica dos sinais, classificação gramatical, definição, exemplos de frase que contextualizam o uso correto do sinal, descrição detalhada da realização do sinal, descrição da etimologia (morfologia e iconicidade), além de índice semântico, conteúdo semântico e referências. (TEMOTEO, 2012, p. 66).

Em 2009, temos o lançamento do “Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação” de Márcia Honora e Mary Frizanco. A obra conta com três volumes e são denominados pelas autoras como **livro**.

Figura 32 – Capa dos três volumes do livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação.



Fonte: Honora M., Frizanco M. L.E. e Saruta F.B.S., Ciranda Cultural. 2009

Os livros enfocam o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para pessoas das mais diferentes formações por meio de campos semânticos de forma visual e elucidativa, tendo como objetivo diminuir a barreira de comunicação entre ouvintes e surdos. Trazem informações sobre história da educação de surdos, legislação específica da área e aspectos da gramática da Libras.

As imagens são feitas através de ilustrações em quadros divididos em três etapas: sinal em libras, ilustração referente ao sinal e descrição em português do sinal.

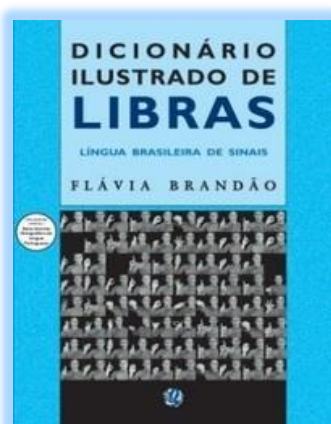
Figura 33 – Sinal de Claro



Fonte:
(Honora
Frizanco
L.E. e
Saruta
F.B.S.,
2009, p.
107)

O “Dicionário Ilustrado de Libras”, de autoria de Flávia Brandão, foi lançado em 2011 com o objetivo de contribuir para o conhecimento dos significados dos sinais que compõem a Libras, buscando orientar o leitor com os movimentos que constituem os sinais da língua.

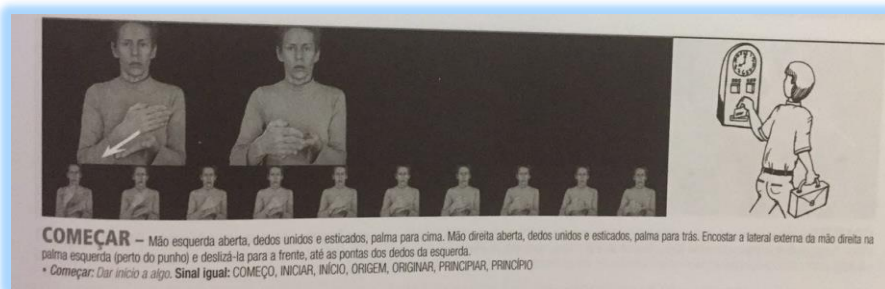
Figura 34 – Capa do dicionário ilustrado de Libras



Fonte: Brandão F., Global. 2011

O conteúdo do **dicionário** foi elaborado para promover um aprendizado fácil, de forma prática e direta. As fotografias são imagens reais de uma pessoa fazendo o sinal. Além dessa imagem maior, há uma sequência de imagens para compreensão de como o sinal é feito espacialmente. Como se trata de imagens em preto e branco, as imagens menores dificultam a visualização do sinal.

Figura 35 – Sinal de Começar



Fonte: (Brandão F., 2011, p. 189)

Na obra constam 3.212 sinais, acompanhados do seu significado em português e da explicação do movimento. A maior parte deles, também, apresenta uma ilustração que procura demonstrar o significado mais relevante para o verbete consultado, ao mesmo tempo em que orientam o seu sentido.

A pesquisa que realizamos para escrever esta seção foi de extrema relevância de modo que nos fez refletir sobre as características que elegemos como necessárias para a elaboração de nossa proposta de doutoramento, o Dicionário Infantil Bilíngue Libras/Português. Dentre elas, estão as imagens que, a nosso ver, precisam ser reais, visto que, a criança surda vivencia, grande parte de sua experiência de mundo através da visão, e as ilustrações em forma de desenhos não retratam de forma real o que é perceptível pelos olhos da criança surda. Outro ponto importante é a referência das imagens com os sinais serem feitas por crianças, devido a identificação da criança surda com outra criança sinalizando. Como podemos observar, o conteúdo mais difícil de retratar numa obra em Libras são os movimentos dos sinais, por esse motivo, presumimos ser pertinente que o dicionário tenha uma versão em formato digital com a tradução dos sinais executados por crianças e frases que contextualizem as diversas situações do cotidiano nas quais os sinais sejam utilizados pelos adultos surdos. Portanto, é a partir deste contexto que justificamos o teor didático pedagógico de nossa proposta, de modo que seja utilizado como material de apoio no trabalho de professores em atividades de alfabetização para crianças surdas.

Nos itens seguintes, faremos uma reflexão sobre as categorias de dicionários existem em língua de sinais, seus tipos e objetivos, a quem são destinados e os desafios para sua elaboração.

1.4.2 Tipos de dicionários em Língua de Sinais: funções e destinatários

Diante das evidências, percebemos que os dicionários de línguas de sinais foram os primeiros materiais didáticos criados com o objetivo de proporcionar acesso ao surdo, tanto na comunicação social, quanto ao conhecimento produzido em diferentes épocas. No início, eram compilações simples de sinais sendo a maioria, listas de palavras da língua oral com a representação através de desenhos ou fotografias dos sinais correspondentes.

A maioria dessas obras foram produzidas por pessoas que se interessavam pela educação dos surdos. A função desses dicionários era oferecer aos professores, pais, ouvintes e demais interessados, sinais para palavras específicas, de modo que eles pudessem se comunicar com os surdos através de conceitos do cotidiano. Geralmente, esse procedimento sugere ao leitor que existe um sinal que corresponde a uma palavra.

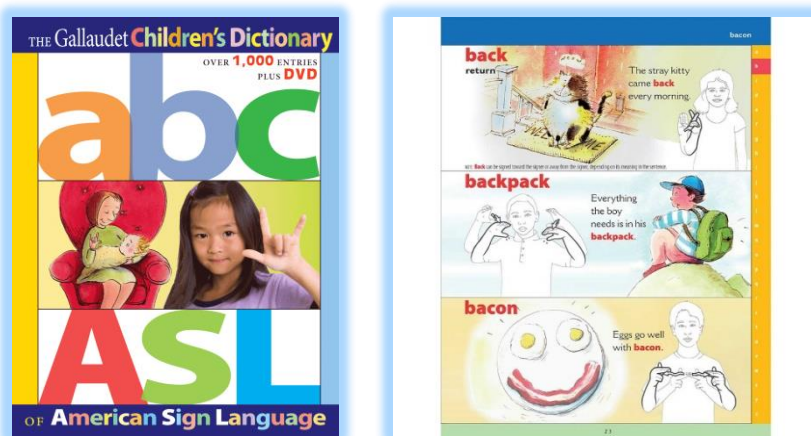
À medida que as línguas de sinais se tornaram mais visíveis na sociedade, o número de pessoas interessadas no aprendizado vem aumentando. A partir disso, foram aparecendo vários dicionários criados por especialistas com informações mais detalhadas, incluindo entradas lexicais.

Na elaboração de um dicionário, é importante se levar em consideração o público alvo a que se destina e as suas necessidades de consulta lexicográfica. Um dicionário de língua de sinais pode destinar-se tanto a estudantes da língua de sinais como L1, L2 ou mesmo como língua estrangeira (LE), como a qualquer pessoa que almeja aprofundar seu conhecimento ou simplesmente a título de curiosidade sobre o significado de uma palavra escrita para o sinal.

Os estudos de Nascimento (2009) enfatizam a importância de se levar em consideração a faixa etária dos destinatários. Sobre isso, a autora propõe a seguinte organização de acordo com o público alvo:

Dicionários Infantis – são representações dos sinais e dos conceitos correspondentes por meio de ilustrações ou avatares, ordenados por temas e pela relação semântica e morfológica que estabelecem entre si. O fator educativo fica mais evidenciado quando se acrescentam atividades lúdicas relacionadas com o sinal, com o conceito ou com a palavra escrita. Estes dicionários têm-se revelado úteis para pais e professores que poderão explorar a sua utilização em atividades didáticas com as crianças. (MARTINS et al., 2012, p. 49).

Figura 36 – Capa do Dicionário e exemplo de verbetes do *The Gallaudet Children's Dictionary*

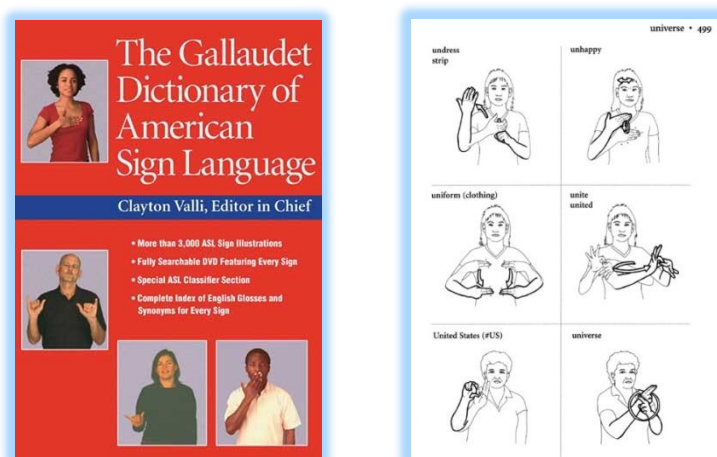


Fonte: *The Gallaudet Children's Dictionary*, 2014

O dicionário “*The Gallaudet Children's Dictionary*” é uma obra destinada ao aprendizado da língua de sinais americana para crianças surdas ou ouvintes. Contém mil verbetes com sinais específicos do universo infantil e acompanha um DVD com a tradução dos verbetes e frases do inglês para ASL.

Acadêmicos – representação de sinais por desenhos ou fotografias (ou vídeos), com informações gramaticais em ambas as línguas. Se for dirigido a pessoas ouvintes, a ordenação normalmente é por ordem alfabética. Se for dirigido a pessoas surdas, a ordem preferencialmente se assenta nos parâmetros e a informação será baseada na sua explicação, abrangência lexical e semântica em língua de sinais. Se destinados a profissionais, surdos ou ouvintes, recomenda-se a organização por temas e a ordenação alfabética das palavras. (MARTINS et al., 2012 p. 50)

Figura 37 - Capa do Dicionário e exemplos de verbetes do *The Gallaudet Dictionary of American Sign Language*



Fonte: *The Gallaudet Dictionary of American Sign Language*

Estes dicionários, em sua maioria, tendem a ser bilíngues, a exemplo do “*The Gallaudet Dictionary of American Sign Language*”, mantendo o formato unilateral, fazendo corresponder de uma palavra a um sinal e dirigindo-se ainda a pessoas com pouco ou nenhum conhecimento da língua de sinais.

1.4.3 Formas de representação: dicionários impressos e digitais

As línguas orais são basicamente unidimensionais por natureza: os sons da fala são pronunciados sequencialmente, refletindo-se na ordem linear das letras, ou sílabas, na escrita. Os dicionários de línguas orais podem conter informações diversas relativas a cada uma das entradas: categoria gramatical; transcrição fonética; etimologia; sinônimos; antônimos; relações fonéticas; estrutura lexical (classe conceptual); área lexical (científica ou outra); registro da língua; frequência de uso; variação regional; definições; explicações e frases em contexto.

No Brasil, os dicionários impressos de Libras costumam representar os sinais por diversos meios, como a combinação de desenho e descrição; a utilização da ordem alfabética da tradução dos sinais para o português; a organização temática de sinais, ou seja, agrupando grupos de sinais por ideias afins; o uso de fotografia, além da utilização de exemplos de frases em Libras.

Nas línguas de sinais a representação é bastante difícil porque os sinais são produzidos num espaço tridimensional, com parâmetros da língua em simultâneo e sequencialmente no tempo. Desse modo, a sua reprodução estática muitas vezes não é fiel à realidade. As imagens e fotos são os recursos mais comumente utilizados. Alguns dicionários utilizam também os sistemas de transcrição, complementando a imagem do sinal.

Um dos recursos mais modernos que se utiliza para representar os sinais é o vídeo, pois permite maior exatidão e facilidade a compreensão dos sinais. Estas formas de representação dos sinais irão necessariamente influenciar a organização do dicionário.

Os dicionários impressos apoiam-se em desenhos ou fotografias dos sinais. Embora estas imagens sejam regra geral, de leitura acessível, até para o desconhecedor da língua, a ação que é realizada no sinal precisa ser deduzida, pois não é visível na imagem estática.

O movimento é normalmente representado por setas adicionais à imagem ou por uma sequência de imagens. Porém, quando o sinal é mais complexo ou envolve expressões faciais, dificilmente a simbologia retratará fielmente o sinal.

Quando o dicionário utilizar fotografias, o sinalizante deve usar peças de vestuários simples, cabelos presos e evitar acessórios visualmente distrativos, tais como bijuterias, óculos entre outros.

A área da página pode ser reduzida se o dicionário for apenas unidirecional (palavra-sinal), se o espaço disponível for usado de forma mais eficiente: reduzindo o tamanho da imagem, mas não muito para não haver falta de percepção do sinal; eliminando partes em branco; excluindo informações complementares sobre os sinais; evitando, por exemplo, repetir sinônimos desnecessários.

Quando ocorre a não clareza do sinal, faz-se necessária a inclusão da imagem das configurações utilizadas. O parâmetro que é mais prejudicado é o da expressão facial. Se o ilustrador conhece bem a língua de sinais, os desenhos tornam-se certamente mais fidedignos.

A representação figurativa dos sinais requer bastante espaço no papel. Isso faz com que a maioria dos dicionários seja monolíngue, pois é muito difícil adicionar, em termos de extensão, todas as informações dos sinais. Mesmo em dicionários, sempre há certa limitação na quantidade de sinais que compõem o dicionário.

Como resultado, os dicionários em línguas de sinais contêm menos entradas do que os de línguas orais. Também por esse motivo, as informações adicionais sobre os sinais são fornecidas na língua escrita.

Já os dicionários digitais de Libras optam por outra classificação, mais relacionada com a língua de sinais que se utilizam bastante da Língua Portuguesa escrita como um recurso para representar os sinais e/ou para defini-los (PIZZIO, REZENDE e QUADROS, 2009).

Nos dicionários digitais, a representação dos sinais é feita através de vídeo ou mesmo, em avatar. Com esses recursos, a precisão é bem mais superior do que a imagem estática.

A pesquisa para os sinais é muito maior, podendo ser feita a partir de determinados parâmetros, sejam eles isolados ou combinados entre si, como: Configuração manual – a pesquisa pode ser mais ou menos detalhada, já que no geral, para cada configuração é possível encontrar mais do que uma variante relacionada, por exemplo, com a posição dos dedos; a localização – pode ser estendida a zonas específicas do corpo e do espaço; e, eventualmente, o movimento.

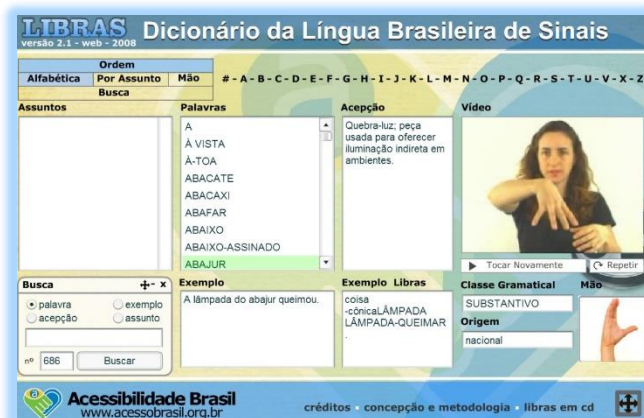
Além desses aspectos, podemos também acrescentar informações relativas aos sinais: sinônimos em língua de sinais; frases com exemplos em língua de sinais e as respectivas traduções; traduções possíveis na língua escrita; origem; sinais polissêmicos; variações dialéticas e, vocabulários específicos de diferentes áreas.

A tradução do sinal, em certo ponto, pode ser realizada por meio de glosa. Porém o significado das frases fica mais claro a partir de frases em contexto que também indicam as restrições de uso. A definição propriamente dita ou a informação complementar ao sentido do sinal podem, por vezes, ser dispensáveis. As frases em línguas de sinais, preferencialmente, são utilizadas de fontes naturais, de modo a garantir sua confiabilidade.

A informação gramatical pode ser bastante detalhada, podendo ser descrita com minúcia, como: os componentes não-manuais; as localizações possíveis num mesmo gesto; a extensão da flexão morfológica e as variações das configurações dependendo da forma do objeto referido.

Os dicionários *on-line* têm ainda uma possibilidade de armazenamento dos vídeos quase ilimitada e podem estar em constante atualização: na substituição de sinais em desuso; na introdução de novos sinais e na acessibilidade onde quer que exista conexão com a internet.

Figura 38 – Dicionário da Língua Brasileira de Sinais online



Fonte: Disponível em: <<http://www.acessobrasil.org.br/>>. Acessado em: 22/07/2016

No meio digital, encontramos um número variado de dicionários que auxiliam na compreensão dos sinais da Libras. Em 2005, a linguista Tanya Amara Felipe de Souza e Guilherme de Azambuja Lira lançaram o Dicionário virtual de Língua Brasileira de Sinais, disponível até o momento no *site* <http://www.acessobrasil.com.br/>. O material contém imagens e vídeos dos verbetes, numa pequena quantidade de sinais específicos organizado pelas categorias: frutas, religião, países entre outros. O sistema de busca é feito pela ordem alfabética da língua portuguesa, por assunto ou configuração de mão da Libras. As palavras são apresentadas juntamente com o seu significado em português e no formato de vídeo (sinal – significado) em Libras. Além disso, também se encontra na organização do dicionário, a classe gramatical, exemplos em língua de sinais e em Língua Portuguesa, configuração de mão e origem do verbe da Libras.

Os dicionários digitais, pela sua versatilidade, poderiam, idealmente, permitir ainda o descarregamento de imagens paradas dos vídeos ou de desenhos dos sinais. Isso seria especialmente útil para quem trabalha com crianças e para quem ensina ou está a aprender a língua de sinais como língua materna ou mesmo segunda língua. Neste formato, a representação dos sinais é muito mais clara e bidirecional do que em qualquer dicionário impresso.

1.4.4 Formas de compilação lexicográfica: principais desafios para ordenação dos sinais

Os lexicógrafos deparam-se com vários desafios quando trabalham com línguas de sinais, dentre elas: (a) as fontes de busca dos sinais são geralmente escassas, muitas delas não se sabe a origem, o que dificulta o reconhecimento das características gramaticais e de frequência de utilização dos sinais; (b) não existe uma ortografia de leitura simples, apesar de ser possível o recurso a alguns sistemas de transcrição das línguas de sinais como o *signwriting*, nenhum deles parece representar os sinais de forma imediata; (c) os sinais têm uma estrutura mais complexa do que as palavras orais/escritas o que torna difícil se estabelecer a correspondência entre o sinal e a palavra oral ou escrita e vice-versa.

A natureza holística dos sinais não permite uma ordenação e uma pesquisa tão lineares quanto o alfabeto das línguas orais. No entanto é possível ordenar os sinais de acordo com os valores dos parâmetros mínimos: configurações das mãos; movimentos das mãos (em si próprias ou no espaço); orientação das mãos; localização (no corpo e no espaço) e componentes não-manuais (expressões faciais, padrão de boca e movimentos corporais).

Todos esses parâmetros são produzidos em simultâneo, ainda que essa simultaneidade se estenda sequencialmente no tempo, podendo inclusive ocorrer alterações dos parâmetros dentro de um mesmo sinal, por exemplo, na localização, na configuração ou na orientação das mãos.

Por esse motivo, a ordenação dos parâmetros pode assentar-se na sua relevância semântica (localização, configuração, movimento). Além disso, cada parâmetro pode ser disposto de diferentes formas, no que diz respeito à sua percepção visual (Nascimento, 2009), ou seja, configuração (combinada com a orientação) – da mais simples à mais complexa, da maior à menor, da mais comum à menos comum, da mais aberta à mais fechada (conforme ordem na aquisição da língua de sinais) ou da mais fechada à mais aberta; localização – da mais alta à mais baixa, da mais próxima à mais distante, da mais neutra à mais elaborada Stokoe,

(1960), da mais central à mais periférica; movimento – do menor ao maior, do mais simples ao mais complexo; expressão facial – da mais básica a mais abstrata, da mais neutra à mais elaborada.

Nas classes gramaticais, poderá debater-se a ordem de entrada entre o nome (movimento repetido e curto) e o verbo (movimento longo e único), porém Nascimento (2009), entende o verbo como a forma mais básica.

No aspecto morfosintático, acrescentamos o fato de nem sempre existir a correspondência entre sinal e a palavra escrita. É também comum não se verificar a equivalência entre a classe gramatical de ambos. Por fim, nem sempre é possível reconhecer a classe morfológica de um sinal ou mesmo a sua complexidade interna.

Nas línguas de sinais, os valores dos parâmetros coincidem com morfemas. Torna-se, assim, um trabalho mais exaustivo distinguir, na formação de sinais, as combinações produtivas de morfemas e até de sinais compostos que por vezes se assemelham a sequências de frases. A multiplicação de sinais derivados e compostos que advêm destas regras deveria ser introduzida na sua totalidade no conjunto lexical de um dicionário.

Outra hipótese de organização de sinais em dicionários é a proposta por Nascimento (2009), que reside no agrupamento semântico, com base morfológica semelhante, ou seja, sinais de mesma família, relacionados por derivação ou composição.

Na próxima etapa de nosso trabalho, tecemos considerações sobre os aspectos do léxico da Libras e a ampliação do léxico nos processos formação dos sinais, seja por meio da modificação da raiz ou por empréstimo linguístico.

1.5 ASPECTOS LEXICAIS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

As línguas naturais se decompõem em unidades menores conforme a estrutura que a constitui. O mesmo ocorre com as línguas de sinais pois, possuem as mesmas peculiaridades que as demais. A Libras, também se decompõem em unidades menores, fato que nos possibilita uma análise mais detalhada.

Quadros & Karnopp (2004), conceituam língua natural como

(...) uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frase. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os usuários (KARNOPP & QUADROS, 2004, p.30).

Nos estudos de Brito (1998) a autora considera as línguas de sinais como naturais porque:

(...)como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRITO, 1998, p. 19).

A estrutura da Libras se decompõe tanto em nível textual/frasal como nos aspectos lexicais, morfológicos, fonológicos, semântico, sintático e pragmático.

Ao citar os trabalhos de Klima e Bellugi (1979), Ferreira-Brito (2010) enfatiza que “do mesmo modo que as línguas orais, as línguas de sinais exibem a dupla articulação, isto é, as unidades significativas ou morfemas, constituídas a partir de unidades arbitrárias e sem significados ou fonemas”. Segundo a autora, a estrutura fonológica das línguas de sinais se organiza a partir de parâmetros visuais. Para Klima e Bellugi (1989 *apud* Ferreira-Brito, 2010, p. 35-36) citado por Santos e Costa (2012, p. 1899) as principais diferenças entre as línguas de sinais e as línguas orais estão “em certas características da organização fonológica das duas modalidades: a

linearidade, mais explorada nas línguas orais, e a simultaneidade, que é característica básica das línguas de sinais”.

A estrutura fonológica da Libras constitui-se a partir de parâmetros que se combinam com base na simultaneidade de acordo com Ferreira-Brito (2010) quando se refere aos estudos de Klima e Bellugi (1979).

A configuração da(s) mão(s) (CM), o ponto de articulação (PA) e o movimento (M) são parâmetros primários, e a região de contato, a orientação da(s) mão(s) e a disposição da(s) mão(s) são parâmetros secundários. No entanto, em seus trabalhos, Ferreira-Brito (2010) considera o parâmetro orientação das mãos, como primário na Libras, salientando também a importância da expressão facial e o movimento do corpo, que são componentes não manuais. (SANTOS & COSTA, 2012, p. 1899)

Para este trabalho, trazemos as investigações clássicas dos estudos linguísticos da Libras através das pesquisas realizados por Ferreira-Brito (2010), Felipe (1989) e Quadros e Karnopp (2004) os quais se basearam em estudos de outras línguas de sinais, para as questões relativas a lexicologia da Libras que apresentaremos nas seções seguintes.

1.5.1 O léxico da Libras

De forma geral, o léxico pode ser “considerado” como um conjunto de palavras de uma língua e constitui o universo conceptual dessa língua (Dubois et al., 2006, p. 364). No caso da Libras, as palavras ou item léxicas são os sinais.

De acordo com Biderman (1998, p. 179), qualquer sistema lexical vem da experiência acumulada de uma determinada sociedade e de seu acervo cultural. Os membros dessa sociedade são agentes ativos no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua. Dessa forma, o léxico se expande se modifica e, às vezes, se contrai. São usuários – os falantes – são aqueles que criam e escrevem o vocabulário dessa língua.

Para Vilarinho (2013, p. 23 e 24), o léxico está submetido às regras da gramática de uma língua. No entanto, o léxico pode ser considerado autônomo, porque contém os significados, e, sem o léxico a gramática não teria unidades para normatizar. O léxico é uma abstração que contém as estruturas que formam as palavras, porque é o elemento provedor de conceitos e de significados da língua, de modo que a provisão pode se dar em estruturas regulares ou irregulares. (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 50).

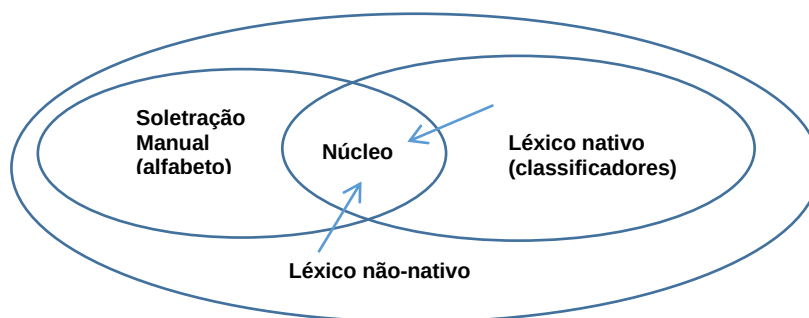
Basílio (2009, p. 9), citado por Castro Júnior (2014, p. 50) destaca como uma importante função do léxico ser uma espécie de “banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, que fornece unidades básicas para a construção dos enunciados”. O léxico categoriza as coisas sobre as quais queremos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados.

Através de estudos sobre a Língua de Sinais Americana (ASL), Quadros e Karnopp (2004) percebemos que a estrutura da língua brasileira de sinais é complexa, pois apresenta algumas propriedades²³ que não são encontradas nas línguas orais.

²³ Sobre as propriedades das línguas de sinais, temos: (a) Flexibilidade e versatilidade – Toda língua apresenta várias possibilidades de uso em diversos contextos e com diferentes funções; o mesmo acontece com a língua de Sinais. Podemos utilizá-la para pensar, declamar poesias, fazer perguntas, informar, persuadir, dar ordens etc.; (b) Arbitrariedade - A palavra (signo linguístico) é arbitrária por ser uma convenção reconhecida pelos falantes de uma língua. As línguas de sinais apresentam palavras em que não há relação direta entre a forma e o significado, como nos exemplos: CONHECER; AMIGO; TRABALHO.; (c) Descontinuidade - Diferenças mínimas entre as palavras e os seus significados são descontinuados por meio da distribuição que apresentam nos diferentes níveis linguísticos. Na língua de sinais verificamos o caráter descontínuo da diferença formal entre a forma e o significado. Há vários exemplos que ilustram isso, por exemplo, o sinal de MORENO e de SURDO são realizados na mesma locação, com a mesma configuração de mão, mas com uma pequena mudança no movimento, mesmo assim nunca são confundidos ao serem produzidos em um enunciado. Tais sinais apresentam uma distribuição semântica que não permite a confusão entre os significados apresentados dentro de um determinado contexto. Como exemplo temos: TRABALHO; VIDEO-CASSETTE; TV; MORENO-SURDO.; (d) Criatividade/produtividade – Pode-se dizer o que quiser e de muitas formas uma determinada informação seguindo um conjunto finito de regras. A partir desse conjunto, se pode produzir uma sentença infinita nas línguas humanas. As línguas de sinais são produtivas assim como quaisquer outras línguas. Como exemplo: EU GOSTAR MAMAE PORQUE ELA BOA, CARINHOSA.; (e) Dupla

Para as autoras, esses estudos podem ser aplicados, também na Libras e, afirmam que o léxico das línguas sinalizadas, de acordo com os estudos de Brentari e Padden (2001), pode ser composto por: léxico nativo e léxico não-nativo. Uma maneira visual de compreender esse processo, de acordo com os autores aqui citados, pode ser percebida no gráfico abaixo.

GRAFICO 01 – Esquema do Léxico

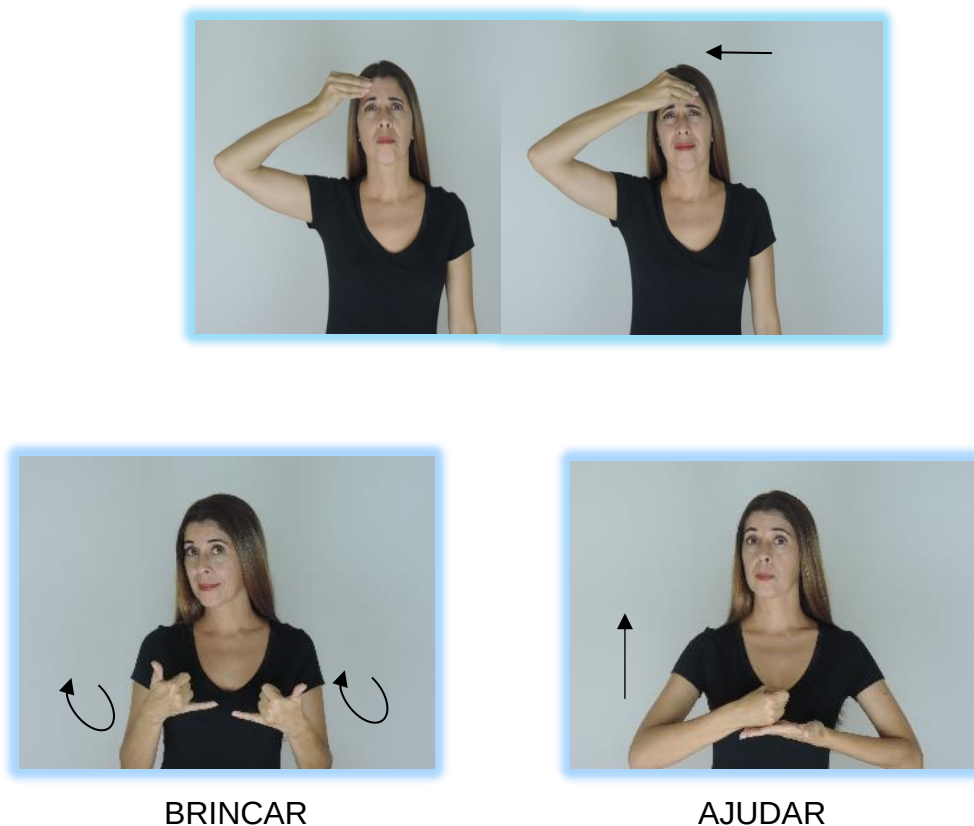


Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88)

O léxico nativo são os sinais criados e já internalizados pelos falantes, ou sinalizantes, da Libras. Como exemplos de unidades lexicais nativas, temos os seguintes sinais: ESQUECER; BRINCAR; AJUDAR (sentido de apoiar uma pessoa)

articulação - As línguas humanas apresentam duas articulações: a primeira é das unidades menores sem significado e a segunda, das unidades que combinadas formam unidades com significado.; (f) Padrão - As línguas têm um conjunto de regras compartilhadas por um grupo de pessoas. As línguas de sinais são altamente restringidas por regras. (g) Dependência estrutural - Há uma relação estrutural entre os elementos da língua, ou seja, eles não podem ser combinados de forma aleatória. Também é observada uma dependência estrutural entre os termos produzidos nas línguas de sinais. ANA RABALHAR+asp; *TRABALHAR+asp ANA; SINAL BRASIL; *BRASIL SINAL. Fonte: Texto extraído na íntegra do texto-base da disciplina de Libras II do curso de Letras/Libras da UFSC, de autoria de (QUADROS, R. PIZZIO, A. REZENDE, P. Língua Brasileira de Sinais II. Florianópolis, UFSC. 2009)

Figura 39 – Sinais: Esquecer, Brincar e Ajudar



BRINCAR

AJUDAR

As autoras enfatizam que o léxico não-nativo contém palavras em português que podem ser soletradas manualmente e são consideradas empréstimos, sendo utilizadas com menor frequência no léxico da Libras. Estas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira.

Seguindo a proposta de Battison (1978), algumas palavras do português podem ser emprestadas a língua de sinais brasileira via soletração manual como exemplo: SOL = SL ou MAIO = M-A-I-O OU M-Y-O; e, também nomes próprios (P-A-U-L-A; G-U-I-A-N-A F-R-A-N-C-E-S-A).

É frequente se pensar que os sinais de uma língua de sinais são constituídos a partir do alfabeto manual, porém não é o caso, pois a soletração manual das palavras em português é a mera transposição para o espaço através das mãos dos grafemas das palavras da língua oral. O alfabeto que é soletrado manualmente é, de acordo com a proposta de Padden (1998), para a Língua de sinais americana (ASL), um conjunto de configurações de mãos que representam apenas o alfabeto da língua

portuguesa. Para Quadros e Karnopp (2004, p. 88), a soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português envolvendo uma sequência de configuração de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português.

Todas as línguas sejam orais ou de sinais incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras que são consideradas como os empréstimos linguísticos. No português, várias palavras vêm de outras línguas: shampoo, birô, mouse etc. Pizzio (2011), em sua pesquisa de doutorado, argumenta que o mesmo acontece nas línguas de sinais, embora esta sofra um processo de lexicalização moldando-se às regras da língua de sinais brasileira. Por exemplo, o sinal SOL tem duas configurações de mão; a inicial é a configuração de mãos que representa também a letra S no alfabeto manual e a segunda é a configuração que representa a letra L no alfabeto manual da língua de sinais brasileira. Ao invés da soletração S-O-L, a produção do sinal ocorre em uma locação diferenciada da produção da soletração e omite a vogal O, passando a ser produzida as letras S-L. Esse processo fonológico observa a restrição de que um sinal deve ter no máximo duas configurações de mãos ao ser produzido com uma mão. PIZZIO (2011, p. 77)

O léxico da Libras, assim como os de qualquer língua oral ou de sinal, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. No passado, havia uma ideia de que a Libras era uma língua inferior, desprovida de riqueza gramatical, pois apresentava um número reduzido de sinais. No entanto, este fato pode acontecer com qualquer língua que não é usada em todos os setores da sociedade ou que é usada numa cultura distinta da que conhecemos, podendo não apresentar vocabulários para determinado campo semântico.

Entretanto, isso não significa que esta língua seja despretensiosa. Além do que, potencialmente, ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar sinais para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade.

No próximo item, trataremos do processo de formação lexical da Libras a partir do sinal.

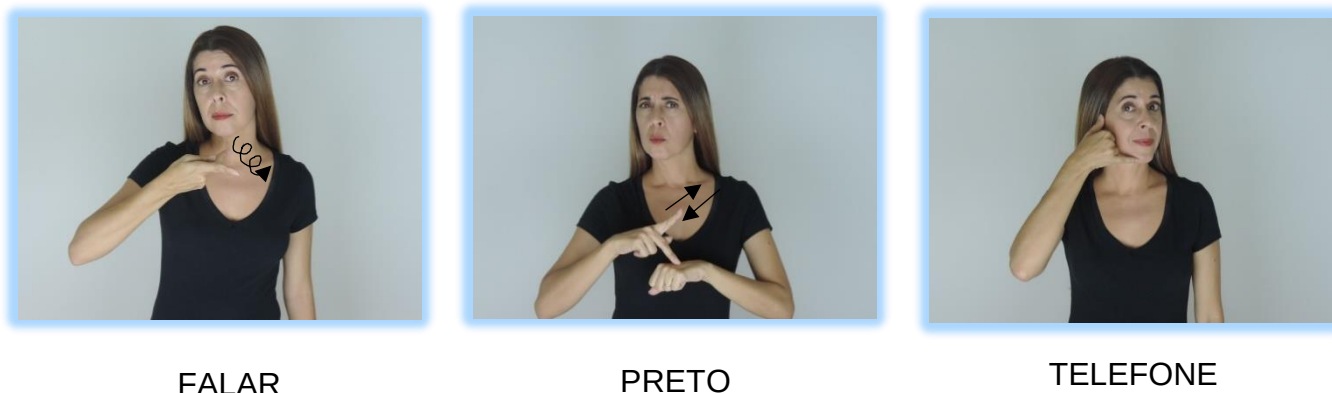
1.5.2 O sinal como aspecto lexical

Nas línguas de sinais, o termo “sinal” é utilizado para designar o mesmo que palavra (estrutura mínima de significação) ou item lexical, como é nomeado nas línguas oral-auditivas. A diferença está na sua modalidade de articulação, que é visual-espacial. Portanto, o sinal é um signo linguístico, composto por duas grandezas: o significante e o significado, aos moldes da concepção linguística de Suassure (1995) ou por expressão e conteúdo, se adotarmos a terminologia de Hjelmslev (2006). De qualquer maneira, entendemos essas duas grandezas como termos indissociáveis de uma mesma função, denominada semiótica (HJELMSLEV, 2006, p. 53)

Como unidade lexical, o sinal faz parte do léxico da Libras e é composto a partir de parâmetros que juntos formam as unidades básicas da língua. São formados pela combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, que pode ser uma parte do corpo (testa, tórax, rosto etc.) ou um espaço em frente ao corpo (espaço neutro).

São cinco os parâmetros da Libras: (1) Configuração de Mãos (CM), (2) Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L), (3) Movimento (M), (4) Orientação da Mão (OM) e (5) Expressões não-manuais (ENM).

(1) Configuração das Mãos (CM) - São diferentes formas que as mãos assumem na produção dos sinais, podendo ser a datilologia (alfabeto manual/digital). Estas formas podem ser feitas pela mão direita para os destros, esquerda para os canhotos ou por ambas. Os sinais para FALAR, PRETO e TELEFONE possuem configurações de mãos diferentes.

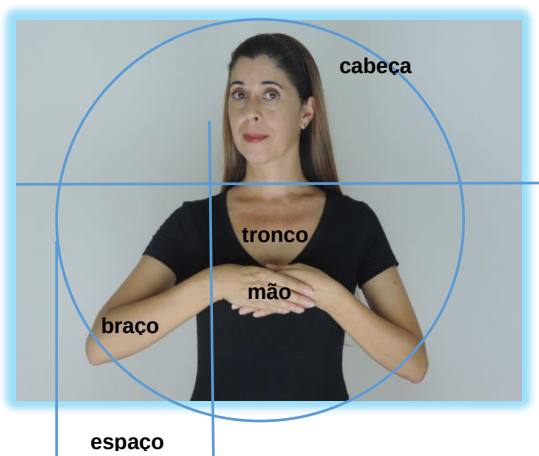
Figura 40 – Sinais: Falar, Preto e Telefone

Diversos pesquisadores, como Ferreira-Brito (1995), Felipe (2001), Quadros e Karnopp (2006) estudaram as configurações de mãos em diferentes línguas de sinais, tomando-as como base para os estudos com a Libras, porém a mais importante referência que temos é a de Ferreira-Brito (1995). Para a autora, as CMs da Libras foram descritas a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras. Foram agrupadas verticalmente segundo a semelhança entre elas, mas ainda sem uma identificação enquanto CMs básicas ou CMs variantes (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 53).

Ferreira-Brito (1995) apresenta um quadro de 46 CMs, referentes no nível fonético, já Pimenta e Quadros (2006) sistematizaram em seus estudos um total de 61 CMs. A partir de cada configuração de mãos, inúmeros sinais são formados.

Figura 41 – Quadro de configurações das mãos

(2) Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L): É o local onde incide a mão, seja direita ou esquerda configurada. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 57), o PA ou espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados. A mão pode ou não tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço que vai do meio do corpo até à cabeça (espaço neutro) e horizontal (à frente do emissor).

Figura 42 – Espaço de sinalização

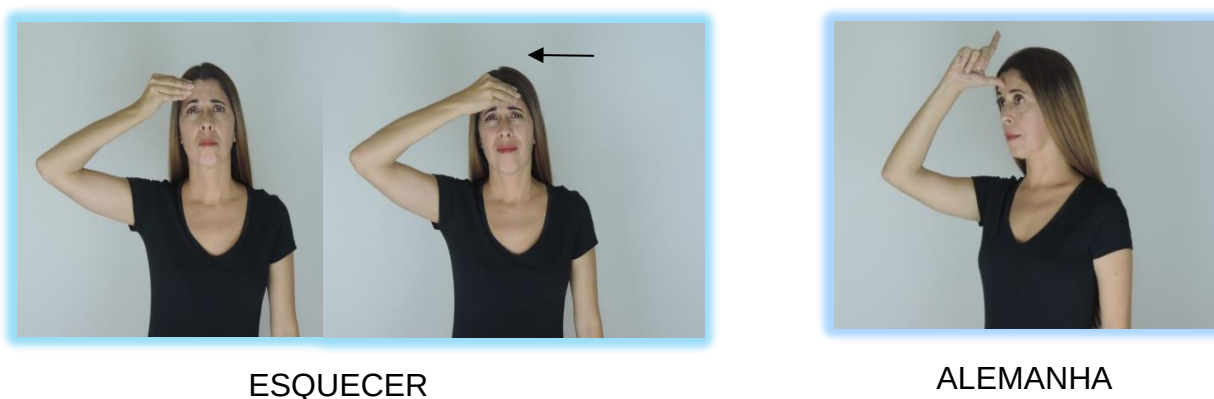
Fonte: QUADROS e KARNOPP (2004, p.57. Baseado nos estudos de Battison, 1978, p. 49)

Os sinais AJUDAR e BRINCAR são exemplos de sinais que são feitos no espaço neutro; enquanto ESQUECER e ALEMANHA são realizados na testa do sinalizante.

Figura 43 – Sinais: Ajudar e Brincar



Figura 44 - Sinais: Esquecer e Alemanha

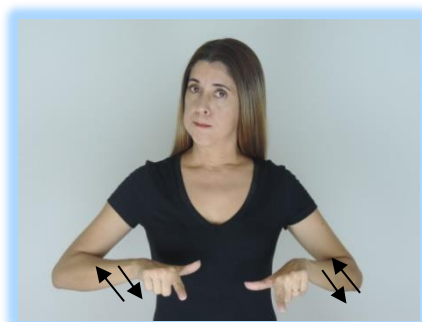


(3) Movimento (M) - Alguns sinais podem ter ou não movimento. Mas para que haja movimento é necessário se ter objeto e espaço. Nas línguas de sinais, o objeto é representado pelas mãos do enunciador, e o espaço é a área em torno do corpo do enunciador (FERREIRA-BRITO e LANGEVIN, 1995).

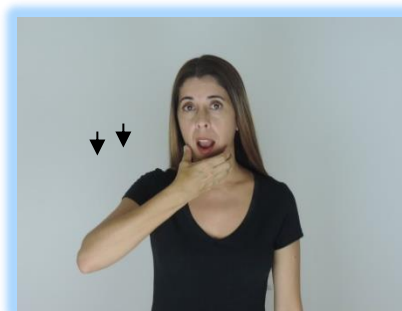
Segundo Klima e Bellugi, (1979), o movimento é um parâmetro complexo com referência ao tipo de realização (se, por exemplo é retilíneo, alternado, cruzado, circular com abertura ou fechamento de mão); direcionalidade (para cima e para baixo, para a lateral e para o centro, etc.); à maneira (diz respeito à de formas e direções que vão desde o movimento interno da mão, do pulso e os direcionais no espaço).

Os exemplos abaixo mostram os sinais de TRABALHAR e MAÇÃ que possuem movimento e AJOELHAR e EM PÉ que são produzidos sem movimento.

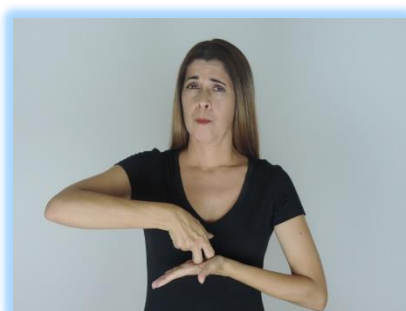
Figura 45 - Sinais: Trabalhar e Maçã



TRABALHAR



MAÇÃ



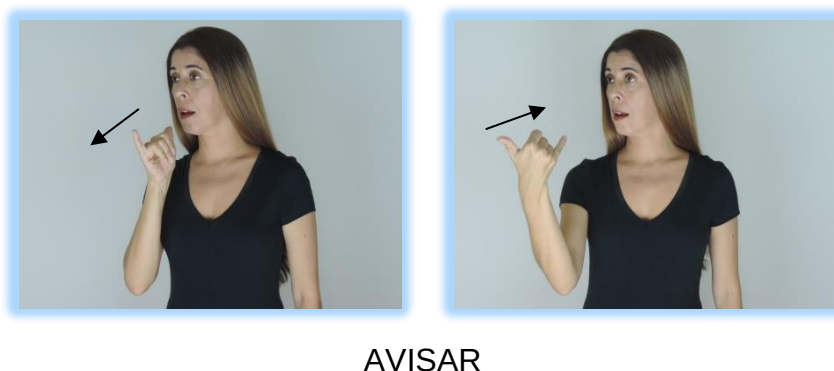
AJOELHAR



DE PÉ

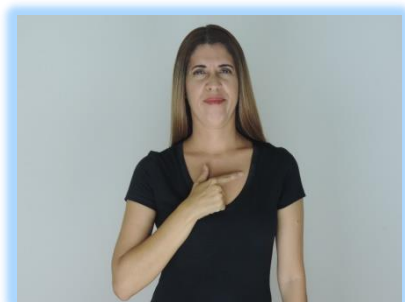
Os movimentos estudados por Ferreira-Brito (1990), para a Língua Brasileira de Sinais são semelhantes aos propostos por Friedman (1977), Supalla e Newport (1978) e Klima e Bellugi (1979). A autora propõe que o movimento pode estar nas mãos, pulso e antebraço. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 55).

(4) Orientação da mão (OM) - É a direção que a palma da mão aponta para a produção do sinal (Quadros e Karnopp, 2004). Podem ser para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda. Alguns sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar ideia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal. Os sinais QUERER, QUERER-NÃO e AVISAR mostram a ideia de oposição.

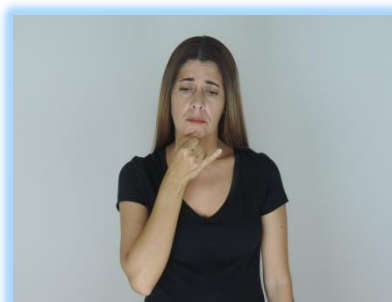
Figura 47 - Sinais: Querer e Querer-não**Figura 48 - Sinal: Avisar**

(5) Expressão não manuais (ENM) - As ENM como movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco exercem os papéis de marcações de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. Quando as expressões não-manuais têm função sintática marcam sentenças interrogativas (sim/Não), interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações, concordância e foco. Duas expressões não-manuais podem ocorrer ao mesmo tempo, como é o caso de marcações de interrogação e negação (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 60).

Figura 49 - Sinais: Feio e Triste



FEIO



TRISTE

Percebemos, no item anterior, que os sinais da Libras se estruturam por meio de suas unidades mínimas distintivas, ou seja, os fonemas. Partiremos agora para compreender como se formam os sinais a partir de seus morfemas ou unidade mínimas de significação em seu processo de ampliação lexical.

1.5.3 A ampliação lexical nos processos de formação de sinais da Libras

Segundo Alves (1990), citado por XATARA et al (2011) a necessidade humana de comunicação impulsiona fortemente o processo de ampliação lexical, que é constante em qualquer língua. A esse processo chamamos neologia. Essa necessidade surge, em grande parte, pelo contato entre povos de diferentes culturas, o que traz resultados linguísticos diferentes. Para cada informação nova, torna-se imperativo no grupo que recebe a escolha de um nome que dê prosseguimento ao fluxo comunicativo. Pode se buscar um equivalente na própria língua, criando um item lexical novo ou entendendo o significado de algum já existente. A adoção de um vocábulo de outra língua à sua, fazendo as acomodações necessárias ou se apropriando integralmente; é o fenômeno do empréstimo linguístico, sobre o qual trataremos mais adiante.

Na elaboração de um produto linguístico, é importante que se leve em consideração o conjunto de informações, de morfemas, de padrões e regras, já

disponíveis no léxico, ou seja, quando os sujeitos não utilizam esse material da língua, a comunicação entre eles seria intrincada pela limitada capacidade de armazenar na memória um número sempre crescente de palavras (ou sinais) e pela necessidade de explicar o significado dos novos itens cada vez que os empregassem (BASÍLIO, 2004).

O material utilizado na produção e expansão do léxico não é algo externo ou que está na natureza, independente do humano. Ao contrário, sua existência é intrínseca aos usuários da língua. Segundo Basílio (2004), esses materiais (apenas os já estruturados), estão arquivados em nossa mente e são acionados quando necessitamos produzir algo novo ou compreender alguma novidade em termos linguísticos (como ouvir uma palavra pela primeira vez ou ver um sinal desconhecido). Até os falantes de uma mesma língua com culturas distintas lançam mão de estruturas lexicais e gramaticais para a produção de palavras, provocando a formação de um repertório de uso exclusivo de uma região.

A natureza dos processos neológicos varia muito. Alguns se baseiam em recursos fonológicos, como no caso das onomatopeias, outros, em morfossintáticos. Este último apoia-se essencialmente na derivação e composição, de interesse da morfologia. Os morfemas são elementos com significados que constituem as palavras. As possibilidades de combinação entre eles propiciam a formação de palavras e promovem a estreita ligação com a sintaxe. (BASÍLIO, 2004)

Como qualquer língua oral, na Libras, também existem regras quanto à formação de sinais. Quadros e Karnopp (2004) afirmam que pouco se tem estudando sobre essa temática, porém ressaltam a importância do trabalho de Ferreira-Brito (1990), que identificou na língua morfemas com funções lexicais e gramaticais.

Como exemplo, a autora mostra que no português as palavras casa, construção e impossível são constituídas pelos seguintes morfemas:

Quadro 01 – Exemplo de morfemas do português

casa -	s (plural)
constru-	ção (nome)
possível-	im (negação)
morfema lexical	morfema gramatical

Fonte: (Ferreira-Brito, 2010)

Em Libras, nem sempre os morfemas que formam as palavras são equivalentes aos do português.

Quadro 02 – Exemplo de morfemas da Libras

SENTAR -	movimento repetido (marca de nome)
BONITO -	expressão facial ~~ (marca de grau aumentativo)
BONITO -	expressão facial Ô (marca de grau diminutivo)
FALAR -	2 mãos e movimentos longos (aspecto continuativo)
PEGAR -	Cl:5 Classificador para objetos redondos grandes
PEGAR -	Cl:F Classificador para objetos pequenos e pequenos
PODER -	movimentos da cabeça (negação): NÃO-PODER
POSSÍVEL -	movimento inverso das mãos (negação): IMPOSSÍVEL
SABER -	movimento da mão para fora (negação): NÃO-SABER
Morfema lexical	Morfema gramatical

Fonte: (Ferreira-Brito, 2010)

Quadro 03 – Exemplo de os morfemas Querer e Querer-Não

Fonte:

QUERER (Morfema lexical)	
NÃO-QUERER (Morfema gramatical; negação incorporada da negativa por afastamento da mão)	

(Ferreira-Brito, 2010)

Portanto, igualmente às línguas orais, o processo de formação do sinal ocorre, através de (1) modificação por adição à raiz, (2) modificação interna da raiz, (3) processos miméticos ou icônicos, (4) composição e (5) derivação.

A **modificação por adição à raiz** (1) acontece pela adição de afixos, como a incorporação da negação que é um processo de modificação por adição à raiz porque, como **sufixo**, incorpora em alguns verbos: a raiz, que possui um determinado movimento em um primeiro momento, finaliza-se com um movimento contrário, que caracteriza a negação incorporada; como nos verbos: SABER / SABER-NÃO; ACEITAR / ACEITAR-NÃO; como **infixo**, incorpora simultaneamente à raiz através do movimento ou expressão corporal: TER / TER-NÃO; PODER / PODER-NÃO. (FELIPE, 2006, p. 202-203)

A negação pode ocorrer por meio destes processos morfológicos, e sintaticamente porque, através dos advérbios 'NÃO' E 'NADA', pode-se construir uma

frase negativa. Como exemplos temos: EU LIBRAS SABER-NÃO, ENTENDER NADA. (eu não sei Libras, não entendo nada).

Existe, também, a incorporação do intensificador: “muito” ou advérbios de modo, que alteram, o movimento da raiz.

No processo de **modificação interna da raiz** (2), uma raiz pode ser modificada por três tipos de acréscimo: a) o da **flexão para pessoa do discurso** que, através da direcionalidade, marca as pessoas do discurso, fazendo com que a raiz se inverta ou até adquira uma forma em arco; b) o acréscimo do **aspecto verbal** que, através de mudanças na frequência do movimento da raiz marcam os aspectos durativo, contínuo, etc (FINAU, 2004); c) o acréscimo de um **marcador de concordância de gênero** que, através de configurações de mãos (classificadores), especifica a coisa: objeto plano vertical/horizontal, redondo, etc (FELIPE, 2002); d) a incorporação do **numeral** que, representando os numerais de um até quatro, através de configurações de mão, acrescenta à raiz um quantificador. (FELIPE, 2006, p. 203-204)

Na Libras, esse tipo de modificação interna da raiz é muito produtivo e, segundo Felipe (1998b), está presente no seu sistema pronominal para representar as pessoas do discurso (dual, trial, quatrial e plural), como também no seu sistema de classificadores e em alguns advérbios: ANTEONTEM, UMA-VEZ, DUAS-VEZES, TRÊS-VEZES, PRIMEIRO-ANDAR, SEGUNDO-ANDAR, DOIS-DIAS, TRÊS-DIAS, etc; e) a incorporação do **intensificador MUITO** ou de casos modais que alteram também a frequência do movimento da raiz, como pôde ser verificado a partir da coleta de dados com exemplos de verbos da LIBRAS com incorporação do advérbio “rapidamente” (movimento repetido e acelerado) e do intensificador “muito” (movimento lento e alongado para a frente do emissor: TRABALHAR_{muito} - TRABALHAR_{rapidamente}; ANDAR_{muito} - ANDAR_{rapidamente}). (FELIPE, 2002, p. 204)

De acordo com Felipe (2006) por apresentar características gestual-visual, a Libras pode introduzir no discurso, a mímica. Sendo assim, um objeto, uma qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma ação pode **mimeticamente** (3) ser representada juntamente com a estrutura da frase. Neste processo de formação de palavra, as expressões faciais e corporais podem complementar os itens lexicais

estabelecendo contextos discursivos uma vez que essas se estruturam a partir das convenções da língua. (p. 206)

Ainda segundo a autora, o processo mimético transforma a mímica em uma forma linguística que representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração do signo e da sintaxe da língua. Neste caso, não é que se faça a mímica, ela é incorporada pela língua e se estrutura a partir dos parâmetros de cada língua de sinais, como as onomatopeias nas línguas oral-auditivas. (FELIPE, 2006, p. 206)

Felipe (2006) traz o seguinte exemplo para mostra o processo mimético, “em um contexto determinado, havia um homem em pé com um jornal embaixo do braço direito e com um saco de pipoca na mão esquerda, basta utilizar os sinais **HOMEM JORNAL** *coisa – arredondada;* **COLOCAR-EM-BAIXO-DO-BRAÇO-ESQUERDO** **PIPOCA** *coisa-arredondada;* **SEGURAR-COM-A-MÃO-DIREITA**”. (p. 206)

Os estudos de Felipe (2006) mostram que igualmente, muitos verbos podem derivar de outros, por meio de um processo mimético da ação do mesmo modo que ela foi realizada, acrescentando, à raiz-movimento, alternância de expressões facial e corporal. Exemplos desse tipo de derivação podem ser verificados nos verbos: **SALTITAR**, **DESFILAR**, **CAMBALEAR**, que derivam do verbo **ANDAR**. Esse verbo pode também, através da imitação do modo como a ação está sendo de fato realizada, acrescentar, à sua rede semântica, um caso modal: **ANDAR***ligeiramente*, **ANDAR***devagar*. (p. 207)

Felipe (2006) também argumenta “que esses processos também não podem ser confundidos com o sistema de classificadores da LIBRAS, já que se trata de um processo mimético e não um acréscimo de morfema obrigatório à raiz”. (p. 207)

A **composição** (4) é um processo que resulta na junção de dois termos independentes que originam uma nova palavra. Para Borba (1991, p. 271), “O sentimento da unidade pode resultar simplesmente do fato de que os componentes são habitualmente agrupados no uso comum. O vocábulo é composto quando duas ideias se unem para formar uma terceira que deve ter forma gráfica também fundida”.

Facundo (2012, p. 4) ao citar Carone (1986) em seus estudos, traz uma explicação da referida autora sobre o processo de composição como sendo aquele “realizado com no mínimo duas palavras compostas de radical, que podem conservar sua identidade como vocábulos fonológicos (justaposição) ou pode ocorrer a incorporação de uma palavra em outra, caracterizando o processo de aglutinação”.

Sobre este processo Carone (1986) enfatiza que:

[...] justaposição e aglutinação não são duas formas diferentes de composição, mas dois estágios de um mesmo processo. Um composto pode formar-se já aglutinado, como é o caso de vogal átona final suprimida diante da vogal inicial de outra palavra: plan(o)alto, agu(a)ardente. Nem sempre, porém. Ainda assim hesita entre as formas hidroelétrico e hidrelétrico, ambas dicionarizadas. (CARONE, 1986, p.37).

Tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais encontramos palavras compostas, isso significa que a Libras possui mecanismos que se assemelham aos do português para sua expansão lexical. A existência de sinais compostos em Libras faz com que ela mantenha seu status linguístico.

Na Libras, **o processo de composição** acontece quando se utilizam itens lexicais que são morfemas livres que se justapõem ou se aglutinam para formarem um novo item lexical.

Na Libras esses processos podem se realizar através da: **Justaposição de dois itens lexicais**, quando dois sinais formam uma terceira forma livre, como no exemplo: MULHER^BEIJO-NA-MÃO=“mãe”; CASA^CARNE=“Açougue”; CASA^REMÉDIO=“Farmácia”; **Justaposição de um classificador com um item lexical**, nesse processo o classificador não é uma marca de gênero e funciona como um clítico. Como exemplos temos os sinais: coisa-pequena^PERFURAR “alfinete”; DORMIR^pessoa+ “alojamento”; **Justaposição da datilologia da palavra**, em português, com o sinal que representa a ação realizada pelo substantivo que, na sede semântica da ação verbal, seria seu caso instrumental. Exemplo: COSTURAR-COM-AGULHA^ A-G-U-L-H-A “agulha”. (FELIPE, 2006, p. 207)

Quando a **derivação** (5) ocorre na língua portuguesa, há formação de uma nova palavra a partir de uma raiz ou de outra palavra já existente na língua. Segundo

Borba (1991), citado por Facundo (2012, p. 4) “a derivação é o meio mais frutífero de formação de palavras. Há, normalmente, a adição de sufixos à raiz ou radical. Os sufixos podem ser caracterizados pela significação externa, contudo possui valor conceitual, que se manifesta no processo de derivação”.

Assim, a derivação é um processo responsável pelo enriquecimento da língua, porque originam famílias de palavras (Borba, 1991; Carone, 1986), consequentemente, ocorre ampliação lexical.

Segundo Facundo (2012, p. 5), Borba (1991, p. 275) classifica os derivados em português como primários ou secundários, progressivos ou regressivos. Conceitua e exemplifica: a) primários: raiz + sufixo (jogo/jogador); b) secundários: palavra derivada+ sufixo (ferrugem/ferruginoso); c) progressivos: quando há adição de sufixos (cavalo/cavaleiro); d) regressivos: pela supressão de sufixos e que são mais raros (aço/aceiro).

A derivação não está restrita ao acréscimo de sufixos, visto que existe a chamada derivação prefixal, em que se acrescentam formas presas que precedem o lexema. (FACUNDO, 2012)

As pesquisas de Quadros e Karnopp (2004, p.97) mostram processos de formação de sinais a partir da derivação entre nomes e verbos, como em Telefone que deriva telefonar e cadeira que deriva sentar.

Figura 50 - Exemplos de Telefone/Telefonar – Cadeira/Sentar



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 97), a mudança de classe para formação de novas palavras/sinais é um processo bastante comum que são apresentados por Basílio (2004, p. 28) pois se justificam pela dupla função do léxico de designar entidades fornecendo elementos de base à construção de enunciados: “a primeira é a necessidade de usar palavras de uma classe em estruturas gramaticais que exigem palavras de outra; a segunda é a necessidade de aproveitar conceitos ocorrentes em palavras de uma classe em palavras de outra classe. O primeiro caso corresponde à motivação gramatical, o segundo à motivação semântica”.

Basílio (2004) ainda chama a atenção para o processo envolvendo “nomes de agente” correspondente a substantivos que designam um ser de acordo com uma atividade, a qual o verbo especifica, como em: jogador (devido à atividade de jogar); varredor (pela atividade de varrer), entre outros. Esta relação é concebida como motivação semântica pela autora e facilitam a produção de novas palavras, visto que as propriedades do sufixo formador já estão previamente no léxico. (FACUNDO, 2012, p. 6)

Pode-se concluir que, independentemente da modalidade de língua, os processos de formação de palavras existem em qualquer língua e seguem regras bem definidas. Uma delas é a partir de empréstimos linguísticos que trataremos agora.

1.5.4 A ampliação lexical por empréstimos

A expansão lexical também pode ocorrer por neologismos formados por empréstimos. Suas procedências são variadas: por interferência tecnológica; pelas mídias sociais, que são capazes de alcançar longas distâncias; pela literatura e pela necessidade de conhecimento. São praticamente inevitáveis, principalmente se houver contatos intensos entre comunidades. A língua que os recebe se comporta de diferentes maneiras: (a) adaptando ou não à grafia; (b) à vezes permanecendo por um tempo estável, oscilando entre grafia original e adaptada (transliteração); (c) fazendo parte em derivados ou compostos (BORBA, 2003).

Segundo Carvalho (2002, p. 98), [...] o mundo, as ciências, as técnicas e os costumes evoluem rapidamente; há urgência de nomear as novidades. Não se podem aguardar resultados de estudos prolongados e, na maioria das vezes, as normas apenas consagram nomes já em uso. Além desta primeira classificação, é importante citar ainda outra classificação dos empréstimos, ainda segundo a autora supracitada; [...] o termo empréstimo designa uma palavra estrangeira adotada pela língua, empréstimo externo, mas também pode ser usado para designar um termo de linguagem especial ou técnica que passou para o uso geral, empréstimo interno. (CARVALHO, 1983, p. 44).

Para Dubuc (1999, p. 105-151), [...] o empréstimo é um fenômeno através do qual se transfere uma unidade léxica de um sistema ou de um subsistema linguístico a outro. Existem dois tipos de empréstimos: o empréstimo externo, extraído de um sistema linguístico estrangeiro e o empréstimo interno, extraído de subsistemas diferentes dentro do sistema linguístico em questão.

Todas as afirmações linguísticas acima fazem parte da estrutura construtiva das línguas orais, mas também são perceptíveis nas línguas espaço-visuais, como é o caso da Língua Brasileira de Sinais. Portanto, para Carvalho e Marinho (2010), a criação de novos sinais, em Libras, pode ocorrer de três modos: (i) por meio de empréstimos da língua portuguesa, (ii) por expansão semântica de um item lexical já existente na Libras, ou (iii) pela formação de um novo lexema a partir de processos morfológicos.

Ferreira-Brito (1995) enumerou cinco tipos de diferentes empréstimos na Libras: lexical, inicialização, sinais de outras línguas de sinais, domínios semânticos e os de ordem fonética. Os lexicais são os mais comuns, representados através da soletração manual, acionados sempre que não houver um sinal equivalente. Quadros e Karnopp (2004, p. 88), confirmam essa observação, mas assumem que “essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira.”

Muitas vezes, o léxico não-nativo traz consigo as substâncias da língua de saída que não se compatibilizam com as línguas de chegada. Quando no português o som de um empréstimo não encontra correspondência, os falantes fazem uso da

palavra, mas não a adaptam. Borba (2003), exemplifica com a palavra pizza, de origem italiana, amplamente utilizada na língua portuguesa sem alteração na forma.

As pesquisas sobre a estrutura dos sinais da Libras ainda estão em andamento. Sabe-se que ela é complexa e que envolve, entre outros aspectos, a simultaneidade dos parâmetros fonológicos na realização dos sinais. O uso simultâneo desses parâmetros permite que encontremos no léxico sinais produzidos, por exemplo, com suas mãos. Entretanto, a produção deve obedecer a pelo menos, duas condições, simetria e dominância. Na primeira a configuração de mão é igual nas duas mãos, o ponto de articulação é o mesmo ou simétrico, e o movimento deve ser simultâneo ou alternado. O segundo caso envolve duas mãos, uma passiva e a outra ativa. A mão passiva faz uso de um número limitado de configuração de CMs (QUADROS e KARNOPP, 2004). Tais condições parecem depender da possibilidade de se coordenarem os movimentos. Esses sistemas que controlam e restringem a produção (emissão) e a percepção (recepção) interferem também na acomodação desses empréstimos.

Encerramos aqui nosso referencial teórico que embasaram a elaboração desta pesquisa. No capítulo seguinte iremos tratar de todo percurso metodológico, detalhando passa-a-passo a proposta do DIBLIP.

CAPÍTULO 2 - PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo objetivamos expor a metodologia adotada para a realização de nosso trabalho com base nas análises realizadas nos dicionários de língua portuguesa de acordo com os critérios do PNLD e da seleção dos sinais para composição dos verbetes nos dicionários de Libras disponíveis no Brasil, foi possível chegar a nossa proposta de dicionário infantil bilíngue Libras-Português.

Os resultados dessas análises e a descrição das partes serão feitas a seguir.

2.1 O *corpus*

Para a realização deste trabalho, tomamos como ponto de partida 03 (três) dicionários em Libras: “Deit–Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais – Libras”, autoria de Capovilla e Raphael” e os três volumes do Livro “Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez” de Márcia Honora e Mary Frizanco; e 03 (três) dicionários da língua portuguesa: “Meu Primeiro Dicionário Caldas Aulete com a turma do Cocoricó”, “Meu Primeiro Dicionário Saraiva da Língua Portuguesa Ilustrado” e “Blucher infantil Ilustrado” de Josca Ailine Baroukh, Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves e Dalila Maria Pereira Lemos,

A escolha dessas obras se deu por dois motivos: (1) porque o Deit-Libras foi distribuído pelo MEC em 2006 para as escolas públicas com alunos surdos matriculados de primeira a quarta série, conforme comentamos no item 1.3 de nosso trabalho (O PNLD e os dicionários infantis); e, por consideramos que os três volumes do livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais, possui uma quantidade significativa de sinais em Libras pertencentes ao universo da criança. (2) por não haver, no Brasil, nenhum dicionário de Libras que seja destinado a crianças surdas, achamos

necessário fazer uma análise de como os dicionários do Tipo 1, da língua portuguesa, propostos pelos critérios avaliativos do MEC/PNLD 2012, são elaborados para atender as necessidades escolares dos estudantes.

Uma questão importante no estabelecimento do *corpus* do dicionário é a melhor maneira de apresentar o léxico para o leitor. Neste sentido determinamos como nosso público crianças surdas, estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental, que estão em processo de alfabetização inicial inseridas no contexto da educação bilíngue ou educação inclusiva.

Por considerarmos relevante a proposta do dicionário Libras/Português como sendo um material didático de apoio à aquisição da Libras como L1 e do português como L2, também se torna um importante recurso de auxílio ao trabalho educacional. Sendo assim, pode ser utilizado por professores, crianças ouvintes, familiares e qualquer pessoa que deseje conhecer mais sobre a Língua Brasileira de Sinais.

Portanto, nosso *corpus* é constituído por 500 sinais selecionados do Deit-Libras (Capovilla & Raphael, 2001) e dos três volumes do Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais (Honora e Frizanco, 2009) para composição dos verbetes da proposta. A escolha desses sinais se deu porque todos fazem parte do universo infantil e por terem um equivalente em língua portuguesa.

Nesse sentido, nossa proposta de dicionário enquadra-se nas determinações do PNLD, pois trata-se de um dicionário do Tipo I, características que especificamos anteriormente no item, 1.3 – O PNLD e os dicionários infantis, de nosso trabalho.

É importante enfatizarmos que para nossa proposta de Dicionário Infantil Bilíngue Libras/Português, doravante (DIBLIP), a Língua Brasileira de Sinais é considerada como a primeira língua (L1) da criança surda e a língua portuguesa, a segunda língua (L2) na modalidade escrita, por acreditarmos que o modelo de educação bilíngue é o que melhor se enquadra ao desenvolvimento educacional da criança surda.

O procedimento metodológico adotado na sequência foi a caracterização e análise dos dicionários de língua portuguesa, Tipo I e a seleção dos sinais para constituição do *corpus* de nossa pesquisa. Nosso objetivo foi evidenciar as características dos dicionários

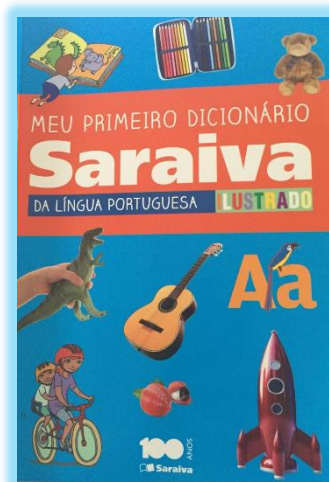
infantis da língua portuguesa, bem como a seleção dos sinais nos dicionários de Libras. Com base nessa análise, buscamos subsídios lexicográficos para a construção de nossa proposta do DIBLIP.

2.2 Caracterização e análise dos dicionários

Esta etapa teve como principal objetivo analisar aspectos da constituição estrutural dos dicionários do tipo 1, no que diz respeito à funcionalidade para os seus usuários. Os aspectos levantados são aqueles que julgamos que podem ser melhorados nessas obras, como o tamanho da letra utilizada em algumas delas, por exemplo. Nossa intenção, ao abordarmos esses aspectos, foi levantar algumas dificuldades que podem ser enfrentadas pelas crianças surdas no momento da consulta a esses dicionários e, a partir disso, propor uma nova estrutura para o DIBLIP as especificidades da criança surda, especialmente em se tratando das questões visuais em ambas as línguas.

A obra **“Meu Primeiro Dicionário Saraiva da Língua Portuguesa Ilustrado”** (2015), possui dimensões de 24 x 17 cm, o que a nosso ver é bastante interessante por se tratar de um dicionário compacto e de fácil manuseio, porém, quando pensamos em elaborar um dicionário de libras, esse tamanho de obra não se mostra adequado, pois isso faz com que as imagens (tanto para os sinais de Libras quando para apoio ao significado dos verbetes) dificulte a visibilidade por parte da criança surda. A disponibilidade das imagens nas páginas deve ser adequada para que a criança possa compreender os detalhes na formação do sinal (nas mãos) e expressão facial (rosto).

Figura 51 - Capa da obra “Meu Primeiro Dicionário Saraiva da Língua Portuguesa Ilustrado”



Fonte: (SARAIVA, 2015)

A capa inicial contém apenas o título, algumas ilustrações e o nome da editora. A folha de rosto é semelhante à capa, com o nome do dicionário e da editora. O sumário traz no topo “como consultar este dicionário se você é criança - VII”, “como consultar este dicionário se você não é mais criança – XIII” com numeração romana e demais páginas, “A...3, B...27, C...49, Z...345”, indicando todas as partes do dicionário. A página seguinte encontramos “onde encontrar os quadros temáticos”, organizados da seguinte forma: 9 Alimentos, 80 cores, 203 posições, 310 tamanhos, entre outros.

Em como consultar esse dicionário se você é criança – a obra traz explicação de como utilizar todas as partes que compõem a obra, bem como mostra com o auxílio de imagens os quadros temáticos, a faixa lateral e na parte de cima das páginas a indicação de uma seta pontilhada, (à esquerda, a primeira palavra da página e à direita a última palavra da página), as listas de palavras, a explicação dos verbetes, a sílaba mais forte, o jeito certo de falar e os exemplos. Os verbetes têm a mesma cor da letra de abertura e do destaque na faixa lateral, cada significado tem um número e quando a palavra tem um contrário (antônimo) aparece um símbolo de duas setas em direção oposta (SARAIVA, 2015, p. XII).

Em como consultar esse dicionário se você não é mais criança - o dicionário informa a proposta lexicográfica ao consulente adulto com o objetivo de auxiliar as crianças “a tirar o melhor proveito deste dicionário e exercer comportamentos leitores próprios de quem busca informações, pois ele foi desenvolvido para crianças em fase

de alfabetização, silábicas, alfabéticas ou recém-alfabetizadas (primeiro ano do Ensino Fundamental) ”, (SARAIVA, 2015, p. XIII).

Além disso, o autor informa sobre os verbetes. Segundo ele, os verbetes têm definições oracionais, ou seja, representam o modo como oralmente explicamos as coisas às crianças” (IDEM). Porém, não é informado aos leitores como se deu a seleção e origem dos verbetes. Várias outras informações são apresentadas nesse texto: os 22 painéis que abrem as palavras com desenhos compondo um cenário, as ilustrações que são formadas por 461 fotos e 470 desenhos que auxiliam na compreensão das palavras, os 28 quadros temáticos que são ilustrados do livro e que agrupam famílias de palavras. A obra tem 785 verbetes e ainda 188 palavras ilustradas.

Figura 52 - Página do verbete do dicionário Saraiva infantil



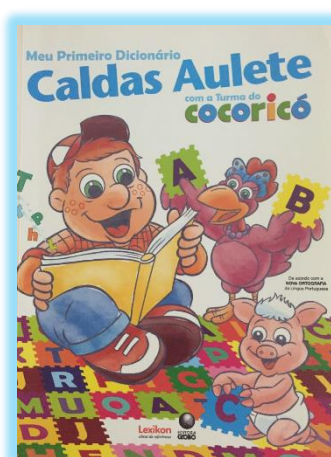
Fonte: (SARAIVA, 2015, p. 17)

O dicionário apresenta suas entradas em letra minúscula, porém o autor não informa o nome da fonte. As cores do verbete variam de acordo com a letra, seguidas da divisão silábica entre parênteses sempre seguido pela cor de realce em amarelo na sílaba mais forte, separadas por um traço. Logo abaixo, aparecem as definições dos verbetes enumerados quando se trata de uma palavra com mais de um significado com exemplos de frases contextualizando o significado em um tom de cor mais claro, as vezes um pouco ilegível. Segundo o autor, essa organização é usada para auxiliar o aluno na compreensão dos verbetes, todos ilustrados. Com relação as ilustrações, algumas mostram imagens reais e outras em forma de desenhos. Para a elaboração de uma proposta em Libras, a imagem real retrata o que a criança surda capta no dia

a dia. Outro aspecto que se faz relevante é a afinidade entre o verbete e a imagem. Tomemos por exemplo a palavra APANHAR (Figura 52) com a imagem de um cachorro aparentemente correndo num gramado com uma bola vermelha na boca. Ao olhar para a imagem, a criança surda poderá relacioná-la a cachorro e não a palavra apanhar, se ela não conhece o significado desta palavra. Assim, a relação só acontecerá quando a palavra for contextualizada com exemplos em Libras. As ilustrações não são separadas por nenhum recurso o que, em nossa opinião, não se aproveita bem o espaço gráfico.

O livro **“Meu Primeiro Dicionário Caldas Aulete com a turma do Cocoricó”** (2009) traz na capa o nome da obra, os personagens Júlio (garoto), Lilica (a galinha) e Astolfo (porquinho bebê) da turma do cocoricó, diversas letras do alfabeto, indicação que está de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa e o nome da editora. É na capa final que a obra, em um texto bastante lúdico, aponta a utilidade do dicionário: “o dicionário é um livro especial que serve para explicar o que as palavras querem dizer e como são escritas”. A obra também informa o público-alvo a que se destina: “foi feito para quem está folheando um dicionário pela primeira vez”. (CALDAS AULETE, 2009).

Figura 53 - Capa da obra Meu Primeiro Dicionário Caldas Aulete com a turma do Cocoricó



Fonte: (CALDAS AULETE, 2009)

Posteriormente, a capa e a folha de rosto (com o nome da obra, imagem do porquinho Astolfo, nome da editora). Em seguida, o dicionário traz o texto “A Turma do Cocoricó”. Nele o autor apresenta e descreve os personagens que moram na Fazenda Cocoricó.

Depois da apresentação dos personagens, o autor expõe o texto aos pais e educadores. Este traz informações relativas à extensão da nomenclatura “1.360 verbetes” (CALDAS AULETE, 2009, p. 5). Não há explicitação dos critérios adotados para a seleção da nomenclatura. A obra cita que: “os verbetes estão redigidos de modo suficientemente informal, próximo do registro coloquial das crianças – sem tom professoral, mas igualmente sem prejuízo da correção gramatical” (CALDAS AULETE, 2009, p. 6).

Além disso, o dicionário traz o texto “Meu primeiro dicionário Caldas Aulete”. Nele, o autor vai explicando para a criança sobre a ordem alfabética e lhe dando as pistas necessárias para o leitor compreender como as palavras estão organizadas alfabeticamente. Em seguida, há outro texto “O som das letras”, nele o autor explica detalhadamente que nem todas as letras têm o mesmo som.

Figura 54 - Imagem do verbete do dicionário Caldas Aulete



Fonte: Fonte: (CALDAS AULETE, 2009, p. 161)

O dicionário possui 1.360 palavras com cerca de 800 ilustrações em forma de desenhos com a turma do cocoricó aparecendo na maioria delas.

Sobre a formatação gráfica, há um ótimo aproveitamento de espaço disponível e uma interação entre texto e ilustrações, sem prejuízo de legibilidade, além de ser colorida e visualmente bastante atrativa. Cada verbete é separado por uma linha pontilhada o que facilita sua sequência na ordem alfabética.

O autor não informa a fonte da letra utilizada. A mancha-gráfica²⁴ é organizada em colunas e são duas as palavras-guia em cada página, que aparecem lado a lado no início da primeira coluna. Há o registro das letras k, w, y.

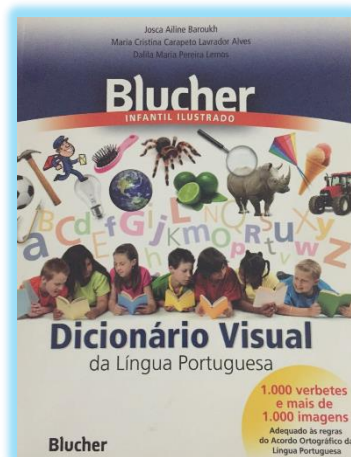
No final da obra estão os campos temáticos: corpo humano, lugares e posições, esportes, números, meses, dias da semana e horas e contrários. Todos são apresentados por ilustrações precedidos de seus respectivos nomes com setas indicativas. Essa forma é bastante interessante para Libras, pois as setas fazem com que a criança surda relacione o nome pela indicação da seta.

A obra não possui apêndice ou anexo.

O dicionário **“Blucher Infantil Ilustrado – Dicionário Visual da Língua Portuguesa”**, (BAROUKH, ALVES e LEMOS, 2011) apresenta uma capa com nome da obra, nomes dos autores e editora. A imagem central da capa mostra um grupo de crianças com livros abertos, várias letras do alfabeto e elementos (imagens) que fazem parte dos verbetes. O autor indica que se trata de um dicionário visual, com mais de 1000 verbetes e 1000 imagens adequado às regras do acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

²⁴ A mancha gráfica é o espaço delimitado de impressão dentro de uma página, onde cai tinta sobre o papel; fora destes limites, nada pode ser impresso e nenhum elemento pode ultrapassar. Nos casos em que a mancha ultrapassa as bordas do papel, diz-se que a impressão é sangrada. Fonte: <<http://dicionarioparaconcursos.blogspot.com.br/2013/12/mancha-grafica.html?m=1>>. Acessado em: 23/07/16

Figura 55 - Capa do dicionário Blucher Infantil Ilustrado – Dicionário Visual da Língua Portuguesa



Fonte: (BAROUKH, ALVES e LEMOS, 2011)

O sumário vem indicando a proposta lexicográfica da obra, guia de uso, as letras de A a Z, apêndice, crédito e referências. Nessa parte, logo abaixo, há uma descrição de quem são as três autoras.

A proposta lexicográfica é direcionada aos educadores e apresenta um texto explicativo que enfoca a linguagem e representação da criança, a importância da variação linguística no aprendizado da língua, a constituição dos verbetes, critérios de seleção vocabular e de campos temáticos, a apresentação gráfica da obra e como usar este dicionário. Não há uma apresentação voltada para as crianças, o que indica que o dicionário é um material didático com objetivo de apoiar o trabalho pedagógico dos educadores em sala de aula.

Em guia de uso, as autoras explicam todas as partes que compõem o dicionário por meio de imagens e com setas que mostram o que se pode encontrar em cada parte do dicionário.

O apêndice temático vem numerado ao lado dos quadros, em tamanho reduzido, igualmente aos que se encontram no final da obra. Em seguida, vem a apresentação em ordem alfabética os verbetes.

Figura 56 - Página do verbete do dicionário Blucher Infantil Ilustrado



Fonte: Fonte: (BAROUKH, ALVES e LEMOS, 2011, p. 79)

A apresentação gráfica dos verbetes vem em letra maiúscula com separação silábica abaixo da palavra. O significado dos verbetes traz uma linguagem coerente ao público infantil, seguido de frases contextualizadas de acordo com as imagens. Por apresentar seis verbetes por página, a ordem dos verbetes é feita na vertical o que, visualmente, para crianças surdas (ou mesmo ouvintes) em nossa opinião não é muito agradável, pois a ordem da escrita da língua portuguesa se faz na horizontal. Seria mais interessante que se colocasse um verbete abaixo do outro, num total de quatro ou cinco por página para se contemplar melhor as imagens.

A maioria das ilustrações são imagens reais do cotidiano da criança, importante recurso para compreensão do significado dos verbetes pela criança. Poucas imagens são em formas de desenhos, apenas quando se referem a personagens do folclore e imaginário é que são utilizadas

Posterior à sequência dos verbetes na letra Z, estão os campos temáticos: Brasil, corpo humano, alimentação, esportes, transportes, animais, grandezas e medidas, opostos e sistema solar. Toda apresentação dessa parte é composta por imagens seguida das palavras que as nomeiam.

Finalizando a obra, encontramos uma lista com um código onde P representa a página e F a figura seguida do nome do artista que fez as imagens com a fonte, ou seja, o site de onde foram selecionadas as imagens.

Nossas análises evidenciaram aspectos comuns e alguns diferentes nos três dicionários do tipo 1. São obras que passaram pelo crivo de especialistas e foram consideradas adequadas ao aluno das primeiras séries do ensino Fundamental.

Com base nessas análises, apontaremos nas seções seguintes as etapas da composição de nossa proposta para o DIBLIP: critérios para a construção do dicionário, aportes da estruturais com a ordem alfabética, a forma das entradas lexicais, fontes, definições dos verbetes, equivalências, exemplos, ilustrações, campos temáticos e os verbetes selecionados.

2.3 Seleção dos sinais

Os critérios para seleção dos sinais foi o de pertencerem ao universo infantil, selecionados do Deit-Libras e dos três volumes do Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação, obras de importante reconhecimento lexicográfico.

Os sinais foram catalogados em uma ficha para identificar à qual obra pertenciam. Ao lado dos quatro quadros com o nome das obras, o sinal foi marcado com um X. Esta escolha foi eleita por sabermos que uma obra lexicográfica não comporta todo o léxico de uma língua. O quadro 05 abaixo mostra o modelo da ficha.

Quadro 04 - Modelo da ficha catalográfica dos sinais

Obras lexicográficas				
Sinais	Deit-Libras	Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais		
		Vol. 1	Vol. 2	Vol. 3
Abacaxi	X			
Caranguejo		X		
Luz			X	

Como resultado de nosso levantamento, a proposta apresentada no âmbito deste trabalho definirá 500 sinais, a saber:

LETRA A - Abacaxi, Abelha, Abraça, Abril, Acender, Achar, Acordar, Açúcar, Adulto, Aeroporto, Agora, Agenda, Agosto, Água, Álbum, Alegre, Algodão, Alimento, Almoço, Alto, Aluno, Amanhã, Amarelo, Ambulância, Amigo, Amor, Andar, Anel, Aniversário, Ano, Antes, Apagar, Apartamento, Apito, Aprender, Aqui, Areia, Arrumar, Árvore, Atleta, Atrasado, Aula, Ave, Avião, Avisar, Avó, Azul.

LETRA B - Bagunça, Baixo, Bala, Balança, Balão, Balde, Baleia, Bambolê, Banana, Banco, Bandeira, Banheiro, Barato, Barco, Barraca, Barulho, Batata Frita, Basquete, Batata, Bebê, Bermuda, Bicho de Pelúcia, Biscoito, Bode, Boi, Bola, Bola de Gude, Bolo, Bolsa, Bom, Boné, Boneca, Bonito, Borboleta, Borracha, Branca de Neve, Branco, Brigadeiro, Brigar, Brincadeira de Roda, Brincar, Buraco.

LETRA C - Cabelo, Cachorro, Café, Cair, Caju, Calça, Calmo, Calor, Cama, Caminhão, Camisa, Campo, Canoa, Cansado, Cantar, Caracol, Caranguejo, Carne, Caro, Carro, Casa, Casaco, Castelo, Castigo, Cavalo, Cebola, Cedo, Cego, Cenoura, Certo, Céu, Chá, Chamar, Chapéu, Chapeuzinho vermelho, Chave, Cheirar, Chocolate, Chover, Chuva, Cidade, Cima, Cinderela, Cinema, Cinto, Cinza, Circo, Cobra, Coelho, Colégio, Colher, Comer, Computador, Conhecer, Consertar, Conversar, Corpo, Coruja, Criança.

LETRA D - Dançar, Dar, Demorar, Dentro, Depois, Desculpa, Devagar, Dezembro, Dia, Diálogo, Diferente, Difícil, Dinheiro, Dividir, Doce, Doente, Dois, Dor, Dormir, Duro, Duzentos.

LETRA E - Educação, Educar, Elefante, Embaixo, Emprestar, Embora, Encontrar, Endereço, Energia, Enganar, Ensinar, Entender, Entrar, Entregar, Errado, Enxugar, Errar, Escada, Escova, Escrever, Escuro, Escutar, Esperar, Esquecer, Estragar, Estrela, Estudar, Exemplo, Exercício, Explicar.

LETRA F - Fábrica, Fácil, Falar, Faltar, Família, Fantasma, Farol, Fazenda, Feijão, Feio, Feliz, Feminino, Feriado, Férias, Ferro, Ferver, Festa, Fevereiro, Filha, Filme, Fim, Fio, Flauta, Flor, Fogão, Fogo, Folha, Fome, Fora, Formiga, Forte, Foto, Fraco, Frente, Frio, Fruta, Fugir, Futebol, Futuro.

LETRA G - Galinha, Ganhar, Garrafa, Gastar, Gato, Geladeira, Gêmeo, Girafa, Gol, Gordo, Gostar, Grama, Grande, Gravar, Gritar, Guarda-chuva, Guardar.

LETRA H - Helicóptero, Hoje, Homem, Hora, Hospital, Humano.

LETRA I - Idade, Igual, Ilha, Imaginar, Importante, Índio, Interessante, Inverno, Irmã.

LETRA J - Jacaré, Jangada, Janeiro, Jantar, Jornal, Jovem, Julho, Junho, Juntar.

LETRA L - Lago, Lâmpada, Lanche, Lanterna, Lápis, Laranja, Leão, Leite, Lençol, Ler, Limão, Limpo, Lindo, Livro, Lixo, Lua, Luz.

LETRA M - Maçã, Macaco, Macarrão, Macio, Madeira, Madrinha, Mãe, Maio, Mamão, Manga, Manhã, Máquina, Mar, Marrom, Medo, Meia, Melancia, Melhor, Menina, Mentira, Mês, Mesa, Metrô, Milho, Mochila, Morango, Morar, Mosca, Mulher, Mundo.

LETRA N - Nadar, Nascer, Navio, Noite, Nome, Novo, Nove, Noventa, Novembro, Nu, Nuvem.

LETRA O - Obedecer, Óculos, Olhar, Ônibus, Ontem, Outono, Outubro, Ouvir, Ovo, Onze.

LETRA P - Pá, Padrinho, Pagar, Pai, Palhaço, Pão, Papagaio, Papel, Pássaro, Pato, Patinho Feio, Pedra, Peixe, Pente, Pequeno, Perder, Pesado, Perto, Pescar, Pinguim, Pintar, Pipoca, Planta, Pobre, Polícia, Ponte, Porco, Porta, Praça, Praia, Prato, Precisar, Preguiça, Primavera, Professor, Pular, Puxar.

LETRA Q - Quadro, Quarta-feira, Quarto, Quebrar, Queijo, Quente, Quinta-feira, Quatorze, Quinze, Querer.

LETRA R - Rádio, Rainha, Rápido, Rapunzel, Rasgar, Rato, Rede, Régua, Rei, Relâmpago, Relógio, Remédio, Repetir, Resfriado, Revista, Rico, Rio, Rir, Robô, Roupas, Rua, Ruim.

LETRA S - Sábado, Sabonete, Saber, Saci, Sacola, Sair, Sanduíche, Sapato, Saudade, Saúde, Secar, Segredo, Segunda-feira, Seis, Semana, Separar, Sereia, Sessenta, Sete, Setembro, Setenta, Sexta-feira, Sinal, Sol, Sono, Sorvete, Sorrir, Sozinho, Subir, Suco, Sujo, Suor, Supermercado, Surdo, Sustos.

LETRA T - Talvez, Tamanduá, Tamanho, Tangerina, Tartaruga, Tatu, Teatro, Telefone, Televisão, Temperatura, Tempo, Tênis, Terça-feira, Terra, Tesoura, Tia, Toalha, Tomate, Torneira, Trabalho, Tranquilo, Travesseiro, Trem, Trinta, Triste, Três, Tubarão, Tucano, Turma.

LETRA U - Último, Um, Unha, Usar, Uva.

LETRA V - Vaca, Vapor, Vassoura, Vela, Velho, Vencer, Vender, Vento, Ver, Verdade, Vermelho, Viagem, Vida, Vidro, Vinte, Visitar, Vizinho, Vôlei, Voltar.

LETRA X - Xadrez, Xampu, Xícara, Xixi.

LETRA Z - Zebra, Zero, Zíper, Zoológico.

É importante salientar que, em algumas letras, a quantidade de sinais/palavra é maior, fato este que é justificado por existirem mais sinais do universo infantil em determinadas letras, exemplo A, B, C do que em outras como U, X, Z.

Após todo este processo, determinamos alguns critérios para a construção de nossa proposta que elegemos como prioritários e que serão esclarecidos no item seguinte.

2.4 Seleção dos campos temáticos

Selecionamos sete campos temáticos para a proposta do DIBLIP a partir das análises feitas nos dicionários infantis do Tipo 1. Em seguida, partimos para a seleção dos sinais nos dicionários de Libras que escolhemos para compor o corpus desse trabalho.

A escolha dos campos temáticos: Alimentos, Animais, Brinquedos e Brincadeiras, Esportes, Esportes, Família e Transportes foi porque encontramos mais sinais do universo infantil neles. Como enfatizamos anteriormente, não objetivamos neste trabalho a criação de sinais, especialmente porque o DIBLIP objetiva apresentar o léxico já constituído ao pequeno leitor surdo.

Organizamos os campos temáticos num quadro para facilitar a seleção dos sinais. O quadro 06 abaixo mostra o exemplo de nossa organização.

Quadro 05 - Sinais selecionados de acordo com o campo temático

Alimentos	Animais	Brinquedos e brincadeiras	Esportes	Escola	Família	Transportes
Abacaxi	Abelha	Bola	Basquete	Aluno	Irmão	Avião
Açúcar	Baleia	Bambolê	Futebol	Lápis	Mãe	Ônibus
Banana	Cachorro	Boneca	Natação	Professor	Pai	Trem

Finalizando esta etapa, definimos os critérios que elegemos importantes para a construção da proposta do DIBLIP o que será detalhado a seguir.

2.5 Critérios para construção do DIBLIP

O dicionário que propomos tem uma finalidade descritiva por apresentar a Libras para o leitor através do seu Léxico. Dessa forma, entendemos que o léxico de uma língua viva não é um inventário fechado. Como observou Zgusta (1971, somente as línguas mortas podem ser descritas exhaustivamente em um dicionário, pois nenhuma sentença nova é produzida nessas línguas. Sendo assim, o DIBLIP não será uma obra exaustiva e apresentará uma parte do léxico da Língua Brasileira de Sinais.

De acordo com Biderman (1998, p. 130), nenhum dicionário por mais volumoso que seja, dará conta integral do léxico de uma língua em função da diferença entre léxico e dicionário. Por estarmos tratando de um dicionário de Libras, nem todas as unidades léxicas da língua foram listadas pois, por ser uma língua em constante expansão lexical, muitos verbetes relacionados ao mundo da criança não foram encontrados nos dicionários analisados. E não foi nossa intenção em momento algum desse trabalho, criar sinais específicos para suprir a ausência de alguns sinais. Nosso objetivo foi selecionar dentre as obras escolhidas para a coleta de dados do trabalho, os verbetes para a proposta do DIBLIP, por serem dicionários oficiais no Brasil e reconhecidos pela comunidade surda brasileira.

Para a proposta do dicionário, elegemos alguns critérios para a construção do DIBLIP, de acordo com os princípios e critérios norteadores do PNLD, por sua legitimidade e por não haver, até o momento, nenhum dicionário em Libras que se caracterize desta forma. Dentre os critérios, enumeramos os seguintes:

- (1) a passagem da criança do âmbito privado, familiar (doméstico), ao público, considerando a grande diversidade humana.
- (2) o modelo de educação bilíngue que respeita as diferenças linguísticas das crianças surdas, tendo a Libras como L1 e o português como L2 na modalidade escrita.
- (3) a necessidade de elaboração de material didático em Libras que possa auxiliar o desenvolvimento educacional da criança surda. A maioria desse público chega à escola sem aquisição da Libras como L1 e nem compreende a língua portuguesa por causa do impedimento auditivo advindo da surdez. Esse fato acontece porque no Brasil muitas crianças surdas são filhas de pais ouvintes e é na escola que a maioria dessas crianças entra em contato pela primeira vez com a Libras.
- (4) a adequação às regras do PNLD para dicionários do Tipo I a um dicionário bilíngue Libras/Português, com seleção lexical e explicação dos sentidos adequadas às demandas do processo de alfabetização inicial. A quantidade de verbetes entre 500 e 1000 sinais, para estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental é, em nossa opinião, mais do que suficiente para a criança surda nessa etapa de escolarização, por ser mais fácil de manusear e consultar.
- (5) a organização da proposta em campos temáticos ilustrados, sequência dos verbetes em ordem alfabética com ilustrações contextualizando os sentidos do sinal/palavra e exemplos.
- (6) a possibilidade de um novo modo de aquisição do conhecimento e de estabelecimento de vínculos entre a Libras (L1) e a escrita do português como (L2), inserindo a criança na experiência de descoberta de uma língua visual e outra oral, na modalidade escrita, que possuem estrutura gramatical diferentes.
- (7) a percepção pela criança, por meio das imagens e dos verbetes que os sinais e palavras já fazem parte de seu universo usual. Obviamente, novos sinais e palavras

serão aprendidos, assim como novos significados e informações suplementares que enriquecerá o processo de alfabetização inicial.

(8) a possibilidade de tradução do conceito dos verbetes e das frases que são contextualizadas a partir das imagens. Esta opção promoverá uma maior compreensão por parte da criança surda do sinal, do conceito e dos exemplos das frases. No vídeo ela perceberá como o verbete é sinalização por meio dos parâmetros (configuração de mãos, orientação, ponto de articulação, movimento e expressão facial), o conceito através da explicação do tradutor (ator ou intérprete) e a contextualização imagem/exemplo.

Assim, nossa proposta do DIBLIP consta de duas versões:

(A) Em formato impresso: nesta versão, o DIBLIP terá formatação A4, para uma melhor disposição das imagens por página, respeitando questões de visibilidade dos verbetes (sinais) em Libras e das ilustrações que auxiliarão na explicação dos sentidos dos verbetes.

(B) Em formato em DVD: composto de vídeos com a tradução do sinal, do significado (conceito) do verbete e exemplos das frases em Libras.

As análises dos dicionários do tipo 1 (obras que foram indicadas e aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático), bem como a seleção dos sinais de Libras no Deit-Libras e nos Livros ilustrados de Língua Brasileira de Sinais, ofereceram-nos subsídios linguísticos e deram-nos elementos para a construção de nossa proposta de dicionário infantil que, como afirmamos, terá como público-alvo crianças surdas em processo de alfabetização inicial. Tais procedimentos serão detalhados no capítulo 3: proposta de dicionário infantil bilíngue Libras/Português.

CAPÍTULO 3 - PROPOSTA DO DICIONÁRIO INFANTIL BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUES (DIBLIP)

Este capítulo apresenta a proposta do Dicionário Infantil Bilíngue – Libras/Português, procedido de algumas explicações concernentes à sua organização.

3.1 Versão impressa

3.1.1 Textos externos

Nossa proposta de DIBLIP contém os seguintes textos externos: capa, folha de rosto, sumário, apresentação do aluno, guia do professor, como usar este dicionário, apresentação dos campos temáticos, índice remissivo e referências.

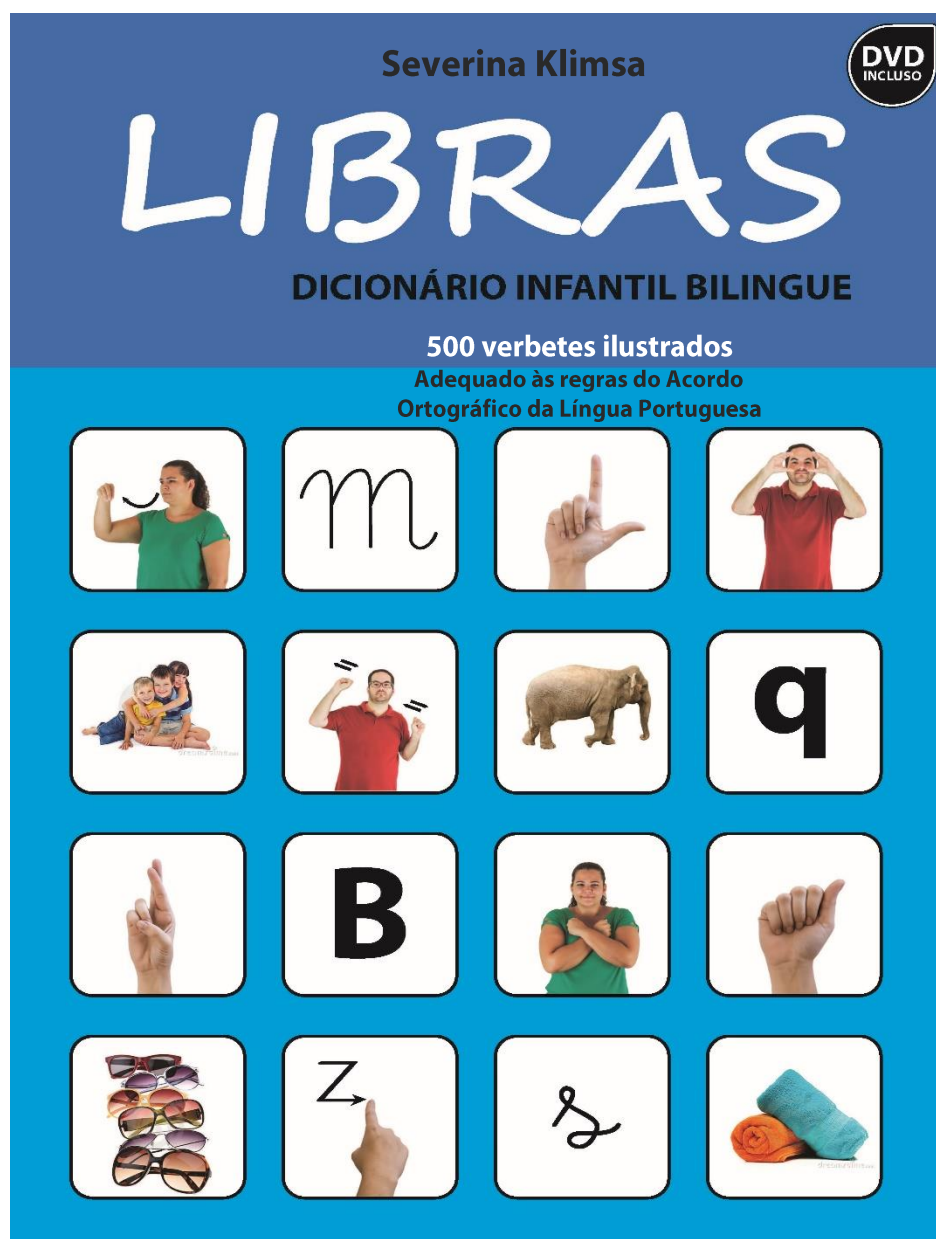
Nos próximos itens, apresentamos as principais características de nossa proposta de dicionário.

3.1.1.1 Capa

Na capa do DIBLIP, consta o nome da autora na parte superior, nome do dicionário, no lado superior direito um balão indicando que inclui DVD. Logo abaixo do nome, vem outro texto com a seguinte frase “500 verbetes ilustrados. Adequado as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa”, essa frase fica em cima de um quadro com a letra L em Libras como se estivesse apontando para o texto. No centro da capa, há um quadriculado de imagens com todos os elementos que compõem o DIBLIP, ou seja, ilustrações, alfabeto em Libras, letras da língua portuguesa e imagens dos sinais em Libras.

A capa tem duas tonalidades da cor em azul. As fontes são as mesmas utilizadas na escrita dos verbetes e frases, Myriad, Segoe e Little Day em tons de branco e preto.

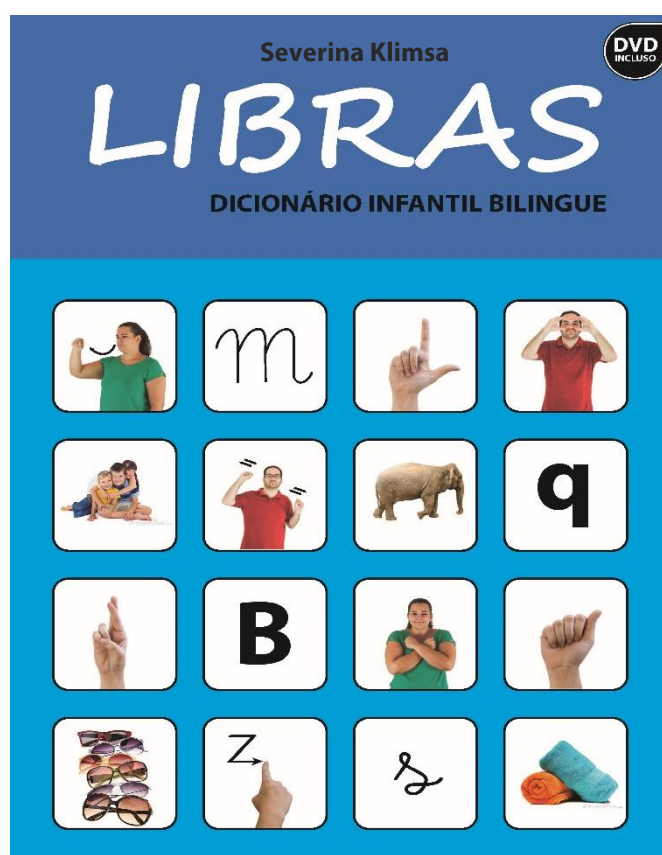
Figura 57 – Modelo da capa do DIBLIP



3.1.1.2 Folha de Rosto

Após a capa, vem a folha de rosto com o nome da autora e da obra. A mesma imagem da capa é utilizada na folha de rosto, porém em tamanho menor.

Figura 58 – Modelo da folha de rosto do DIBLIP



3.1.1.3 Sumário

No sumário, encontramos a descrição de todas as partes que compõem o dicionário: apresentação ao aluno, guia do professor, como usar este dicionário, apresentação dos campos temáticos, índice remissivo e referências.

3.1.1.4 Apresentação ao aluno

Este texto é destinado à criança. Nele, apresentamos nossa proposta de dicionário com linguagem simples, condizente com o leitor da obra, explicando o que é um dicionário e convidando o leitor da obra a manuseá-lo e a descobrir novas palavras.

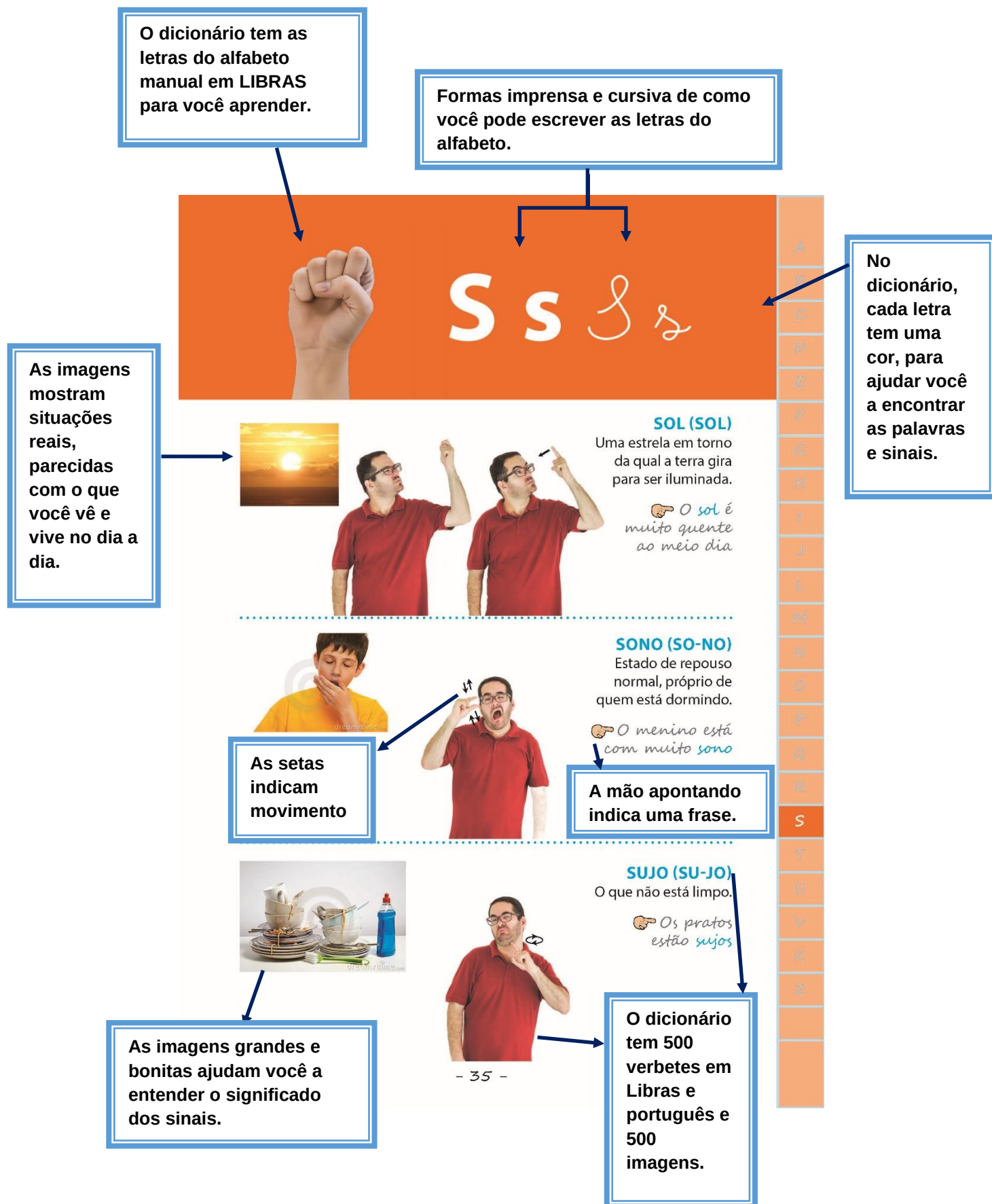
3.1.1.5 Guia do educador

O guia do educador é um texto destinado aos professores e pais. Nessa parte, apresentamos nossa proposta, explicando a quantidade de verbetes, a origem e quais foram os critérios utilizados na seleção da nomenclatura. Além disso, o texto elucida sobre a linguagem utilizada, as características das definições, explica sobre os exemplos. O texto também explana sobre as ilustrações, formatação gráfica e o público a que a obra se destina.

3.1.1.6 Como usar este dicionário

Em seguida ao guia do educador, nossa proposta de dicionário apresenta um texto intitulado como usar este dicionário. Seu objetivo é esclarecer sobre a organização da obra: letras do alfabeto em Libras e formas de grafar as letras do português, as ilustrações, a indicação de uma mão apontando para a frase, a quantidade dos verbetes nas suas línguas, as cores das letras e barra lateral, as setas com indicação de movimento. Para essa explicação, a página do verbete é reduzida.

Figura 59 – Modelo como usar esse dicionário



3.1.1.7 Apêndice dos campos temáticos

Após o texto como usar este dicionário, a obra lista os campos que são apresentados ao leitor, seguidos do número da página em que se encontram. São eles: ambiente, alimentos, animais, brinquedos e brincadeiras, casa, cidade, escola, esportes, família, saúde, meios de transporte, meios de comunicação.

Cada campo temático é organizado em quadros com ilustrações do nome de cada elemento da categoria em português e ao lado consta imagem do sinal em Libras. Abaixo dos quadros vem a numeração das páginas.

3.1.1.8 Índice remissivo

O índice remissivo do dicionário lista todas as palavras em ordem alfabética, seguida do número da página em que pode ser encontrada no final da obra.

3.1.2 Aportes estruturais

Nesta seção serão apresentados os aspectos da microestrutura que farão parte da proposta do dicionário.

3.1.2.1 Ordem alfabética

Por optarmos pela elaboração de um dicionário bilíngue, que trata de uma língua de modalidade visual/gestual (Libras) e outra oral/ auditiva (Português), a ordem alfabética escolhida é a da língua portuguesa. Tal escolha justifica-se como sendo a melhor escolha de organização do dicionário e, porque o sistema de escrita da língua de sinais (*signwriting*) ainda não é oficializado no país. Poucas são as escolas no Brasil que adotam tal sistema para alfabetização de crianças surdas. Compreendemos também que nosso público alvo, crianças surdas, ainda não adquiriram de forma natural a Libras como L1 e estão em processo de aprendizado da língua portuguesa como L2 na proposta educacional bilíngue. Sendo assim não seria interessante utilizar também a organização por configuração de mãos no momento, ainda mais sendo nossa proposta um material de apoio ao processo de alfabetização inicial da criança surda em Libras e língua portuguesa.

Desta forma, a ordem alfabética de nossa proposta segue a da ortografia da língua portuguesa, a saber: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, P, R, S, T, U, V, X, Z, uma vez que atende ao critério do fácil manuseio por parte dos usuários, bem como professores, familiares e pesquisadores da área do léxico. Não incluímos as letras K, W e Y, por não encontramos nos dicionários de Libras sinais pertencentes ao universo infantil com essas letras. A forma adotada para composição dos verbetes consta de palavras(sinais) simples (concretas e abstratas), derivadas e compostas, nomes (substantivos e adjetivos) e verbos.

Na versão DVD, o menu de abertura para seleção dos verbetes também será por ordem alfabética, utilizando as letras do alfabeto manual em Libras, visto que, na versão impressa a criança aprenderá o alfabeto da Libras.

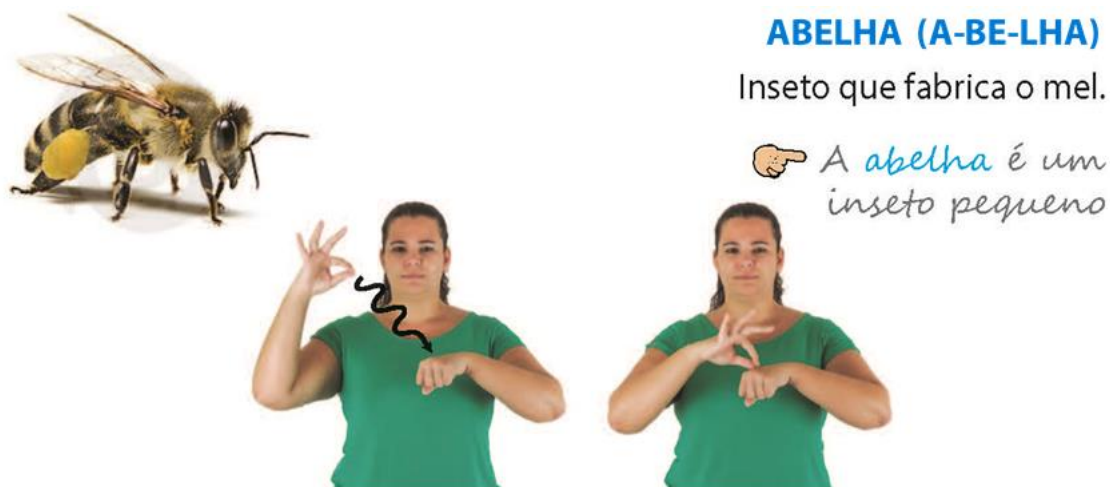
3.1.2.2 Forma das entradas lexicais

A entrada na língua portuguesa está em ordem alfabética, com letra maiúscula e negrito e separação silábica ao lado. Todos os verbetes selecionados contemplam nomes (no masculino singular) e verbos (no infinitivo). Importante salientar que, por vezes, aparecem alguns adjetivos por fazerem parte da categoria nome.

Em Libras, a entrada se organiza por meio de imagem (fotografia dos sinais), indicando o movimento do sinal através de setas. A seguir um exemplo retirado do modelo do DIPLIB.

A organização do verbete segue a sequência imagem do objeto, sinal em Libras e texto do português. Esta opção justifica-se porque a criança surda direciona inicialmente seu olhar para a imagem do referente, depois para o sinal em Libras e, por último, ao texto. Importante salientar, também, que a criança surda da qual direcionamos a proposta do dicionário é filha de pais ouvintes e ao chegar a escola, ainda não conhece a Libras e o português, por não ter sido contemplada com um ambiente linguístico favorável ao processo de aquisição de ambas as línguas.

Figura 60 - Exemplo do verbete Abelha



No exemplo do verbete abelha, optamos por utilizar duas imagens do sinal em Libras para que a criança possa ter uma melhor compreensão de onde começa e termina o sinal. A imagem do animal do lado superior representa a abelha real que a

criança surda conhece no seu dia a dia. O conceito do verbete faz uma relação da abelha com a produção do mel; isso foi pensado porque na escola, ou na comercialização do mel, sempre se faz a relação abelha/mel, portanto esse conhecimento faz parte do cotidiano da criança. Tanto o conceito como a frase estão traduzidas para Libras no DVD. A tradução do conceito do verbete abelha em Libras, segundo sistema de transcrição para a Libras de acordo com os estudos de Felipe (2001), fica da seguinte forma:

- a) Conceito: Inseto que fabrica o mel – “ABELH@ MEL FAZER”.
- b) Frase: “ABELH@ ANIMAL PEQUEN@”. Na tradução a palavra inseto é substituído pelo sinal ANIMAL, pois não existe um sinal equivalente para na Libras. A frase também poderia ser traduzida assim: “ABELH@ PEQUEN@”, isso porque o sinalizante já tem uma imagem mental, de sua experiência de vida, de ser a abelha um inseto pequeno.

No sistema de transcrição para a Libras utiliza-se o símbolo (@) porque não há, na língua, desinências para gênero (masculino e feminino). Quando temos uma palavra na língua portuguesa que possui marca de gênero, o símbolo (@) reforça a ideia de ausência evitando confusão. (Felipe, 2001)

Figura 61 - Exemplo do verbete Bola



No exemplo do verbete bola, temos a mesma formatação de abelha. A escolha da imagem da bola remete ao futebol, esporte bastante popular no Brasil e propagado diariamente pelos veículos de comunicação, ou seja, faz parte muita mais do cotidiano

da criança do que bolas de outros esportes como tênis, basquete, handball etc. O sinal de bola em Libras é sinalizado por um classificador, um tipo de morfema lexical (sobre o tema trataremos mais adiante). O classificador para o sinal de bola com a configuração de mão 47 (Felipe, 2005) é do tipo classificador especificador, sua função é descrever visualmente a forma, o tamanho, a textura, o paladar, o cheiro, os sentimentos, o olhar, os sons do material, do corpo das pessoas e dos animais. (Pizzio, et al, 2010).

A tradução do conceito do verbete bola seria: COISA REDOND@ PODER BRINCAR FUTEBOL. O interessante dessa frase em Libras são as escolhas lexicais utilizadas pela ausência de um determinado sinal na língua. No caso OBJETO é trocado por COISA; REDONDO tem um sinal, mas não se encaixa nesse contexto, então pode ser substituído por um classificador para coisa redonda ou mesmo pelo próprio sinal de BOLA. O sinal JOGAR em Libras existe em vários contextos, como JOGAR bola, futebol, videogame, basquete, baralho, xadrez entre outros e para cada um tipo desse há um sinal específico. Na frase, o JOGAR faria a relação com futebol por causa da imagem que visualmente é apresentada.

Na frase “Eu ganhei uma bola de futebol” a tradução envolve todos os elementos lexicais. “EU GANHAR BOLA FUTEBOL”.

Figura 62 – Exemplo do verbete Conversar



Interessante enfatizar que no verbete CONVERSAR, a imagem mostra duas pessoas conversando e o sinal utilizado é o de conversar oralmente. Porém em Libras o verbo conversar, no sentido de falar, assume diferentes contextos, por exemplo: conversar em Libras (CM 28, movimento para frente e para trás, locação na frente do

tórax do sinalizante, com expressão facial), é diferente de duas pessoas conversando oralmente ou batendo papo. Como veremos mais adiante, nossa opção de entrada lexical diante desse fato foi o de enumerar cada entrada da seguinte forma CONVERSAR¹, CONVERSAR² com conceitos distintos para uma melhor compreensão da diferença pela criança.

A tradução do conceito “falar com alguém sobre alguma coisa”, seria “FALAR PESSOA COISA VÁRI@S”, mesmo existindo um sinal para o pronome indefinido alguém, a imagem mental que a pessoa surda faz é a de que, quem conversa são pessoas, justificando sua escolha lexical, por isso a substituição de ALGUÉM por PESSOA. Já o termo ALGUMA COISA pode ser traduzido por COISA VÁRI@S ou mesmo COISA QUALQUER.

A frase, “Os rapazes conversam sobre trabalho” – “HOMEM+ CONVERSAR TRABALHO” ou “JOVEM+ CONVERSAR TRABALHO”. HOMEM+ e JOVEM+ substitui a palavra rapazes pela ausência da mesma em Libras. A inclusão do numeral dois, indica o plural.

No sistema de transcrição para a Libras, quando há uma marca de plural pela repetição do sinal, acrescenta-se uma cruz(+) no lado direito acima do sinal que está sendo repetido como mostramos no exemplo acima.

3.1.2.3 Fontes

Cada letra do alfabeto, na barra superior, terá a cor branca por contrastar melhor com a cor do fundo. Na lateral das páginas há uma barra com letras de A-Z na cor cinza para diferenciar da letra referente aos verbetes. A cor da barra lateral tem tonalidade mais clara do que a barra superior maior para destacar a letra do alfabeto.

Figura 63 - Exemplo da letra do alfabeto manual em Libras e das quatro formas de grafar no alfabeto em língua em portuguesa



Quanto à apresentação das Letras iniciais de cada série de verbetes, optamos por colocar à disposição do leitor, nas aberturas, as letras no alfabeto manual de Libras em imagem (fotografia) e as quatro formas possíveis de grafa-las em português, ou seja, maiúsculas e minúsculas cursivas e de imprensa, para que a criança comece a associar sua escrita com as disponibilidades que a língua portuguesa oferece para a escrita, como mostra a (Figura 63).

Utilizamos a fonte Myriad nos verbetes (14 pontos) e nas definições (12 pontos, Segoe nos exemplos (12 pontos) e Little Day no alfabeto (45 pontos).

3.1.2.4 Divisão Silábica

Depois da entrada, entre parênteses, aparece a divisão silábica, separada por um traço. No caso dos monossílabos, a entrada é repetida, para mostrar que não se é possível dividi-la. Segue o exemplo:

Figura 64- Exemplo do verbete Formiga com separação silábica



A divisão ortográfica do verbete mostra à criança que as palavras da língua portuguesa são estruturadas de forma diferente, ou seja, através do som, o que a faz começar a perceber a diferença das duas línguas.

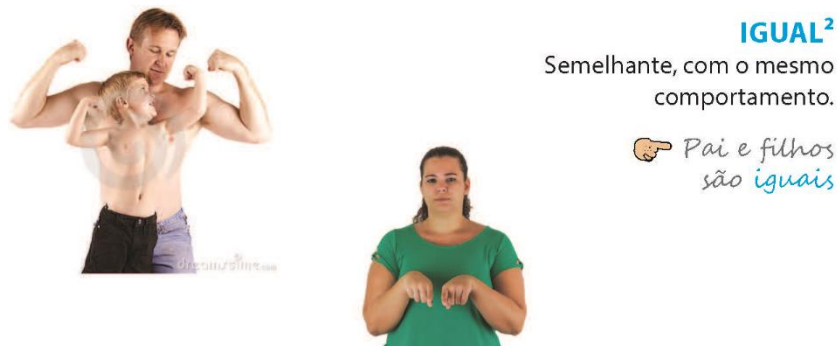
3.1.2.5 Definições dos verbetes

Para melhor esclarecermos sobre nossa proposta, tomamos Biderman (1993) no tocante à definição. Segundo a autora, não devemos empregar o mesmo tipo de definição em todas as categorias gramaticais, devido às peculiaridades e características inerentes de cada uma delas.

As definições nos verbetes de nossa proposta estão em português e são traduzidas em Libras. Foram elaboradas cuidadosamente e exemplificadas, com frases diretas e claras, respeitando o nível de aprendizado do leitor.

No caso de haver mais de um significado para os verbetes, foi acrescentada numeração correspondente a cada um e frases de exemplos correspondentes.

Figura 65 – Exemplos do verbete Igual



O sinal para IGUAL em Libras tem sinais e conceitos diferentes, por isso optamos por enumerar cada um para mostrar a criança os diferentes contextos de usos. Em IGUAL¹, a relação de igualdade é feita através do outro (pessoa, objeto, animal) – “os bebês gêmeos são iguais”, ou seja, idênticos, mesma aparência. IGUAL², refere-se a comportamento – “pai e filho são iguais”, a imagem mostra o pai e o filho mostrando que são fortes para esclarecer o contexto do verbete. Em IGUAL³, “a roupa da boneca é igual a da criança”, sentido de aspecto, ser idêntico.

Já as traduções das frases ficam bem semelhantes, mas o sinal de IGUAL é que fará a diferença para compreender o contexto de uso. “GEME@S IGUAL”; “PAI FILH@ IGUAL”; CRIANÇA BONEC@ ROUPA IGUAL.

Para a entrada dos verbetes (em português) que são verbos, foi usada a forma no infinitivo, e optamos por exemplos em que o uso de uma forma verbal flexionada contribua para que a criança perceba a relação das línguas: Libras – (visual) e Português – (escrita).

Figura 66 – Exemplo do verbete Ganhar



A entrada para o verbete GANHAR traz a imagem de um homem que acaba de ganhar uma corrida, indicado pela faixa vermelha e pela expressão facial e corporal do homem (braços elevados com expressão de conquista e rosto feliz), que contextualiza o sinal. O conceito é traduzido como: “RECEBER OU CONSEGUIR COISA TER ESFORÇO OU TER-NÃO”, e a frase, “HOMEM CORRIDA GANHAR”.

No sistema de transcrição para a Libras (Felipe, 2001), por não haver formas de flexão verbal na língua, os verbos são sempre transcritos no infinitivo.

De acordo com os estudos de Quadros (2004, p. 201), em Libras, há três tipos de verbos: (1) os que não possuem marca de concordância, aqueles que não se flexionam em pessoa e número e não formam afixos locativos. (APRENDER, SABER, AMAR, CONHECER); (2) os que possuem marca de concordância: são aqueles que se flexionam em pessoa, número e aspecto (RESPONDER, DAR, ENVIAR) e os espaciais - aqueles que possuem afixos locativos, como VIAJAR, IR, CHEGAR.

Os verbos que possuem marca de concordância podem ser subdivididos em: verbos que possuem concordância número-pessoal - a orientação marca as pessoas do discurso. O ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto; verbos que possuem concordância de gênero - são verbos classificadores porque a eles estão incorporados, através da configuração de mão, uma concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL ou COISA; verbos que possuem concordância com a localização - começam ou terminam em um determinado lugar que se refere ao lugar de uma pessoa, coisa, animal ou veículo, que está sendo colocado, carregado, etc. Portanto o ponto de articulação marca a localização. COPO MESA_k, coisa arredondada COLOCAR_k. (FELIPE, 2001).

Estes tipos de concordância podem coexistir em um mesmo verbo. Assim, há verbos que possuem concordância de gênero e localização, como o verbo COLOCAR; e concordância número-pessoal e de gênero, como o verbo DAR. Concluindo, pode-se esquematizar o sistema de concordância verbal, na LIBRAS, da seguinte maneira: 1. Concordância número-pessoal => parâmetro orientação; 2. Concordância de gênero e número => parâmetro configuração de mão; 3. Concordância de lugar => parâmetro ponto de articulação (FELIPE, 2001).

O mesmo critério foi utilizado para nomes. O verbete aparece no masculino singular – considerando como termo não marcado, neutro, para fins de entrada no dicionário – e foi utilizado em outras formas (flexão de gênero, número ou grau) nos exemplos.

Figura 67 – Exemplo do verbete Irmão



O verbete IRMÃO aparece no masculino, mas a questão de gênero em Libras tem algumas particularidades. Em uma obra lexicográfica, o interessante é que se repita, em outra entrada lexical, o verbete no feminino (IRMÃ), para que o pequeno leitor surdo faça a relação de gênero e compreenda que o sinal usado tanto para o feminino quanto masculino é o mesmo. Ao utilizarmos a imagem de duas crianças, o recurso que elegemos para identificar o irmão foi uma seta vermelha.

Na tradução por mostrar a imagem no vídeo, o conceito seria: “PESSOA TER PAI MAE MESMO OU PAI-1, OU MAE-1”. A frase mesmo na afirmativa, utiliza um termo de comparativo. Na tradução temos: “IRMÃO MAIOR DO-QUE EU” ou “IRMÃO-PRIMEIRO, EU-SEGUNDO”, a utilização do numeral 1 e 2 vai indicar que o irmão é maior e o outro menor.

A Língua Brasileira de Sinais, também, possui comparativos utilizados a partir de três situações: superioridade, inferioridade e igualdade. São usados os sinais MAIS ou MENOS antes do adjetivo comparado, seguido da conjunção comparativa DO-QUE, ou seja: comparativo de superioridade: (X) MAIS - DO-QUE (Y); comparativo de inferioridade: (X) MENOS - DO-QUE (Y). O comparativo de igualdade pode ser usado com dois sinais: IGUAL (dedos indicadores e médios das duas mãos roçando um no outro), geralmente no final da frase. Na figura (66) abaixo temos o exemplo do sinal.

Figura 68 – Sinal para o comparativo de igualdade



Elegemos alguns verbetes que possuem especificidades diferenciadas com relação à estrutura gramatical da Libras que merecem destaque, pois o professor irá utilizar o DIBLIP em atividades didáticas em sala de aula com os alunos surdos e essas questões merecem ser compreendidas pelo educador.

Pontuamos, nos exemplos abaixo, as seguintes características da estrutura gramatical da Libras:

Parâmetros da língua

(01) Configuração de mãos

Figura 69 – Exemplo do verbete Azul



AZUL (A-ZUL)

Cor fria entre os tons de azul que está entre o verde e o violeta.

 A asa da borboleta é *azul*

Os sinais da Libras são formados a partir dos parâmetros como já explanamos no item 1.5 – Aspectos lexicais da Língua Brasileira de Sinais. No exemplo do verbete Azul, temos um sinal que é um adjetivo. O sinal é formado por duas configurações de mãos, CM1 em A e CM26 em L para se compor o sinal AZUL.

(02) Ponto de articulação

Figura 70 – Exemplo do verbete Cachorro



Os sinais configurados pelas mãos estão sempre dentro de um ponto determinado, que pode ser de alguma parte do corpo onde o sinal toca ou no espaço neutro a frente do sinalizante. O sinal para CACHORRO está relacionado à focinheira que muitos usam, por isso o PA é a boca. Os sinais seguem regras de formação por isso é importante salientar que o sinal do exemplo não poderá ser feito em outro local a não ser a boca.

(03) Movimento

Figura 71 – Modelo do verbete Carro



O movimento do sinal é um parâmetro importante, pois imita o movimento do referente. No sentido de mover, os movimentos dos sinais que incorporam os classificadores ajudam uma melhor compreensão do sinal. Um carro tem movimento diferente de um avião, uma bicicleta ou um trem e uma pessoa não andam do mesmo jeito que os animais. No exemplo acima o carro está relacionado ao ato de dirigir que imita o movimento circular do volante.

A tradução dessa frase, “CARRO PAI MEU FUSCA VERMELHO”, pode ser feita também com a omissão do sinal carro, pois pela imagem do referente, fusca é um carro, “FUSCA PAI MEU VERMELHO”. O conceito em Libras fica, CARRO USA PESSOAS LEVAR – a palavra carro é usada em substituição a veículo que não tem um sinal específico em Libras.

(03a) Sinal sem movimento

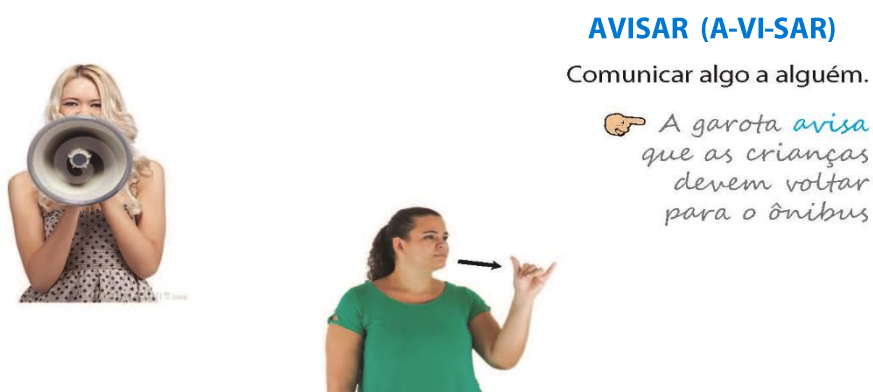
Figura 72 – Exemplo do verbete Unha



Muitos sinais não possuem movimento, como o exemplo UNHA. Alguns sinais utilizam apontação para indicar o referente como as partes do corpo. Olho, boca, nariz, queixo não possuem um sinal específico em Libras, então usa-se o apontar para o referente e assim forma-se um sinal por esse meio.

(04) Orientação da mão

Figura 73 – Exemplo do verbete Avisar



A orientação da mão é outro parâmetro que merece uma atenção diferenciada. Numa conversa, o sinalizante precisa sempre direcionar o olhar e a mão configurada para o(s) interlocutor(es) que estão participando, também, da conversa, ou seja, o

sujeito¹ avisa ao sujeito², exemplo do sinal na imagem, tanto podendo acontecer da 1ª, 2ª, 3ª pessoas do discurso (singular / plural) ou vice-versa.

(05) Expressão não manual

(05a) com expressão facial

Figura 74 – Exemplo do verbete Sono



SONO (SO-NO)

Estado de repouso normal, próprio de quem está dormindo.

👉 O menino está com muito **sono**.

05b) sem expressão facial

Figura 75 – Exemplo do verbete Tesoura



TESOURA (TE-SOU-RA)

Instrumento usado para cortar coisas.

👉 Com a **tesoura** podemos cortar papel e várias coisas

Os sinais podem ter ou não expressão facial. No exemplo do verbete SONO, a expressão facial acompanha o ato de sentir sono, já TESOURA, temos um sinal sem expressão facial por se referir a um objeto inanimado. A modalidade visual da Libras faz com que ela seja sinalizada através de um referente, se estivéssemos nos

referindo a CORTAR, em Libras existem vários sinais que são usados para o ato de cortar, por exemplo: cortar cabelo, cortar com a tesoura, cortar com a faca, cortar a perna após um tombo. Num dicionário do tipo da nossa proposta, cada sinal desse precisa de uma entrada numerada para mostrar os diferentes contextos de uso.

👉 Processo de formação dos sinais

(1) Composição

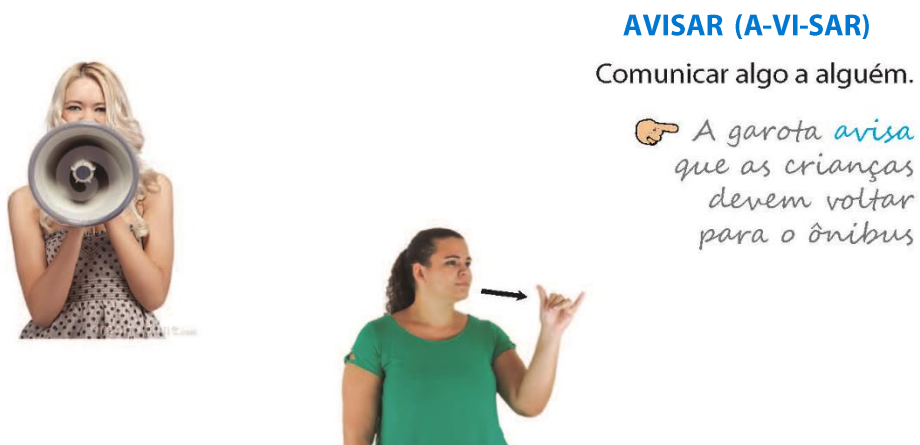
Figura 76 – Exemplo do verbete Zebra



Um sinal que seja composto, a exemplo do verbete ZEBRA obrigatoriamente virá acompanhado de duas ou mais imagens em Libras na entrada do dicionário. Zebra é composto pelo sinal CAVALO mais LISTRA = “CAVALO^LISTRA”. Como outros exemplos temos: CASA^ESTUDAR = escola, CASA^CARNE = açougue. Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo (^). (FELIPE, 2001).

(2) Derivação

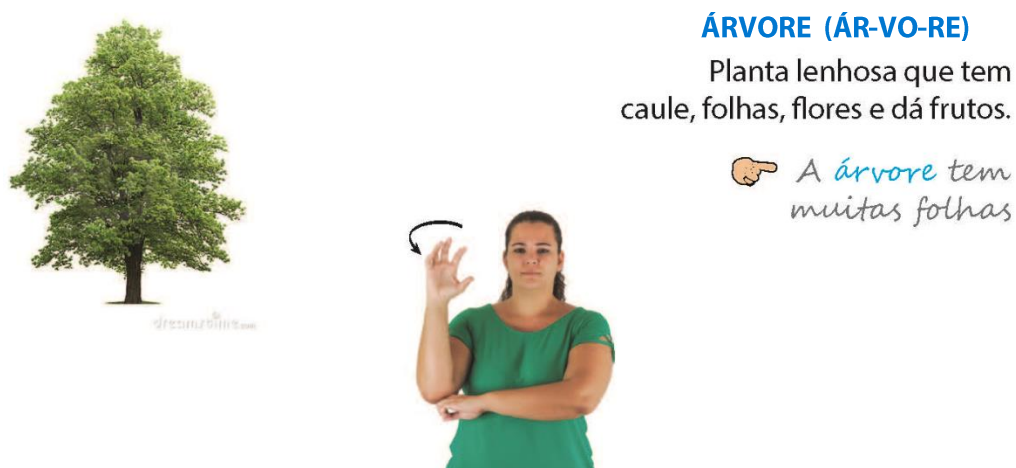
Figura 77 – Exemplo do verbete Avisar



Em Libras, o processo de formação de sinais por derivação pode acontecer entre nomes e verbos. Assim, AVISO e AVISAR possuem a mesma composição e na entrada do dicionário devem igualmente vir acompanhado de numeração para diferenciar o conceito. Outros exemplos, a saber: CADEIRA-SENTAR; TELEFONE-TELEFONAR diferenciam-se pelo movimento e direcionalidade. (FELIPE, 2001).

(3) Iconicidade

Figura 78 – Exemplo do verbete Árvore



A iconicidade é um aspecto bastante presente na Libras. Muitos sinais se assemelham ao objeto. O sinal de árvore é icônico, o braço lembra o tronco e a mão configurada a copa de uma árvore. No verbete árvore temos a imagem de uma árvore grade, o sinal em libras, conceito e frase. Ao traduzir o conceito, a palavra caule será feita através da soletração manual, trata-se uma palavra que não tem sinal em Libras, “ÁRVORE MADEIRA, TER C-A-U-L-E, FOLHAS+ FLOR+ FRUTA+ TER”, “ÁRVORE TER FOLHA+ VARI@S”.

Muitos sinais icônicos na proposta do dicionário serão logo percebidos pelo leitor, mesmo que ele não tenha conhecimento da Libras, pois utilizamos gestos na comunicação e alguns deles são sinais em Libras, como é o caso de telefone, avião entre outros.

(4) Empréstimos linguísticos

Figura 79 – Exemplo do verbete Sol



Assim como as línguas orais, as de sinais também ampliam seu léxico a partir dos empréstimos linguísticos de outras Línguas. Mesmo com modalidade diferente, a Libras forma sinais através do empréstimo linguístico do português. Sol é um exemplo, pois é formado pela CM em S e L, letra inicial e final da palavra sol do português. Esse fato é comum, pois duas línguas são utilizadas simultaneamente na escola e em diferentes setores da sociedade.

No exemplo citado, a soletração da palavra sol não é possível, por isso nossa opção foi repeti-la entre parênteses para que a criança compreenda que a palavra não pode ser grafada separadamente.

(5) Marcação de gênero

Figura 80 – Exemplo do verbete Vaca



No exemplo VACA, temos um recurso que marca o gênero. Neste caso o leite faz a referência pela produção do alimento pelo animal. Quando num diálogo entre interlocutores a marcação de gênero pode acontecer utilizando-se o sinal de homem ou mulher para indicar feminino ou masculino, por exemplo: “eu tenho dois cachorros”, no português o artigo “o” faz a marcação do gênero. Em Libras se o interlocutor não está vendo o referente é necessário a inclusão do sinal “homem” para que se saiba que os cachorros são machos. Já quando o interlocutor está visualizando ou conhece o referente, essa estratégia é desnecessária.

Na proposta do DIBLIP, nossa opção é utilizar todas palavras com gêneros, como Irmão, Irmã, avô, avó em várias entradas, numeradas e com a imagem correspondente.

(6) Classificador

Figura 81 – Exemplo do Verbete Pintar



Alguns sinais, como o exemplo PINTAR são incorporados na nossa proposta por meio de um classificador. Para o verbete pintar, temos várias entradas: pintar parede, pintar unha, pintar o cabelo, pintar o rosto, pintar o quadro etc, todos com entradas diferentes, pois utilizam classificadores, também diferentes.

Em Libras, o classificador é um tipo de morfema, utilizado através das configurações de mãos que podem ser afixados a um morfema lexical (sinal) para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal para descrevê-lo quanto à forma e tamanho ou para descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal (semântico).

Nas línguas de sinais, os classificadores são representados por configurações de mãos usadas para expressar formas de objetos, pessoas e animais, bem como os movimentos e trajetórias percorridas por eles (DIAS e SOUSA, 2011). De acordo com os estudos de Supalla (1982), existem classificadores de tamanho e forma (espessura – fino, médio e grosso); de entidades (pessoas passando, caminhando, carros ou motos se locomovendo); que utilizam as mãos (incluindo verbos manuais e verbos classificadores) como: pincelar, pegar folha ou livro, passar roupa. (SANDLER e LILLO-MARTIM, 2006; FERREIRA-BRITO, 1995)

Pizzio, et al. (2010) apresentam cinco tipos de classificadores encontrados na Libras, os quais podem envolver apenas uma mão ou ambas. São eles: **Classificadores descritivos:** as descrições visuais podem ser captadas de acordo com as imagens dos objetos animados ou inanimados. Observam-se aspectos tais como: som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, olhar, sentimentos ou formais visuais, bem como localização e a ação incorporada ao classificador. Essa classificação pode ter até três dimensões: dimensional, bidimensional e tridimensional.

Na descrição visual para referir a forma, tamanho, textura, paladar, cheiro, sentimentos, olhar ou desenhos de forma assimétrica ou simétrica é utilizada, dependendo a situação, uma ou duas mãos. O classificador descritivo locativo envolve uma ação de um a outro objeto, seja animado ou inanimado. São usados com uma ou duas configurações de mãos seja uma ação ou posição de várias partes do corpo humano, objetos animados ou inanimados.

Classificadores especificadores: a sua função é descrever visualmente a forma, o tamanho, a textura, o paladar, o cheiro, os sentimentos, o “olhar”, os “sons” do material, do corpo da pessoa e dos animais.

Há também os classificadores que especificam elementos gasosos, a descrição de símbolos e nomes (logomarcas), números relacionados ao objeto animado e inanimado.

Quando os classificadores indicam plural, a configuração de mão substitui o objeto, mas acontece num processo de repetição. Ao classificar instrumentais - a incorporação do objeto (instrumento) descrevendo a ação gerada por ele. O classificador para corpo descreve como uma ação acontece na realidade por meio da expressão corporal de seres animados.

Quanto ao papel dos classificadores, temos aqueles relacionados à **semântica**, quando há descolamento de um para outro lugar, ou quando se associa com diferentes formas de olhar. Nesse caso apresenta diferentes significados, como em carro passando.

Para o caso de homonímia, um classificador pode apresentar diferentes significados, embora tenha a mesma forma (pessoa deitada, que caiu, dormindo ou trocando de lugar na cama). Se o classificador está associado à sintaxe, a Libras apresenta vários casos de incorporação de argumento ou complemento. Esse processo é muito frequente e visível a devido às características espaciais e icônicas dos sinais. O tipo de classificador de incorporação, o referente (prato, rosto por exemplo) será incorporado pelo verbo e teremos formas verbais diferentes; é o tipo de classificador de incorporação (lavar prato, rosto, cabelo, carro, roupa). Para a incorporação do modo e aspecto, temos andar (devagar, depressa, distraída, com atenção, subindo, descendo). A incorporação de locativo, a saber: colocar copo na mesa ou colocar o copo no armário. (FELIPE, 2001).

Quando às questões relacionadas à morfologia, os classificadores podem indicar moedas com diferentes formas e tamanho, direção para frente com diferentes movimentos (ondulado, plano, ziguezague, esburacada entre outros). (FELIPE, 2001).

(7) Adjetivos

Figura 82 – Exemplo do verbete Feliz



Algumas entradas de nome no dicionário são adjetivos como no exemplo FELIZ. Em nossa proposta não optamos pela classe gramatical, pois, para os dicionários do Tipo 1 de acordo com o PNLD, esse tipo de entrada não é necessário, especialmente porque o objetivo desse tipo de obra é a alfabetização inicial.

Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na Libras e sempre estão na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), nem para número (singular e plural). Muitos adjetivos, por serem descritivos e classificadores, apresentam iconicamente uma qualidade do objeto, desenhando-a no ar ou mostrando-a a partir do objeto ou do corpo do emissor. (FELIPE, 2001).

Em português, quando uma pessoa se refere a um objeto como sendo arredondado, quadrado, listrado, etc., está, também, descrevendo e classificando, mas na Libras esse processo é mais “transparente” porque o formato ou textura são traçados no espaço ou no corpo do emissor, em uma tridimensionalidade permitida pela modalidade da língua. (FELIPE, 2001)

Em relação à colocação dos adjetivos na frase, eles geralmente vêm após o substantivo que qualifica. Como exemplo temos as frases: CASA COR AZUL BONIT@ - a casa azul é bonita / CACHORR@ PEQUEN@ ESPERT@ - o cachorro pequeno é esperto.

3.1.2.6 Exemplos

Para os exemplos, nosso objetivo é apresentar o verbete no contexto de uso em Libras (vídeo) e na escrita para o português. Tais exemplos foram criados de situações do cotidiano das crianças.

O texto é apresentado numa fonte distinta do verbete e da definição para diferenciá-los. Ao lado da frase aparece a imagem de uma mãozinha indicando o exemplo.

Os exemplos estão em português na versão impressa e traduzidos em Libras no DVD.

Em nossa proposta optamos por exemplos de frases na afirmativa, pois optarmos pela elaboração de um dicionário do Tipo 1, a questão mais relevante é a alfabetização tanto em Libras por meio da aquisição da Libras e do aprendizado da

escrita da língua portuguesa. A proposta do dicionário não é focar a classe gramatical como já comentamos anteriormente, mas fazer, também, que a criança adquira a Libras. Nesse caso, ao usarmos diferentes tipos de frases em português, na Libras elas se estruturariam de forma diferente. Na fase em que a criança se encontra no processo de escolarização não enfatiza, ainda, as questões gramaticas, mas o aprendizado da escrita do português através do som da palavra. Da mesma forma, em Libras, a criança está passando por estágios para aquisição da língua e, em nossa opinião, as frases diretas na afirmativa facilitam esse processo. Diferentes tipos de frases caberiam aos dicionários do Tipo 2, onde a criança já consegue ler e compreender o sentido do verbete.

A Libras possui um sistema de estruturação frasal, semelhante à língua portuguesa, mas que utiliza a expressão facial para marcação do tipo. Os exemplos abaixo nas imagens esclarecem melhor a compreensão de como acontecem.

Quando a frase é afirmativa, a expressão facial neutra.

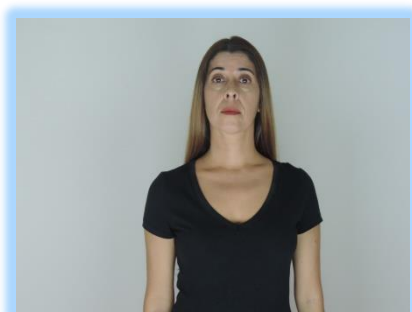


Figura 83 - Ex.: MEU NOME S-Y-L-V-I-A

EU PROFESSOR@

Na interrogativa, as sobrancelhas são franzidas e há um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima.

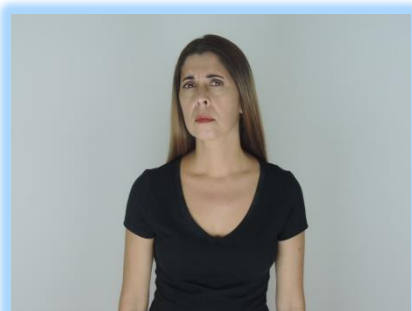


Figura 84 - Ex.: VOCÊ CASAD@?

NOME QUAL?

NOME?

A exclamativa, as sobrancelhas são levantadas e um ligeiro movimento da cabeça acontece inclinando-se para cima e para baixo.

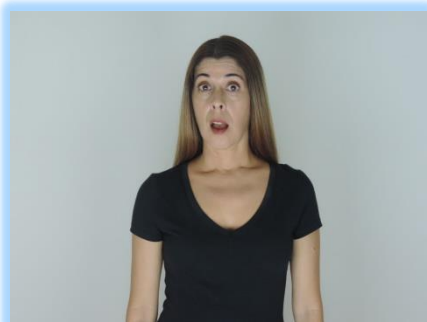


Figura 85 - Ex.: CARRO BONIT@!

EU VIAJAR RECIFE, BOM!

A frase negativa pode ser feita de 3 formas:

- 1) Com o acréscimo do sinal NÃO à frase afirmativa.

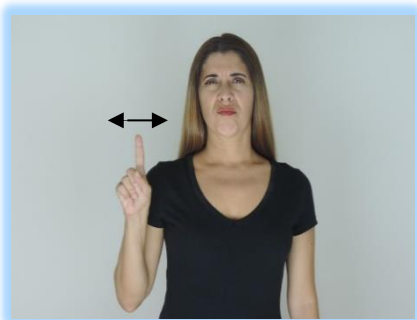


Figura 86 - Ex.: BLUSA FEI@ COMPRAR NÃO.

EU OUVIR NÃO

PRECISAR / PRECISAR-NÃO.

- 2) Com a incorporação de um movimento contrário ao sinal negado. Como exemplo, GOSTAR / GOSTAR-NÃO - GOSTAR-NÃO CARNE, PREFERIR FRANGO, PEIXE.

- 3) Com um aceno da cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntamente com os processos acima. Por exemplo, PODER / PODER-NÃO; EU VIAJAR PODER(neg)

Na Libras ainda existe a frase Negativa/Interrogativa, onde as sobrancelhas franzidas e com aceno da cabeça negando (CASAD@ EU NÃO?); e Exclamativa/Interrogativa (VOCÊ CASAR?!)

Elencamos abaixo, alguns exemplos de frases que escolhemos para os verbetes com transcrição para a Libras.

Figura 87 – Exemplo do verbete Bebê, Família e Gostar



BEBÊ

Ser humano entre o nascimento até um ano de idade.

👉 O *bebê* quer andar logo

👉 “BEBÊ QUERER ANDAR LOGO”



FAMÍLIA

Grupo de pessoas que tem pai, mãe, filhos, irmãos, avós, tios, primos.

👉 Minha *família* é grande e tem um cachorro fofo

👉 FAMÍLIA MEU GRANDE, TER CACHORRO FOFO



GOSTAR

Achar bom o gosto de alguma coisa; sentir carinho e amizade por alguém; ter prazer com alguma coisa.

👉 A garota *gosta* do seu cachorro

👉 MENIN@ GOSTAR CACHORRO DEL@

Nos três exemplos acima, as frases são afirmativas e fazem a relação com o objeto por meio da imagem. A frase realizada em Libras apresentará por meio do vídeo

todos o contexto frasal cabível, bem como sua estrutura e parâmetros do sinal, o que não é possível captar quando é transcrita.

3.1.2.7 Imagens

As imagens de cada verbete estão adequadas a cada significação e é um diferencial na nossa proposta. Os leitores poderão tanto descobrir o significado por meio de definições, quanto descobrir os verbetes por meio das ilustrações.

As imagens reais e em tamanho maior colaboram para um melhor entendimento do significado dos sinais e palavras, pois mostram situações reais parecidas com as que a criança vive na sociedade.

Todas as imagens fazem parte do mundo da criança especialmente àquelas que têm mais significação para elas. Todos os verbetes selecionados possuem ilustrações.

Utilizamos para compor os verbetes de nossa proposta pessoas reais (adultos), mas nossa sugestão é que as imagens dos sinais sejam feitas por crianças e as explicações das frases por adultos. Esta opção, em nossa opinião, é mais significativa devido à identificação da criança (leitor) com a criança (sinalizante) fazendo os sinais e com os adultos, sinalizando para explicar as situações do cotidiano, pois na escola a identificação acontece com os professores e em casa com os pais, ambos adultos.

As imagens utilizadas para contextualizar o sinal e palavra nessa proposta foram retiradas de banco de dados, o *dreamstime*²⁵ e todas são gratuitas.

²⁵ Fonte: www.dreamstime.com

Figura 88 - Exemplo da imagem dos verbetes Remédio, Quebrar e Olhar



REMÉDIO

É um medicamento que tomamos quando estamos doentes para ficar bom logo.

👉 Só tomamos **remédio** quando estamos doente.



QUEBRAR

Fazer algo em pedaços.

👉 O vaso de cerâmica está **quebrado**.



OLHAR

Quando você ver alguma coisa ou pessoa com os seus olhos.

👉 O cachorro **olha** para o gato.

3.1.2.8 Campos temáticos

Foram selecionados sinais e palavras de domínio público, abordando um léxico mais geral. Os sinais e palavras escolhidas independem de sua complexidade na constituição do sinal ou na escrita, pois foram privilegiados usos e significados mais correntes nas línguas.

Para nossa proposta, selecionamos os verbetes de acordo com os seguintes campos temáticos: alimentação, animais, brinquedos e brincadeiras, escola, esportes, família e transportes.

Optamos por incluir 3 exemplos de imagem por campo temático do dicionário para uma melhor visualização do sinal em Libras.

Figura 89 – Exemplo do campo temático Animal

ANIMAL



3.2 – Versão DVD

Nossa proposta foi pensada para ter incluso um DVD com a tradução do verbete, do conceito do verbete e dos exemplos das frases. Como estamos tratando de uma língua visual, é importante que a criança também tenha acesso ao formato visual da proposta, pois facilitará sua compreensão e aprendizado.

O DVD será feito para ser utilizado no computador ou aparelho de DVD caseiro e constará de: tela de abertura, tela com a lista de verbetes, tela de tradução com o sinal e conceito do verbete e tela com a tradução das frases.

A seguir faremos uma explanação mais detalhada dessas partes.

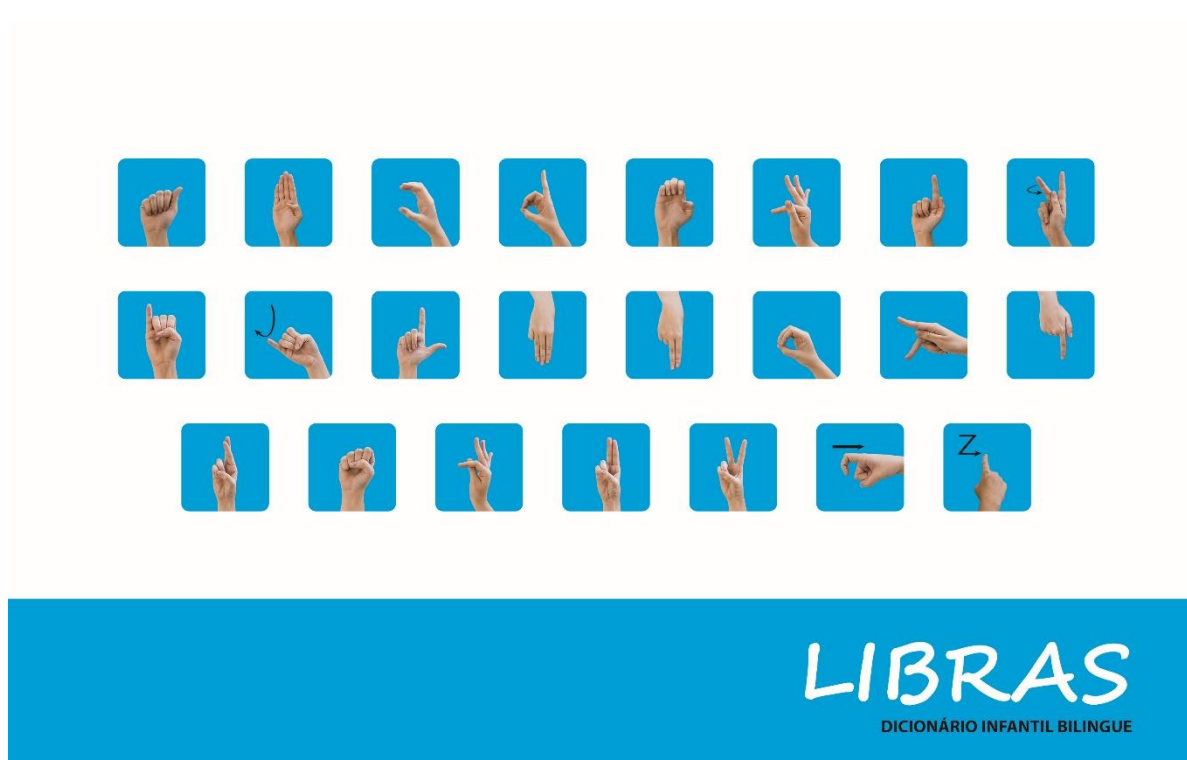
3.2.1 Tela de Abertura

A tela de abertura é composta por um menu contendo as letras do alfabeto de Libras, pois, no material impresso, a criança já terá aprendido as letras.

Ao escolher uma letra, automaticamente será acionada outra tela com uma lista de verbetes correspondentes a letra selecionada.

Na barra de ferramentas abaixo vem o nome do dicionário (figura 83).

Figura 90 – Tela de abertura do DVD



3.2.2 – Tela com a lista dos verbetes

Ao clicar na letra desejada, a criança será direcionada para outra tela com a lista de verbetes escritos em português (Figura 84) e com um quadro no canto superior direito com o sinal da letra selecionada.

Na barra de ferramentas, parte inferior da tela, a criança encontra um ícone com a imagem de casa, a palavra menu e a numeração de quantas páginas tiverem os verbetes. Optamos por colocar 12 (doze) palavras por página, dividido em dois grupos de 6 (seis). No caso de verbetes não terem muitos sinais essa organização diminui.

Figura 91 – Tela com lista de verbetes



Ao clicar em menu, a criança retorna a página inicial com as letras do alfabeto em Libras. Clicando na numeração, ela encontrará mais listas de verbetes.

3.2.3 Tela de tradução do sinal e do conceito do verbete.

Ao escolher um verbete, a criança é direcionada para outra tela onde poderá ver o sinal do verbete e a tradução de seu conceito. (Figura 91)

Figura 92 – Tela de tradução do sinal e do conceito do verbete



Na barra de ferramenta, a criança poderá optar por voltar à página anterior e escolher outra palavra ou simplesmente desligar o programa e ainda seguir para a próxima página clicando em frase. Do lado direito da tela aparece as quatro formas de grafar a letra correspondente e no alfabeto de Libras igual ao material impresso, incluindo na mesma cor.

3.2.4 Tela de tradução das frases

Nessa tela, aparecerá a tradução da frase em Libras. Do lado do sinalizador, vem a imagem do verbete e a frase em português.

Figura 93 – Tela de tradução das frases



A opção agora é retornar ao menu principal, buscar outra palavra ou fechar o programa.

Todas essas etapas foram pensadas cuidadosamente visando elaborar um material que cumpra os objetivos traçados em nossa proposta. Na etapa seguinte, finalizaremos nosso trabalho apresentando nossas conclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Barbosa (1980, p. 264), a elaboração de um dicionário não é um trabalho fácil, pois organizar o léxico de forma que o mesmo possa servir a diferentes finalidades cabe à Lexicografia, mas, é o ator principal, o Lexicógrafo, o maior responsável pela obra, cujo fim é o de recolher “o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social” (BIDERMAN, 2001, p. 132).

Como afirma Krieger (1993, p. 10), o dicionário é “um texto que fala da cultura, revelando um universo semântico-cultural através das unidades lexicais que o compõem”. Concordamos com o autor e vamos mais além, o dicionário é registro e informação de uma língua.

A iniciativa do PNLD/MEC fez surgir um novo cenário no contexto escolar e nele um novo “modelo de dicionário”. Uma obra didática que pode auxiliar professores e alunos nas suas atividades de ensino e aprendizagem do léxico. Esses dicionários foram elaborados considerando-se um público específico e buscavam suprir suas necessidade e especificidades próprias.

Podemos dizer que esse foi o ponto de partida para a elaboração de nossa proposta, o público. Desde a primeira vez que começamos a estudar Libras e dos longos anos em sala de aula com alunos surdos, o desejo de elaborar material didático para ser utilizado na educação surdos sempre esteve presente em nós.

O desejo foi se consolidando com os estudos advindos do doutorado. Os conhecimentos adquiridos com a área da lexicografia e da Língua Brasileira de Sinais através do trabalho de vários autores como citamos ao longo dos capítulos da tese, nos fez chegar a proposta de Dicionário Infantil Bilíngue Libras/Português – o DIBLIP.

Hoje sabemos da importância dos dicionários e compreendemos que eles não têm relação com o seu tamanho e quantidade de palavras ou sinais, mas sim, como afirma Pontes (2009, p.230), essas obras são “destinadas a um público específico, com necessidades diferentes em relação àquele que consulta os outros tipos de

dicionários”. Desse modo, podemos afirmar que um bom dicionário deve atender às especificidades dos seus usuários considerando também suas particularidades.

Crianças surdas, elas são nosso público. Pensar numa proposta de dicionário que desse conta de toda particularidade inerente a essa criança foi nosso grande desafio. E mesmo já convivendo com pessoas surdas há quase duas décadas, a nossa experiência de não ser surda nos revela a incompletude de nosso saber. Isso nos fez refletir sobre que tipo de obra melhor se adequaria ao perfil de nosso público e o quanto necessitamos de coparceiros: os surdos!

Vivemos atualmente um momento ímpar na educação de pessoas surdas, especialmente com a abertura que o reconhecimento da Libras traz para a área educacional e linguística. O modelo bilíngue de educação vem possibilitando novos olhares para o desenvolvimento educacional da criança surda, mas a área ainda é carente em termos de produção de material didático adequado às especificidades linguísticas da pessoa surda e que seja, também, acessível em Libras.

O DIBLIP é uma proposta que reconhece a diferença linguística da pessoa surda, sua cultura e identidade quando traz a Libras como sua primeira língua, e a língua portuguesa como L2 na modalidade escrita. Para chegarmos a ela, um longo caminho foi percorrido, um debruçar de horas em estudos teóricos e na análise de diferentes tipos de dicionários de línguas para crianças; monolíngues, bilíngues, trilíngues, orais, visuais, impressos, digitais, online, ilustrados e semi-ilustrados. Mas a base de tudo foram os critérios do PNLD para elaboração dos dicionários do Tipo 1, ou seja, aqueles voltados a alunos do 1º ano do Ensino Fundamental 1 em processo de alfabetização inicial. Foi quando pensamos em propor a elaboração de uma obra desse tipo em Libras.

Não podemos esquecer de forma alguma que, para elaboração de uma obra desse tipo, a questão visual é, sem dúvida, importantíssima! Estamos tratando de uma língua visual-gestual e as escolhas lexicais devem estar adequadas e essa necessidade. A pessoa surda recebe toda forma de conhecimento através de sua experiência visual, bem como seu aprendizado deve servir da língua que facilita e constrói seu conhecimento de mundo: a Libras.

Nossa proposta teve, ao longo de sua execução, diversas preocupações: evidenciar no dicionário, por meio da organização dos verbetes, os conceitos dos sinais e das palavras, apresentar definições em uma linguagem acessível, possibilitando ao consulente apreender o significado daquilo que procura, sem ter que buscar consultas complementares ou sucessivas; apresentar exemplos úteis contextualizados com o cotidiano da criança. E, principalmente por propormos uma obra em duas modalidades distintas de línguas, como poderíamos formatá-lo para atender a necessidade do pequeno aprendiz surdo.

E foi refletindo sobre isso que não poderíamos propor algo em formato apenas impresso. A Libras tem toda uma especificidade no seu processo de sinalização, em especial as configurações de mãos e os movimentos. É possível sua formatação em papel, mas não é adequado ao nosso público alvo. Mesmo utilizando setas indicativas de movimentos e tentando fotografar ou desenhar o sinal, sempre fica algo que não se consegue visualizar. Dessa forma, a melhor opção foi a tradução do dicionário em Libras, em formato de DVD para a criança poder compreender a sinalização através do vídeo. E foi isso que fizemos e acreditamos que acertamos em nossa escolha.

A lexicografia bilíngue é uma ciência recente e as metodologias propostas ainda não dão conta das particularidades das línguas. A área pode ser pensada para as línguas visuais e inúmeras são as possibilidades de criação de dicionários bilíngues em Libras, ainda mais com os recursos tecnológicos dos quais dispomos atualmente, os dicionários de infantis em Libras podem encontrar apoio para que sua estrutura possa suprir as necessidades do aluno surdo.

Acreditamos que nossos objetivos foram atingidos e que nossa proposta poderá ser uma iniciativa aos olhos daqueles interessados em novas conquistas no fascinante mundo da lexicografia. Que nossa proposta seja a primeira de muitas outras de diferentes tipos e que contribua de fato para o aprendizado da criança surda e trabalho do professor em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. Qual a relevância da inclusão de exemplos ou de abonações nos dicionários, considerando os diferentes tipos de obras lexicográficas? In: XATARA, CLAUDIA; BEVILACQUA, CLECI REGINA; HUMBLÉ, PHILIPPE, RENÉ MARIE (Org.). **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 43-44.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. Dicionários, variação linguística e ensino. In: CARVALHO, Orlene L. de Sabóia; BAGNO, Marcos. **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola, 2011.

BASILIO, M. **Teoria Lexical**. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1989. Coleção Princípios.

BARBOSA, M. A. **Modelos em Lexicologia**. *Língua e literatura*, nº. 9, 1980. p. 261-179. São Paulo: Contexto.

BAROUKH, J. A. **Blucher infantil ilustrado dicionário visual da língua portuguesa**. J.A. Baroukh, M. C. C. L. Alves, D.M.P. Lemos. – São Paulo: Blucher, 2011.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Ed. USP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula** / [elaboração Egon Rangel]. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

_____. **Decreto Nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

BIDERMAN, M; T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998a, p. 18.

_____. **A ciência da lexicografia**. In: _____ (Org). Alfa. Revista de Linguística. Lexicologia e Lexicografia. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 28 (suplemento), p. 1-26. 1984.

BATTINSON, R. (1978). **Lexical Borrowing in American Sign Language**. Silver Spring: Linstok Press

BORBA, F.S. **Introdução aos estudos linguísticos**. Campinas: Pontes, 1991.

BRANDÃO, F. **Dicionário Ilustrado de Libras: Língua Brasileira de Sinais**, São Paulo: Global Editora, 2011.

BRENTARI, D., & PADDEN, C. (2001). **Native and foreign vocabulary in American Sign Language: a lexicon with multiple origins**. In D. Brentari (Ed.), *Foreign vocabulary in sign languages*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

CAMPELLO, B. S.; CALDEIRA, P. da T. **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MACEDO, E. C. **Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos**. São Paulo, SP: Editora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1998.

_____.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: Língua de Sinais Brasileira: LIBRAS**. São Paulo: EdUSP, 2001. v 1 e 2.

CARONE, F. B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1986

CARVALHO, O. L. de S. **Lexicografia Bilíngue Português/Alemão: Teoria e Aplicação à Categoria das Preposições**. Brasília: Thesaurus, 2001.

CASTRO JÚNIOR, G. **Projeto VARLIBRAS**. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, 2014.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARIAS, V. S. **Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa**. 2009. 285 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009a.

FELIPE, T. A. **A estrutura frasal na LSCB**. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, 1989. p.663-672.

_____. A. **De Flausino ao grupo de pesquisa da FENEIS – RJ**. In: *SEMINÁRIO NACIONAL DO INES*, 5., Rio de Janeiro, 2000. *Anais...* Rio de Janeiro: INES, 2000

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**: Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 2010.

GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. **Linguística e ensino do Português**. Tradução de Rodolfo Ilari. Coimbra: Almedina, 1974.

HAENSCH, G. **“Tipología de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios”**. In: ETTINGER, S. et alii. *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

KOJIMA, C. K.; SEGALA, S. R. **Língua Brasileira de Sinais: a imagem do pensamento**. São Paulo: Escala, 2008.

KRIEGER, M. G. **Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado**. In: TOLDO, Claudia Stumpf (Org.). *Questões de Linguística*. Passo Fundo: UPF Editora, 2003. p. 70-87

_____. In: SEABRA, M. C. T. C. de (Org.) **"O léxico em estudo"**. Belo Horizonte, MG: 2006, p. 158-171

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

LARA, L. F. **"Sociolingüística del Diccionario del Español de México"**. *International Journal of the Sociology of Language*, 96, 1992. p. 19-34.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, M. e outros. **Os dicionários e avatares gestuais**. Lisboa: Universidade católica Editora, 2012

Meu primeiro dicionário **Saraiva** da língua portuguesa ilustrado. 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

Meu primeiro dicionário: **Caldas Aulete**: com a Turma do Cocoricó. – São Paulo: Globo, Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2009.

NASCIMENTO, S. P. F. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica**. Tese de doutorado. 108 Brasília: Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, 2009.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil: análise e história**, Campinas, São Paulo: Pontes Editores, Fapesp, 2006.

PADDEN, C. A. **Interaction of morphology and syntax in American Sign Language**. New York/London: Garland Publishing, [1983], 1988.

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M.. **Tópicos de Linguística aplicados à Língua de Sinais: Semântica e Pragmática**. Apostila de Língua Brasileira de Sinais V, UFSC, Florianópolis-SC, 2009

_____. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira**. Tese de doutorado. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: EdUECE. 2009

QUADROS, R. M. DE.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____, SHIMIÉDT, M. L.P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

_____. PIMENTA, N. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.

OATES, E. **Linguagem das mãos** [1969]. Aparecida: Santuário, 1988.

REY-DEBOVE, J. **À procura da distinção oral/escrito**. In: CATACH, Nina (Org.) Para uma teoria da língua escrita. São Paulo, Ática, 1998.

SANTIAGO, M.S. **Análises constrativas de microestruturas em dicionários escolares**. Pesquisas em Discurso Pedagógico, 1. 2012. <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br>>. Acesso: 24/07/2016

SANTOS, R.C; COSTA G. B. **Estrutura fonológica da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa: questões sobre a (in)dependência na estrutura lingüística**. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04, t. 2, – Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012.

SOFIATO, C. G. **Do desenho à litografia: a origem da língua brasileira de sinais**. 2011. 265 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2011.

_____; REYLE, Lucia Helena. **Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical**. Educ. Pesquisa. vol.40 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2014

STROBEL, K. **As imagens do Outro sobre a cultura surda** - Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

STOKOE, W. **Sign Language Structure**. Reedição. Silver Spring: Linstok Press, 1960.

SILVA, M. M. A. **Dicionário Terminológico da Gestão Pela Qualidade Total em Serviços**. Orientadora: Profa. Dra. Ieda Maria Alves. Tese (doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>>. Acesso: 23/07/2016

SILVA, D. **Estudo lexicográfico da língua Terena: Proposta de um dicionário bilíngue Terena-Português**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)-UNESP. São Paulo, 2013.

TARP, S. **Desafíos teóricos y prácticos de la lexicografía de aprendizaje** In: BEVILACQUA, C.R. (Org.); HUMBLE, P. (Org.); XATARA, C. M. (Org.). *Lexicografia Pedagógica: Pesquisas e Perspectivas*. Florianópolis: UFSC/NUT, 2008.

TEMOTEO, J. G. (2012). **Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste**. Tese de doutorado. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo.

VILARINHO, M. M. O. **Proposta de Dicionários Informatizado Analógico da Língua Portuguesa**. 2013. 307f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2005.

ZACARIAS, R. A. S. **Dicionário e Ensino de Línguas: Estudo das Estratégias de Uso dos Dicionários por Aprendizes Brasileiros de Inglês como Língua Estrangeira**. (Dissertação de Mestrado em Letras) – FCL, UNESP, Assis. 1997.

XATARA C.; BEVILACQUA, C. R. e HUMBLÉ, P. R. M. (Orgs.) **Dicionário na teoria e na prática: como e para quem são feitos**, São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

APÊNDICE

Obras lexicográficas				
Sinais	DEIT/Libras	Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais		
		Vol. 1	Vol. 2	Vol. 3
Abacaxi	x			
Abelha		X		
Abraçar		X		
Abraço		X		
Abril		X		
Acender		X		
Achar			x	
Acordar		X		
Açúcar		X		
Adulto		X		
Aeroporto		X		
Agora		x		
Agenda				X
Agosto				X
Água				X
Álbum				X
Alegre				X
Algodão			X	
Alimento			X	
Almoço			X	
Alto	X			
Amanhã	X			
Amarelo	X			
Ambulância	X			
Amigo	X			
Amor		x		
Andar	X			
Anel	X			
Aniversário	X			
Ano	X			
Antes	X			
Apagar		X		

Apartamento		X		
Apito		X		
Aprender		X		
Aqui		X		
Areia			X	
Arrumar			X	
Árvore			X	
Atleta			X	
Atrasado			x	
Aula	X			
Ave			x	
Avião				X
Avisar				X
Avó				X
Azul				X
Bagunça				X
Baixo				X
Bala				X
Balança				X
Baleia				X
Bambolê				X
Banana				X
Banco				X
Bandeira				X
Banheiro				x
Barato	X			
Barco	X			
Barraca	X			
Barulho	X			
Batata Frita	X			
Batata	X			
Basquete	X			
Bebê	X			
Bermuda	X			
Bicho de pelúcia	X			
Bicicleta	X			
Biscoito	X			
Bode	X			
Boi	X			

Bola	X			
Bola de gude				X
Bolsa				X
Bom				X
Bom dia				X
Boa tarde				X
Boa noite				X
Boné				X
Boneca				X
Bonito				x
Borboleta		x		
Borracha	X			
Branca de neve	X			
Branco	X			
Brigadeiro	X			
Brincadeira de roda	X			
Brincar	X			
Buraco	X			
Cabelo	x			
Cachorro		X		
Café		X		
Cadeira		X		
Cair		X		
Caju		X		
Calça		x		
Calmo	X			
Calor	X			
Cama	X			
Caminhão	X			
Camisa	X			
Campo	X			
Canoa	X			
Cansado	X			
Cantar	X			
Caracol		X		
Carangueijo		X		
Carne		X		
Caro	X	X		
Carro	X	X		

Casa	X	X		
Casaco	X	X		
Castelo	X	X		
Castigo	X	x		
Cavalo	X			
Cebola	X			
Cedo	X			
Cego	x			
Cenoura			X	
Certo			X	
Céu			X	
Chá			X	
Chamar			X	
Chapéu			X	
Chapeuzinho vermelho			X	
Chave			X	
Cheirar			x	
Chocolate				
Chover				X
Chuva				X
Cidade				X
Cima				X
Cinderela				X
Cinema				X
Cinto				X
Cinza				X
Circo				X
Cobra				X
Coelho	X			x
Colégio	X			
Colher	x			
Comer	X			
Computador	X			
Conhecer	X			
Consertar	X			
Conversar	x			
Corpo	X			
Coruja	X			

Criança	X			
Cuidar	X			
Dançar	X			
Dar	X			
Demorar	X			
Dentro	X			
Depois	X			
Desculpa	X			
Devagar	X			
Dezembro	X			
Dia	X			
Diálogo			X	
Diferente	X			
Difícil			X	
Dinheiro			X	
Dividir			X	
Doce			X	
Doente			X	
Dois			X	
Dor			X	
Dormir			X	
Duro			X	
Duzentos	X			
Educação			X	
Educar			X	
Elefante			x	
Embaixo	X			
Emprestar	X			
Embora	X			
Encontrar	X			
Endereço		x		
Energia		X		
Enganar		X		
Ensinar		X		
Entender		X		
Entrar		X		
Entregar		X		
Errado		X		
Enxugar		X		

Errar		X		
Escada		X		
Escova		X		
Escrever		X		
Escola		X		
Escuro		X		
Escutar		X		
Esperar		X		
Esquecer		x		
Estragar				
Estrela	X			
Estudar	X			
Exemplo	X			
Exercício	X			
Explicar	X			
Fábrica	X			
Fácil	X			
Falar	X			
Faltar	X			
Família	X			
Fantasma	X			
Farmácia	X			
Farol	X			
Fazenda	X			
Feijão	X			
Feio	X			
Feliz	X			
Feminino	X			
Feriado	X			
Férias	x			
Ferro	X			
Ferver	X			
Festa	X			
Fevereiro	X			
Filha	X			
Filme	X			
Fim	X			
Fio	X			
Flauta	X			

Flor	X			
Fogão	X			
Fogo	X			
Folha	X			
Fome	X			
Fora	X			
Formiga	X			
Forte	X			
Foto	X			
Fraco	X			
Frente	X			
Frio	X			
Fruta	X			
Fugir	X			
Futebol	X			
Futuro	X			
Galinha	X			
Ganhar	X			
Garrafa	X			
Gastar	X			
Gato	X			
Geladeira	X			
Gêmeo	X			
Girafa	X			
Gol	X			
Gordo	X			
Gostar	X			
Grama	X			
Gravar	X			
Gritar	X			
Guarda-chuva	X			
Guardar	X			
Helicóptero	X			
Hoje	X			
Homem	X			
Hora	X			
Hospital	X			
Humano	X			
Idade	X			

Igual	X			
Ilha	X			
Imaginar	X			
Importante	X			
Índio	X			
Informar	X			
Interessante	X			
Inverno	X			
Imã	X			
Ir	X			
Jacaré	X			
Jangada	X			
Janeiro	X			
Jantar	X			
Jornal	X			
Jovem	X			
Julho			X	
Junho			X	
Juntar			X	
Lago			X	
Lâmpada			X	
Lanche			X	
Lanterna			X	
Lápis			X	
Laranja	X		X	
Lavar			X	X
Leão			X	X
Leite			X	X
Lençol			X	X
Ler			X	X
Limão			X	X
Limpo			X	X
Lindo			X	X
Livro			x	X
Lixo				X
Lua	X			X
Luz	X			X
Maçã	X			X
Macaco	X			X

Macarrão	X			X
Macio	X			X
Madeira	X			X
Madrinha	X			X
Mãe	X			X
Maio	x			X
Mamão				X
Manga				x
Manhã				
Máquina		X		
Mar		X		
Marrom		X		
Medo		X		
Meia		X		
Melancia	X			
Melhor	X			
Menina	X			
Mentira	x		X	
Mês				X
Mesa				x
Metrô		x		
Milho	X			
Mochila	X			
Morango	X			
Morar	X			
Mosca	X			
Mulher	X			
Mundo	X			X
Nadar	X			X
Nascer	X			X
Navio	X			X
Noite	X			X
Nome	x			X
Novo				X
Nove				X
Noventa				X
Novembro				X
Nu	X			
Nuvem	X			

Obedecer	X			
Óculos	X			
Olhar	X			
Ônibus	X			
Ontem	X			
Outono	X			
Outubro	X			
Ouvir	X			
Ovo	X			
Onze	X			
Pá	X			
Padrinho	X			
Pagar	X			
Pai	X			
Pais	X			
Palhaço	X			
Pão	X			
Papagaio	X			
Papel	X			
Passar	X			
Pássaro	X			
Pato	X			
Patinho feio	X			
Pedra	X			
Peixe	X			
Pegar	X			
Pente	X			
Pequeno	X			
Perder	X			
Pesado	X			
Perto	X			
Pescar	X			
Pinguim	X			
Pintar	X			
Pipoca	x			
Planta			X	
Pobre			X	
Poder			X	
Polícia			X	

Ponte			X	
Porco			X	
Porta			X	
Praça			X	
Praia			X	
Prato			X	
Precisar			X	
Preguiça			X	
Primavera			x	
Professor			X	
Pular			X	
Puxar			X	
Quadro			X	
Quarta-feira	X		X	
Quarto	X		x	
Quebrar	X			
Queijo	X			
Quente	X			
Quinta-feira		X		
Quatorze		X		
Quinze		X		
Querer		X		
Rádio		X		
Rainha		X		
Rápido		X		
Rapunzel		X		
Rasgar		X		
Rato		X		
Rede		X		
Régua		X		
Rei		X		
Relâmpago		X		
Relógio		X		
Remédio		X		
Repetir		X		
Resfriado		X		
Responder		X		
Revista		X		
Rico	X	X		

Rir	X	X		
Robô	X	X		
Roupa	X	X		
Rua	X	X		
Ruim	X	X		
Sábado	X	X		
Sabonete	X	X		
Saber	X	X		
Saci	X	X		
Sacola	X	X		
Sair	X	X		
Sanduíche	X	X		
Sapato	X			
Saudade	X			
Saúde	X			
Secar	X			
Segredo	X			
Segunda-feira	X			
Seis	X			
Semana	X			
Separar	X			
Sereia	X			
Sessenta	X			
Sete	X			
Setembro	X			
Setenta	X			
Sexta-feira	X			
Sinal	X			
Sol	X			
Sono	X			
Sorvete	X			
Sorrir	X			
Sozinho	X			
Subir	X			
Suco	X			
Sujo	X			
Suor	X			
Supermercado	X		X	
Surdo	X		X	

Susto	X		X	
Talvez	X		X	
Tamanduá	X		X	
Tamanho	X		X	
Tangerina	X		X	
Tartaruga	X		X	
Tatu	X		X	
Teatro	X		X	
Telefone	X		X	
Televisão	X		X	
Temperatura	X		X	
Tempo	X		X	
Tênis	X		X	
Ter	X		X	
Terça-feira	X		X	
Terra	X			
Tesoura	X			
Tia	X			
Toalha	X			
Tomate	X			
Torneira	X			
Trabalho	X			
Tranquilo	X			
Travesseiro	X			
Trem	X			
Trinta	X			
Triste	X			
Três	X			
Tubarão	X			
Tucano	X			
Turma	X		X	
Último	X		X	
Um	X		X	
Unha	X		X	
Usar	X		X	
Uva	X		X	
Vaca	X		X	
Vapor	X		X	
Vassoura	X		X	

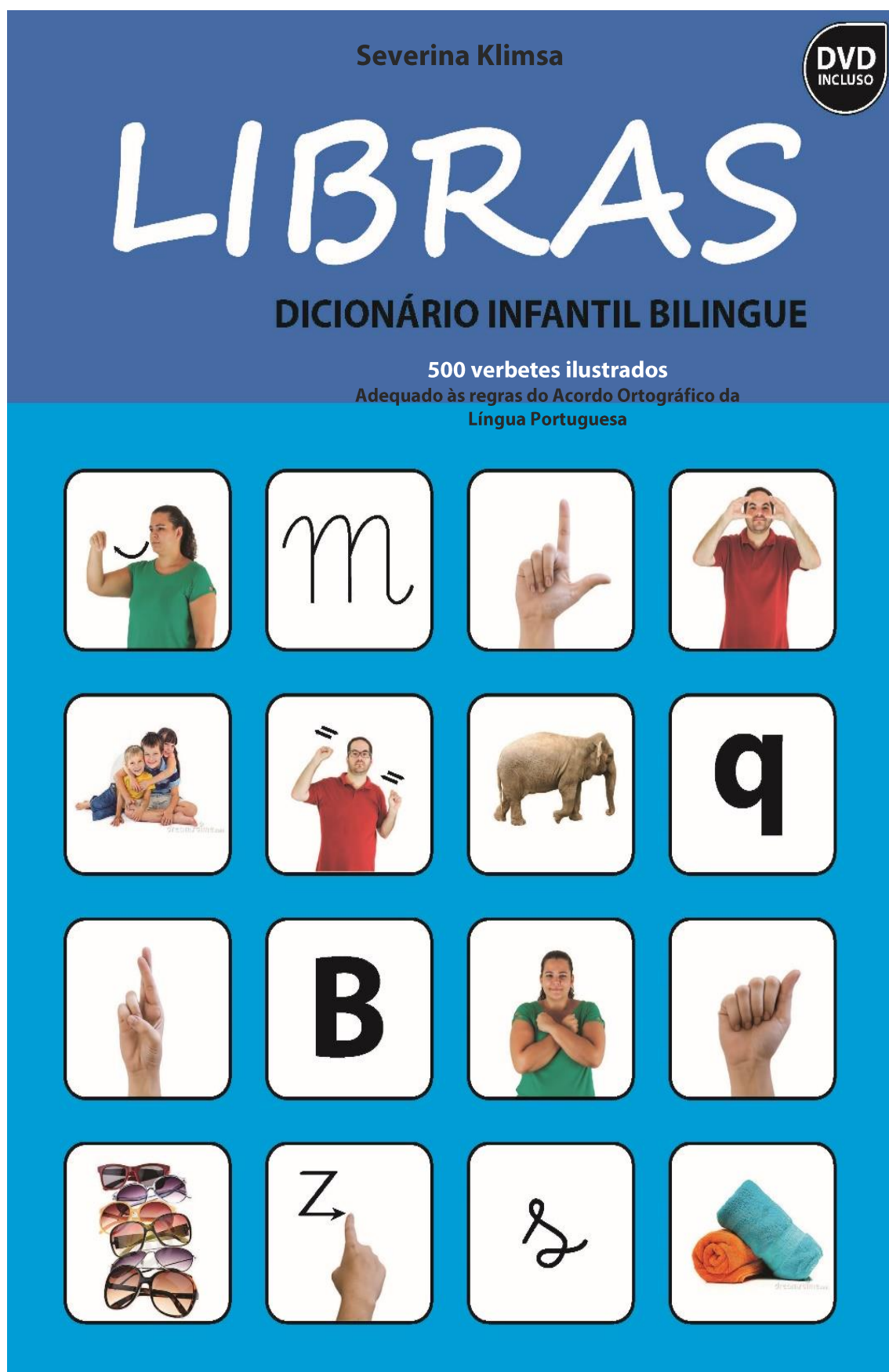
Vela	X		X	
Velho	X		X	
Vencer	X		X	
Vender	X		X	
Vento	X		X	
Ver	X		X	
Verdade	X		X	
Vermelho	X		X	
Viagem	X		X	
Vida	X		X	
Vidro	X		X	
Vinte	X		X	
xVisitar	X			
Vizinho	X			
Vxôlei	X			
Voltar	X			
Xadrez	X			
Xampu	X			
Xícara	X			
Xixi	X			
Zebra	X			
Zero	X			
Zíper	X			
Zoológico	X			

Quadro com os sinais de Libras selecionados de acordo com o campo temático

Alimentos	Animais	Brinquedos e brincadeiras	Esportes	Escola	Família	Transportes
Abacaxi	Abelha	Bola	Basquete	Aluno	Irmão	Avião
Açúcar	Baleia	Bola de Gude	Futebol	Bolsa	Filha	Barco
Ave	Bode	Bambolê	Natação	Borracha	Mãe	Bicicleta
Banana	Boi	Boneca	Tênis	Colégio	Madrinha	Caminhão
Café	Cachorro	Brincadeira de	Vôlei	Computador	Padrinho	Canoa
Caju	Cavalo	roda	Xadrez	Lápis	Pai	Carro
Carne	Cobra	Balão		Lanterna	Tia	Helicóptero
Cebola	Coelho	Circo		Livro		Jangada
Cenoura	Coruja	Escada		Mesa		Metrô
Chá	Elefante	Flauta		Mochila		Navio
Chocolate	Galinha	Palhaço		Papel		Ônibus
Feijão	Gato	Robô		Professor		Trem
Laranja	Girafa			Quadro		
Leite	Jacaré			Régua		
Limão	Leão			Revista		
Maçã	Macaco			Turma		
Mamão	Papagaio					
Manga	Pássaro					
Melancia	Pato					
Milho	Peixe					
Morango	Porco					
Pão	Rato					
Peixe	Tamanduá					
Pipoca	Tatu					
Queijo	Tubarão					
Sorvete	Tucano					
Suco	Vaca					
Tangerina	Zebra					
Tomate						
Uva						

ANEXO

MODELO DO DIBLIP

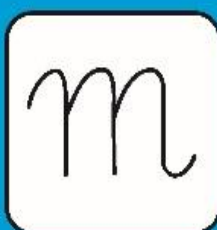


Severina Klimsa

DVD
INCLUSO

LIBRAS

DICIONÁRIO INFANTIL BILINGUE





A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

W

X

Y

Z

**ABELHA (A-BE-LHA)**

Inseto que fabrica o mel.

☞ A *abelha* é um inseto pequeno

**ABRAÇAR (A-BRA-ÇAR)**

Quando apertamos entre os braços com carinho e amizade.

☞ As crianças estão *abraçadas* para fotografar

**ACENDER (A-CEN-DER)**

Fazer com que algo produza luz.

☞ A lâmpada do quarto está *acesa*.



A

B

AVISAR

AZUL

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

W

X

Y

Z

**AVISAR (A-VI-SAR)**

Comunicar algo a alguém.

👉 A garota **avisa** que as crianças devem voltar para o ônibus

**ÁRVORE (AR-VO-RE)**

Planta lenhosa que tem caule, folhas, flores e dá frutos.

👉 A **árvore** tem muitas folhas

**BORBOLETA (BOR-BO-LE-TA)**

Cor fria entre os tons de azul que está entre o verde e o violeta.

👉 A asa da borboleta é **azul**



BANANA (BA-NA-NA)

Fruta comprida com casca grossa e que nasce em cachos.

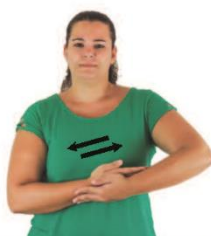
👉 A *banana* é uma fruta gostosa



BEBE (BE-BÊ)

Ser humano entre o nascimento até um ano de idade.

👉 O *bebê* quer andar logo



BOLA (BO-LA)

Objeto redondo que serve para brincar e jogar.

👉 Eu ganhei uma *bola* de futebol



A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z

**CACHORRO (CA-CHOR-RO)**

Animal doméstico de quatro patas da família dos lobos.

👉 O *cachorro* é lindo.

**CARRO (CAR-RO)**

Veículo usado para transportar pessoas.

👉 O *carro* de meu pai é um fusca vermelho

**CONVERSAR (COM-VER-SAR)**

Falar com alguém sobre alguma coisa.

👉 Os rapazes *conversam* sobre trabalho



A

B

C

D

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

W

X

Y

Z



A

B

C

D

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

W

X

Y

Z

**DIA (DI-A)**

Espaço de tempo que vai do nascer ao pôr do sol, quando ainda está claro.

👉 O *dia* está ensolarado na praia

**DINHEIRO (DI-NHEI-RO)**

São notas ou moedas que as pessoas usam para comprar e pagar coisas.

👉 Com *dinheiro* podemos comprar muitas coisas

**DOCE (DO-CE)**

São alimentos gostosos feitos com açúcar.

👉 Eu ganhei muitos *doce*s coloridos



A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
X
Z



EeEe



ELEFANTE (E-LE-FAN-TE)

Maior mamífero terrestre com tromba, presas de marfim e orelhas grandes.

👉 O *elefante* é grande e forte



ENCONTRAR (EN-CON-TAR)

Descobrir algo escondido ou perdido.

👉 A garota *encontrou* a caneta encima do armário





ESCREVER (ES-CRE-VER)

Fazer letras ou números em uma superfície.

👉 Na escola aprendemos a *escrever* primeiro com o lápis







A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z

FAMÍLIA (FA-MÍ-LIA)

Grupo de pessoas que tem pai, mãe, filhos, irmãos, avós, tios, primos.



👉 Minha *família* é grande e tem um cachorro fofo

FELIZ (FE-LIZ)

É permanecer alegre por algum motivo.



👉 A mulher está tão *feliz* que pulou alto

**FORMIGA (FOR-MI-GA)**

Pequeno inseto que vive em sociedade, chamada formigueiro.



👉 A *formiga* faz seu ninho no chão e nas árvores



A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z

GANHAR (GA-NHAR)

Receber ou conseguir algo sem fazer esforço.



👉 O homem *ganhou* a corrida

GOSTAR (GOS-TAR)

Achar bom o gosto de alguma coisa; sentir carinho e amizade por alguém; ter prazer com alguma coisa.



👉 A garota *gosta* do seu cachorro

GUARDA-CHUVA (GUAR-DA CHU-VA)

Objeto que ajudar quando chove para você não se molhar.



👉 O *guarda-chuva* preto é de meu irmão



Hh Hh

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z



HELICÓPTERO (HE-LI-COP-TE-RO)

Meio de transporte aéreo com hélice em cima e não tem asas.

👉 O *helicóptero* voa alto no céu



HOMEM (HO-MEM)

Pessoa do sexo masculino.

👉 Aquele *homem* é meu pai



HORA (HO-RA)

Período de tempo que dura uma hora.

👉 Dez *horas* é o intervalo para o lanche





A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z

**IDADE (I-DA-DE)**

Número de anos de uma pessoa ou animal contados a partir de seu nascimento.

👉 Ana completou 5 anos de *idade*

**IGUAL¹ (I-GUAL)**

O que não tem diferença em relação ao outro, idêntico.

👉 Os bebês gêmeos são *iguais*

**IGUAL² (I-GUAL)**

Semelhante, com o mesmo comportamento.

👉 Pai e filhos são *iguais*



A		
B	IGUAL	IRMÃO
C		IGUAL³ (I-GUAL) Do mesmo valor, aspecto ou quantidade, idêntico.  A roupa da boneca é <i>igual</i> a da criança
D		
E		
F		
G		
H		
I		
J		
L		
M		
N		INVERNO (IN-VER-NO) Estação mais fria do ano.  No <i>inverno</i> tem neve em alguns países
O		
P		
Q		
R		
S		
T		
U		
V		
X		
Z		
		IRMÃO (IR-MÃO) Pessoa nascida dos mesmos pais ou de só um deles.  Meu <i>irmão</i> é maior que eu
		

- 18 -

**JACARÉ (JÁ-CA-RÉ)**

Animal réptil que tem cauda longa, boca grande e vive nos rios e pântanos..

👉 O *jacaré* é um animal perigoso

**JORNAL (JOR-NAL)**

Folhas de papel que tem várias notícias impressas..

👉 No *jornal* podemos ler várias notícias.

**JOVEM (JO-VEM)**

Pessoa que tem pouca idade, que não é mais criança e ainda não é adulto.

👉 Os *jovens* passaram no vestibular e estão felizes



A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z



LÁPIS

Instrumento feito de madeira ou outro material usado para escrever ou desenhar..

👉 Eu uso o *lápiz* para escrever as letras



LER

Reconhecer as letras e entender os sentidos das palavras.

👉 O meu pai ler o *jornal* todas as manhãs



LIVRO

Conjunto de folhas de papel com capa e presas de um lado e que pode conter textos e imagens.

👉 O *livro* está aberto



dreamstime.com



A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z



A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z

MÃE

Mulher que tem filhos.

👉 A mãe segura seu bebê no braço

**MEDO**

Sensação desagradável que uma pessoa ou animal tem quando está em perigo.

👉 A mulher gritou de medo da barata

**MULHER**

Ser humano do sexo feminino.

👉 Aquelas mulheres são amigas de infância





NAS CER

Vir ao mundo,
sair da barriga da mae
ou do ovo.

👉 O pintinho
nasce do ovo



NOME

É uma palavra que
usamos para chamar
as pessoas e animais.

👉 As crianças
mostram
seus nomes
para os amigos



NUVEM

Massa branca que
vemos no céu composta por
gotas de água ou
pedacinhos de gelo.

👉 A nuvem
parece algodão



ÓCULOS

Instrumento que ajuda a enxergar melhor e que fica preso nas orelhas.

👉 Eu tenho vários *óculos* de sol



OLHAR

Quando você ver alguma coisa ou pessoa com os seus olhos.

👉 O cachorro *olha* para o gato



OUVIR

Receber os sons pelo sentido da audição.

👉 O menino *ouviu* a mãe chamar

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z



P p P p



PALHAÇO

Artista que se apresenta de maneira engraçada normalmente no circo.

👉 O palhaço faz coisas engraçadas



PINTAR

Colorir usando tinta, lápis de cor um desenho ou algum objeto.

👉 A moça pinta a parede da sala



PULAR

Elevar-se do chão por impulso dos pés e das pernas; saltar.

👉 A menina pula alto



Q q Q q

A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
X
Z





QUEBRAR

Fazer algo em pedaços.

👉 O vaso de cerâmica está *quebrado*





QUEIJO

Um alimento feito de leite.

👉 Eu gosto de sanduíche com *queijo*





QUENTE

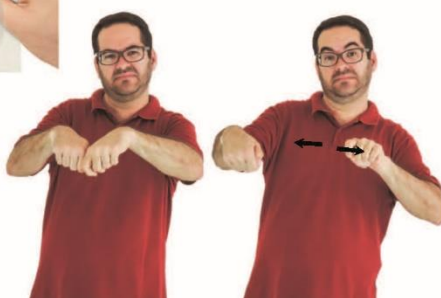
É quando há calor.

👉 O café está *quente*

- 31 -



R r R r



RASGAR

Romper ou partir uma coisa inteira.

👉 A mulher *rasgou* a folha de papel



REMÉDIO

É um medicamento que tomamos quando estamos doentes para ficar bom logo.

👉 Só tomamos *remédio* quando estamos doente.



ROUPA

Vestuário que usamos para cobrir nosso corpo e ficarmos bonitos.

👉 Eu ganhei muita *roupa* de presente

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z



S s

S s

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z



SOL

Uma estrela em torno da qual a terra gira para ser iluminada.

 O **sol** é muito quente ao meio dia



SONO

Estado de repouso normal, próprio de quem está dormindo.

 O menino está com muito sono



SUJO

O que não está limpo.

 Os pratos estão **sujos**

- 35 -



T t T t



TARTARUGA

Animal réptil que tem casco duro e vive mais de 100 anos.

👉 A *tartaruga* vive mais de 100 anos



TESOURA

Instrumento usado para cortar coisas.

👉 Com a *tesoura* podemos cortar papel e várias coisas



TOALHA

Peça de tecido usada para enxugar o corpo ou para cobrir uma mesa.

👉 Mamãe me deu duas *toalhas* macias

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z



A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z

**ÚLTIMO**

É o que está no fim de uma fila.

☞ Coitada de minha irmã, é a *última* da fila!

**UNHA**

É uma parte do corpo que fica nos dedos da mão e dos pés..

☞ A mulher pintou as *unhas* bem coloridas!

**UVA**

É uma fruta que dá em cachos e pode ser verde ou vermelha.

☞ A *uva* é gostosa e doce.



VACA

Animal grande que produz
o leite que tomamos no
café da manhã..

👉 A *vaca* produz
o leite que tomamos



VIDRO

Material sólido e que
pode quebrar,
faz vários recipientes.

👉 Na minha casa
tem um vaso
de *vidro* azul



VISITAR

Ir a algum lugar ver
uma pessoa ou um local.

👉 O rapaz *visitou*
a mãe dele

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

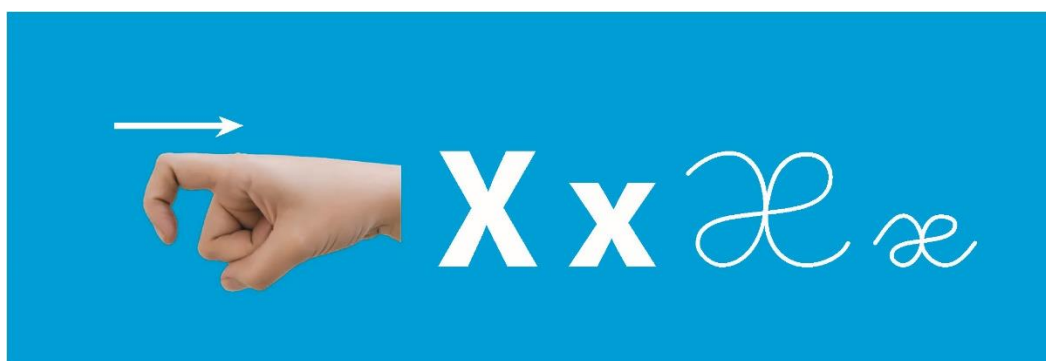
T

U

V

X

Z



XADREZ

É um jogo que tem um tabuleiro e várias peças.

👉 O garoto gosta de jogar *xadrez*



XÍCARA

Pequena vasilha que usamos para tomar café, chá, chocolate quente.

👉 Todos os dias tomo café com leite na *xícara* branca



XIXI

Líquido com todo o que o corpo não quer e que sai do nosso corpo quando vamos ao banheiro.

👉 O cachorro fez *xixi* no lugar errado

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

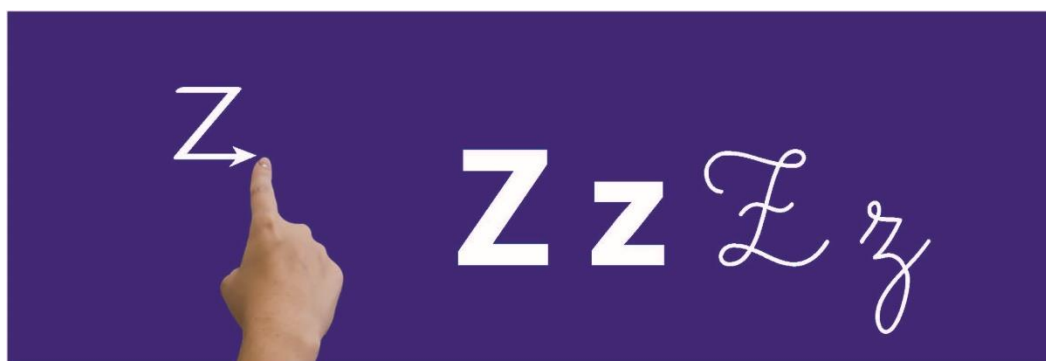
T

U

V

X

Z



ZEBRA

É um animal parecido com um cavalo, mas que tem listas pretas e brancas no corpo e vive na África.

👉 A *zebra* é um animal veloz



ZÍPER

É uma peça que usamos para fechar roupas e calças compridas.

👉 Mamãe comprou um *zíper* novo para trocar o de minha calça



ZOOLOGICO

Lugar que tem vários animais de diferentes lugares do mundo.

👉 No *zoológico* tem muitos animais diferentes

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z

Sistema de Transcrição para a LIBRAS

A LIBRAS será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc;
2. um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc;
3. um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^ . Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra";
4. a datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;
5. o sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico. Exemplos: R-S "reais", A-C-H-O, QUM "quem", N-U-NC-A, etc;
6. na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)" , FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)" etc;
7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está

acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao: a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou... i ... negativa ou ... neg ... etc

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?! b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f "espantado" etc;

9. os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar: i = ponto próximo à 1ª pessoa, j
 = ponto próximo à 2ª pessoa, e k' = pontos próximos à 3ª
 pessoas, e = esquerda, d =
 direita;

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:
 Exemplo: GAROTA +

11. quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

FONTE: Felipe (2011)